BRUNA BREDA

Infância: imagens e memórias de adultos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

2010

BRUNA BREDA

Infância: imagens e memórias de adultos

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: Sociologia da Educação
Orientadora: Profª Drª Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento

São Paulo

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

301.43 Breda, Bruna

B831i Infância : imagens e memórias de adultos / Bruna Breda ; orientação Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento. São Paulo : s.n., 2010.
135 p. : il.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Infância – Sociologia 2. Educação infantil 3. Sociologia da educação 4. Memória social I. Nascimento, Maria Letícia Barros Pedroso, orient.

BREDA, Bruna. **Infância: imagens e memórias de adultos**. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha mãe, meu pai e minha irmã

A meu marido

A todos aqueles que independente de cargos e títulos foram meus professores

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento pela orientação, dedicação, exigência, companheirismo, amizade e por acreditar nesta pesquisa;

Às Profas Dras Fernanda Müller e Dislane Zerbinatti Moraes pelo apoio e sugestões oferecidas no Exame de Qualificação e ao longo desta pesquisa;

À minha família, pai, mãe e irmã, obrigada por fazerem parte da minha vida, pelo amor e pelas escolhas que me conduziram até aqui. Ao Cleiton pelo amor, companheirismo, apoio e por estar presente neste processo tão importante;

Às famílias Carvalho e Breda por serem parte da minha vida e fazerem parte de quem sou. Às famílias Rioto e Martins por me receber em suas vidas e compartilharem da minha;

Às amadas professoras e professores de todas as escolas onde estudei, vocês são responsáveis pelas escolhas que fiz. Aos amigos das escolas onde trabalhei, por compartilharem da profissão que tanto amo;

Aos meus amigos pelas memórias, carinho, parceria e por tantas vezes me escutarem falar desta pesquisa;

A todas e todos que neste percurso acadêmico entraram e fazem parte da minha vida, em especial à Comissão Organizadora do V COPEDI, aos amigos do GEPSI e do grupo Inclusão ou Exclusão? e aos funcionários da FEUSP;

Às colegas, amigas e companheiras de viagem Bianca, Renata, Débora, Lisandra, Sylvie e Letícia;

À querida família Guedes pela inspiração e amizade;

À instituição de educação infantil e aos funcionários que me receberam generosamente;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio à pesquisa;

Às nove pessoas tão especiais que generosamente compartilharam comigo suas memórias de infância, se não fosse por vocês esta pesquisa não existiria;

A todos que de alguma forma tornaram esta pesquisa possível.

RESUMO

BREDA, Bruna. **Infância: imagens e memórias de adultos**. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A pesquisa tem por objetivo identificar quais imagens da infância os adultos têm. Foi desenvolvida em uma perspectiva qualitativa com o propósito de compreender o que pensam acerca da infância e coletou memórias de infância de nove adultos que têm em comum o fato de seus filhos frequentarem uma instituição pública de educação infantil. Sustentada pelo referencial teórico da Sociologia da Infância compreende a infância enquanto categoria da estrutura social em sua divisão geracional. Utiliza os paradigmas da área acerca da construção social, histórica e cultural das imagens e representações de infância. Com o apoio das teorias da Memória Coletiva a pesquisa compreende a influência que o passado exerce na percepção do presente e na construção de concepções e imagens, neste caso, da infância. A pesquisa de campo revelou que tanto as experiências vividas pelos sujeitos adultos quando crianças como as representações sociais da infância exercem influência na maneira de se conceptualizar e imaginar a infância nos dias de hoje.

Palavras-chave: Infância; Sociologia da Infância; Memória Coletiva, Imagens da Infância; Memórias de Infância.

ABSTRACT

BREDA, Bruna. **Childhood: images and memories of adults.** 2010. 133f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

This research aims to identify which childhood images adults have. It was developed in a qualitative perspective with the purpose of understanding what they think about childhood and collected childhood memories from nine adults that share the fact of their children attend the same public kindergarten. Based on the theoretical framework of Sociology of Childhood understands childhood as a category of social structure in a generational division. The research uses the field's paradigm of socially, historically and culturally constructed images and models of childhood. Supported by the Collective Memory theories the research understands the influence that past has upon the present's perception and upon the conceptions and images of childhood construction, in this case. The field research revealed that both the experiences of these adults while they were children and social models of childhood influence the manner of conceiving and imagining childhood nowadays.

Key-words: Childhood; Sociology of Childhood; Collective Memory; Childhood Images; Childhood Memories.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Abordagens de pesquisa em Sociologia da Infância 15
Quadro 2 – Ano de defesa 16

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E MEMÓRIA 13
1.1 Introdução ao campo de pesquisa – a Sociologia da Infância 14
1.2 Imagens da infância 18
1.2.1 **Concepções de criança e infância numa perspectiva pré-sociológica** 19
1.2.2 **Concepções de criança e infância numa perspectiva sociológica** 24
1.3 Sobre a memória 28
1.3.1 **A memória (é) coletiva** 32
1.3.2 **Memória Coletiva e construção de imagens da infância** 38
2 CAMINHOS DA PESQUISA 41
2.1 Da escolha da instituição de Educação Infantil e dos entrevistados 43
2.2 Das entrevistas e coleta de dados 46
3 BREVES RETRATOS 50
3.1 Gabriel 50
3.2 Suzana 56
3.3 Fernanda 62
3.4 Felipe 66
3.5 Débora 72
3.6 Alice 77
3.7 Renata 82
3.8 Érica 86
3.9 Vanessa 93
4 A INFÂNCIA NA MEMÓRIA DOS ADULTOS 100
4.1 Os lugares da infância 102
4.2 Os brinquedos, jogos, brincadeiras e atividades 108
4.3 Relações intra e intergeracionais 112
4.4 Sentimentos em relação à infância vivida (rememorada): as imagens-chave 116
CONSIDERAÇÕES FINAIS 124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126
ANEXOS 131

INTRODUÇÃO

“Meu filho não tem infância”, assim começou a pesquisa ora apresentada, durante uma conversa com pais de uma criança, com então sete anos de idade, quando esta frase resumiu as aflições sentidas por eles. Esta afirmação levou-me a perceber que, ao conversar com outras famílias, tal queixa era uma constante entre pais cujos filhos tinham idade entre quatro e oito anos.

Em sua maioria estes pais queixavam-se que as crianças não sabem brincar na rua, que não gostam de brincadeiras como pega-pega, andar de bicicleta e outras tantas que eram comuns há vinte ou trinta anos quando eram crianças. Além disso, se queixavam do excessivo tempo que as crianças passam em frente à televisão, aos computadores e *videogames*. O que estaria acontecendo? Estas crianças realmente não teriam infância? O que estes adultos pensam sobre a infância?

Naquela época ocupava a posição de professora de educação infantil em um colégio da rede privada de ensino que atendia desde a pré-escola até o ensino médio, local onde trabalhei entre os anos de 2004 e 2006. O início de minha carreira docente foi na educação infantil, nível de educação no qual atuei, em diferentes instituições, de 2000 a 2008 exercendo no ínterim (2002 e 2003) o magistério no ensino fundamental.

Cursei dois anos de magistério em nível técnico e posteriormente a graduação de Pedagogia. Após o término da graduação foquei meus estudos na prática docente, principalmente por não estar certa a respeito do tema que perseguiria em pesquisas acadêmicas, até que na conversa com uma família de um ex-aluno tive certeza de que meu objeto de estudo seria a infância.

Diferentes concepções acerca da infância podem ser identificadas desde a sua invenção na modernidade, ou melhor, desde o reconhecimento que crianças são diferentes de adultos (ARIÈS, 1981). Tais diferenças podem ser facilmente observadas ao considerar atributos físicos e biológicos, mas não se reduzem a isto. São papéis sociais, culturais, políticos e econômicos, entre outros, que diferenciam aqueles sujeitos pertencentes à categoria infância daqueles pertencentes às outras categorias geracionais (velhice e idade adulta). O que adultos pensam a respeito da infância? O que pensam sobre o que viveram quando criança? Do que se lembram? O que é mais significativo? O que pensam a respeito das vidas de seus filhos? Será que postulam a ideia de que eles não têm infância? Será que os modos de vida

das crianças mudaram tanto num espaço de tempo de vinte ou trinta anos? Se sim, de que maneira e por qual razão?

A pesquisa desenvolveu-se no sentido de encontrar respostas a estas perguntas e seu problema central: quais imagens adultos têm da infância? Com este objetivo buscou a partir da fala de um grupo de adultos a identificação e compreensão de concepções e imagens de infância.

O projeto inicial da pesquisa utilizava os estudos da História da Infância para sustentar a ideia de que a infância é mais uma construção social, que sofreu modificações ao longo do tempo, do que um dado biológico. Com o ingresso no mestrado o estudo passou a ser sustentado pelas teorias da Sociologia da Infância que entende as crianças como atores sociais pertencentes a esta categoria, agentes na sociedade, e a infância como um conceito abstrato, uma construção social localizada historicamente, uma categoria da estrutura social que se constrói em alteridade às outras categorias (QVORTRUP 1993, 1994; SARMENTO, 2005; CORSARO, 1997; JAMES, JENKS, PROUT, 1998).

Tendo em vista a perspectiva de infância apresentada pela Sociologia da Infância e o problema de pesquisa, a coleta de dados foi realizada com nove adultos, pais de crianças que frequentavam uma instituição de educação infantil. A sustentação teórica da pesquisa passou a compreender, em conjunto com a Sociologia da Infância, as teorias da Memória Coletiva, pautadas em especial nas produções de Maurice Halbwachs (1935, 2006). A partir das teorias da Memória Coletiva é possível compreender o papel que as experiências vividas no passado adquirem ao se pensar sobre o presente, e, especificamente neste estudo, como as memórias de infância operam na percepção da infância nos dias de hoje. Considerando a influência exercida pelo passado optou-se por focalizar as memórias de infância para se compreender o presente.

Neste sentido, numa perspectiva qualitativa, a pesquisa construiu-se pautada em relações de alteridade, isto é, teve como sujeitos de pesquisa atores sociais da categoria adulta falando sobre a categoria infância e coletou memórias de infância para se compreender o presente. Estas escolhas se justificam, pois construções sociais acerca da infância são, entre outros, pautadas pelas diferenças existentes entre esta categoria e as outras categorias geracionais e no fato de que a compreensão do presente é influenciada pelo passado.

O referencial teórico que sustenta este estudo é apresentado no Capítulo 1 – CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E MEMÓRIA – no qual são discutidos os temas centrais da Sociologia da Infância e da Memória Coletiva, assim como os principais paradigmas utilizados durante a pesquisa, apresentando o que se entende por “imagens da infância”. As

orientações metodológicas e a construção da pesquisa são apresentadas no Capítulo 2, sob o título CAMINHOS DA PESQUISA. O capítulo 3 – BREVES RETRATOS – tem como objetivo tornar os sujeitos com os quais a pesquisa foi realizada, bem como suas memórias de infância, conhecidos do leitor. O capítulo 4 - A INFÂNCIA NA MEMÓRIA DOS ADULTOS – apresenta a análise dos dados, seguido das CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Pretende-se com este estudo apresentar, mesmo que em uma perspectiva microssocial, alguns pontos do desenvolvimento histórico da infância, das continuidades e mudanças que ocorrem cotidianamente na vida social das crianças e que fazem parte da maneira de se conceber e imaginar a infância, seguindo o que indica Qvortrup (2009, p. 26)

> […] a infância modifica-se historicamente enquanto mantém-se como uma forma permanente [na estrutura social], estamos argumentando continuidade e mudança. Os parâmetros da infância mudam seus valores constantemente (além de internamente, com ritmos e proporções variados), mas a infância, no entanto, mantém formas comparáveis ao longo do tempo, pois ela essencialmente permanece sendo impactada pelo mesmo conjunto de parâmetros[1].

[1] Tradução nossa, no original: "[...] childhood changes historically while remaining as a permanent form, we are claiming continuity and change. The parameters of childhood change their values constantly (but internally, with various paces and rates), but childhood nevertheless keeps forms that are comparable over time, because it essentially keeps being impacted by the same set of parameters".

1 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E MEMÓRIA

Lutei para escapar da infância o mais cedo possível.
E assim que consegui, voltei correndo para ela.
Orson Welles

O estudo em geral, a busca da verdade e da beleza são domínios em que nos é permitido ficar crianças toda a vida.
Albert Einstein

Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons.
Carlos Drummond de Andrade[1]

Três frases, três personalidades, três histórias de vida tão distintas, o que têm em comum? Um cineasta, um poeta, um cientista... O que estas frases têm a nos dizer? A infância é idealizada, é um conjunto de características próprias, é diferente.

Por que Orson Welles lutou para sair e, depois, para voltar à infância? Que sentimento ambíguo se tem em relação à infância? Por que o estudo, a verdade e a beleza são permitidos, ou inerentes, às crianças? Por que a felicidade está numa caixa de bombons? Por que a proximidade aparente entre infância e velhice?

Porque a infância é uma construção sociocultural. Porque a infância não é um fenômeno meramente biológico ou natural. Porque as pessoas, sociedades, discursos constroem a infância e a interpretam, conceituam, conceptualizam de maneiras distintas. Admitir a existência de diferentes imagens da infância só é possível ao compreender tais razões. A infância não é única (mas é comum), as crianças não são todas iguais (mas são indivíduos que compartilham semelhanças sociais). A infância pode ser compreendida a partir de diferentes áreas do conhecimento e, neste trabalho, é entendida à luz de um campo relativamente recente que a considera uma construção social e histórica, uma categoria presente em todas as sociedades, que entende as crianças como atores sociais ativos – agentes capazes de produzir mudanças, que sofrem, de maneira específica, as mesmas influências que afetam a vida dos adultos e velhos – que pretende estabelecer novos paradigmas para o entendimento da infância e das crianças.

---

[1] <http://www.pensador.info/p/poema_infancia/1/> acesso em 08/06/2009.

1.1 Introdução ao campo de pesquisa – a Sociologia da Infância

Childhood is the life-space which our culture limits it to be
Jens Qvortrup

Em 1982 foi publicado na Inglaterra o livro de Chris Jenks intitulado *The Sociology of Childhood*, porém, como o próprio autor refere no prefácio da segunda edição de seu livro *Childhood* (2005), em 1982, seu livro era encontrado nas livrarias na seção de psicologia do desenvolvimento. Este curioso fato demonstra como naquele momento os estudos sobre infância e crianças estavam sob o monopólio da psicologia. A mudança vem na década seguinte, quando os novos estudos na área da Sociologia da Infância emergem principalmente na Europa e Estados Unidos. Dois acontecimentos marcaram este movimento de interesse sociológico para com as crianças e a infância, a saber: o surgimento da seção "Sociologia das Crianças" vinculada à "Associação Americana de Sociologia" (ASA) em 1990 e, em 1992, a mudança do nome de uma revista, a *Social Studies of Children*, antes intitulada *Sociological Studies of Child Development* (MONTANDON, 2001).

Atualmente vários autores têm se dedicado a pesquisas nesta área temática, como Alderson (2005), Corsaro (1997, 2005), James (1998, 2004), Jenks (1994, 1998), Montandon (2001), Prout (1998), Qvortrup (1993, 1994, 1995, 1999, 2000, 2002, 2007) e Sirota (2001, 2005), por exemplo, que têm publicado em língua inglesa e francesa. Em língua portuguesa pesquisadores como Faria, Demartini e Prado (2002), Cohn (2005), Nascimento (2003, 2007), Sarmento (2005, 2007, 2008), Delgado e Müller (2005), Ferreira (2004a, 2004b), Soares, Sarmento e Tomás (2004), Cruz (2008) têm contribuído para o desenvolvimento da Sociologia da Infância tanto no Brasil[2] como em Portugal.

Com o propósito de fazer um mapeamento de pesquisas acadêmicas realizadas no campo desta dissertação, foi realizada, nos meses de maio e junho de 2008 e em junho de 2009, uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando as palavras-chave: sociologia da infância; imagens da infância e concepção de infância[3].

---

[2] Em 2005, um volume da revista Educação e Sociedade apresentou um dossiê sob o título "Sociologia da infância: pesquisas com crianças", composto por trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discutem a infância sob essa temática, ainda que por meio de diferentes abordagens.

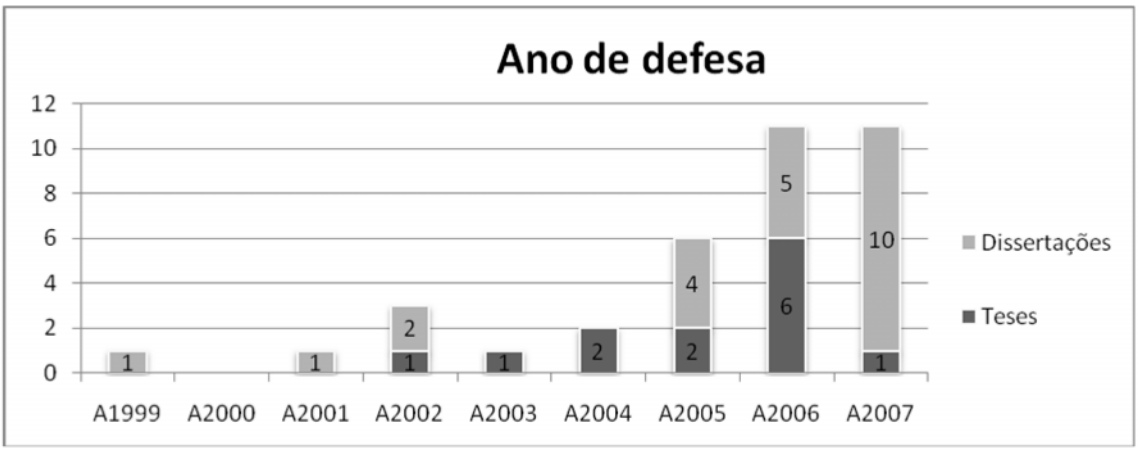
[3] As palavras-chave foram marcadas no sistema de busca como "expressão exata".

A palavra-chave “sociologia da infância” forneceu registros de dez teses e vinte e quatro dissertações. Para organizar esse material, considerou-se a indicação de Qvortrup (1999), que propõe a divisão das abordagens nas pesquisas em Sociologia da Infância em dois pilares principais: (1) a abordagem estrutural e (2) a abordagem da agência (*structural approach* e *agency approach*). A abordagem estrutural diz respeito às pesquisas que investigam a infância enquanto estrutura social (do tipo geracional), ou seja, compreendem “que a infância é construída por um número de forças sociais, interesses econômicos, determinantes tecnológicos, fenômenos culturais etc, inclusive, é claro, o discurso sobre ela”[4] (QVORTRUP, 1999, p. 5). Os estudos voltados para as ações e relações sociais estabelecidas pelas crianças com adultos e com seus pares se enquadram na abordagem da agência.

Sarmento (2008) também apresenta uma organização das pesquisas em Sociologia da Infância em correntes organizadas por “afinidades conceptuais, temáticas e metodológicas” (p. 30). Neste caso, o que define por “estudos estruturais” enquadra-se na primeira abordagem proposta por Qvortrup (1999) e os “estudos interpretativos” enquadram-se na abordagem da agência. A novidade presente na classificação de Sarmento é a terceira corrente, denominada “estudos de intervenção”. Em suas palavras, “do ponto de vista desta corrente, a Sociologia da Infância só poderá consumar as suas finalidades se contribuir para a emancipação social da infância” (SARMENTO, 2008, p. 32). Na pesquisa ora apresentada foi utilizada a proposição de Qvortrup. O quadro que se segue dimensiona os números e abordagens encontrados:

Quadro 1

[4] Tradução nossa, no original: “that childhood is constructed by a number of social forces, economic interests, technological determinants, cultural phenomena etc., inclusive of course the discourse about it”.



Quadro 2

Os quadros 1 e 2 ilustram que, assim como Qvortrup (1999) percebeu um maior número de trabalhos voltados para a agência das crianças nos congressos da ISA e da ASA[5] no ano de 1998, o mesmo ocorre com as pesquisas acadêmicas brasileiras (Quadro1). Estes dados ao mesmo tempo indicam que os estudos em Sociologia da Infância são recentes, pois apesar de a busca ter sido feita a partir de 1987 (ano mais antigo no sistema CAPES), somente em 1999 se apresenta a primeira defesa, como se vê no Quadro 2.

Das oito produções acadêmicas que se enquadram na abordagem estrutural, duas tratam da relação entre infância e mídia (uma tese a respeito da construção de identidade de gênero e outra acerca da construção do conceito de infância em reportagens sobre trabalho infanto-juvenil). Duas dissertações dizem respeito à construção de concepções de infância (uma realizada com professores e a outra por meio de análise de relatórios psicológicos do Poder Judiciário). Outras duas dissertações são pesquisas de Estado da Arte; uma sobre os discursos científicos a respeito da infância; e a última dissertação desta abordagem trata de políticas públicas de atendimento à infância.

Dentre as produções da abordagem da agência das crianças onze utilizam orientações metodológicas etnográficas na pesquisa com crianças (uma tese e dez dissertações). As outras onze produções são: duas teses e duas dissertações sobre as relações sociais estabelecidas por e com crianças; três dissertações têm como foco práticas escolares; uma dissertação é sobre a discursividade moral das crianças; uma tese trata da questão da agressividade de crianças; uma outra sobre as relações entre infância e mídia; e, por fim, uma dissertação sobre a relação entre arte e infância.

[5] ISA – International Sociological Association; ASA – American Sociological Association.

Numa segunda busca foi utilizado “imagens da infância” como filtro de pesquisa no banco de dados da CAPES, na qual foram encontradas cinco teses e dez dissertações. Dentre as teses, três tratam de como a infância aparece em obras literárias; uma fala sobre o trabalho com imagens/figuras em instituições que atendem crianças; e outra sobre as imagens da infância num dado momento histórico do início do século XX. Com relação às dez dissertações, duas delas tratam das imagens da infância em obras específicas da literatura; uma se propôs a fazer levantamento das pesquisas sobre imagens de infância e criança em trabalhos apresentados nas reuniões da ANPEd (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) num determinado período; três, numa perspectiva histórica, refletem sobre a imagem da infância em Goiás, Fortaleza e São Paulo; uma é sobre infância e mídia; duas apresentam pesquisas com crianças (sendo uma delas com crianças indígenas e outra com crianças em assentamentos de trabalhadores rurais); e uma aborda representações que adolescentes têm da infância.

Utilizada como palavra-chave, numa terceira busca, a expressão “concepção de infância” forneceu o maior número de trabalhos (9 teses e 36 dissertações), porém uma das teses também pôde ser encontrada nos resultados da primeira busca, o que fez com que fosse excluída deste grupo. Assim, dentre as oito teses, duas se inserem na psicologia (clínica e social); duas pertencem à área da história (sobre construção do discurso a respeito da infância apresentado na 1ª Conferência Nacional de Educação em 1927 e pela pediatria brasileira ao final do século XIX e início do século XX); uma tese, em serviço social, trata da concepção de infância em determinado movimento social e, por fim, três pesquisas da área da educação (uma sobre profissionais de fisioterapia que trabalham com crianças pequenas, outra um estudo de caso com foco no brincar e uma terceira que foca a memória e histórias de vida de pessoas educadas no início do século XX no estado do Ceará).

Com relação às dissertações, os temas recorrentes foram como determinadas instituições e discursos conceptualizam a infância (15 pesquisas); como se concebe a criança e a infância em diferentes práticas pedagógicas, especialmente por meio de observação da prática e entrevistas com professores (5); o uso de determinados conceitos como base para a compreensão de outros fenômenos (16).

Os trabalhos, de maneira geral, utilizam a Sociologia da Infância como norte teórico-metodológico, embora estejam inseridos em diferentes áreas. Vale ressaltar, contudo, que nenhuma das pesquisas encontradas têm o mesmo objetivo e objeto desta, ou seja, não se

propuseram a ouvir adultos a respeito da infância no momento presente e passado, considerando-a como uma categoria social (um conceito abstrato e coletivo). Neste sentido as memórias de infância podem ser consideradas memórias de vivências, experiências, ações sociais enquanto atores pertencentes a uma categoria distinta da categoria à qual pertencem nos dias de hoje (a idade adulta). A pesquisa que aqui se apresenta objetiva compreender que concepções e imagens um grupo de adultos tem acerca da infância fazendo uso das memórias para construir um mosaico[6] das características comuns e específicas da infância em um determinado local, tanto numa perspectiva do passado como do presente.

1.2 Imagens da infância

As imagens da infância são, em sua maioria, concepções social e culturalmente construídas e compartilhadas a respeito da infância e das crianças. Autores como Ariès (1981) e James, Jenks e Prout (1998) utilizam o termo *imagem* para fazer referência ao conjunto de características com as quais se imagina e conceptualiza a(s) criança(s) e a infância.

Ariès (1981) apresenta a ideia de "os dois sentimentos da infância", sendo o primeiro a *paparicação* e o segundo a *moralização*. O sentimento de *paparicação,* surgido no seio da família, diz respeito às imagens da criança enquanto inocente, frágil, uma fonte de diversão, cheia de atitudes graciosas e encantadoras, uma imagem romântica da criança.

Contrapondo-se a este sentimento, e com o intuito de extingui-lo, surge no discurso dos clérigos e de moralistas, principalmente, o sentimento de repugnância à paparicação, dando origem aos discursos que traziam a imagem da criança má, fruto do pecado original, cheia de instintos que deveriam ser controlados.

James, Jenks e Prout (1998) em *Theorizing Childhood* (Teorizando a Infância) estabelecem categorias para organizar diferentes formas de se imaginar a criança e a infância e as dividem em dois grandes grupos: as imagens pré-sociológicas e as imagens sociológicas da criança. Além das imagens constantes nos dois conjuntos, existe a imagem transitória da *criança socialmente desenvolvida*. Sobre tais imagens, tratar-se-á a seguir.

---

[6] O sentido de mosaico aqui empregado é aquele que Becker (1994) apresenta.

1.2.1 **Concepções de criança e infância numa perspectiva pré-sociológica**

Este trabalho entende a criança e a infância numa perspectiva sociológica, mas uma revisão das imagens pré-sociológicas se faz necessária, pois estas imagens "tornaram-se parte da sabedoria convencional a respeito da criança, formando tanto o entendimento analítico como cotidiano da infância contemporânea"[7] (JAMES, JENKS, PROUT, 1998, p.3). São elas:

A criança má (The evil child)

Nesta primeira imagem da criança "assume-se que a maldade, corrupção e infâmia são elementos primários 'da criança'" [8] (Ibid., p. 10). Uma de suas origens, segundo os autores, é encontrada em Thomas Hobbes que, mesmo não dedicando seus estudos especificamente às crianças, teoriza sobre a condição humana, o que também as inclui. Um dos principais conceitos da teoria de Hobbes sobre a condição natural humana é que "a inimizade e a disputa são comportamentos que se pode *razoavelmente* esperar dos homens em certas circunstâncias" (LIMONGI, 2002, p.21, grifo da autora). Dessa forma, não é somente a criança que é má, mas sim os seres humanos de forma geral, o que não a exclui. Ou, nas palavras de Hobbes (1974):

> De modo que na natureza do homem encontramos três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; e terceiro, a glória. A primeira leva os homens a atacar os outros tendo em vista o lucro; a segunda, a segurança; e a terceira, a reputação. [...] Com isto se torna manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem *poder comum* capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida (p. 79, grifos nossos)[9].

---

[7] "have become part of the conventional wisdom surrounding the child, informing both contemporary analytic as well as more everyday understanding of childhood".
[8] "It assumes that evil, corruption and baseness era primary elements in the constitution of 'the child'".
[9] A edição original deste livro data de 1651.

O poder a que Hobbes se refere nesta passagem é o poder soberano. Segundo ele, este poder é instituído no intuito de proteger a todos os homens da guerra e da discórdia causada por suas paixões e,

> este poder soberano pode ser adquirido de duas maneiras. Uma delas é a força natural, como quando um homem obriga seus filhos a submeterem-se, e a submeterem seus próprios filhos, a sua autoridade [...] A outra é quando os homens concordam entre si em submeterem-se a um homem, ou a uma assembléia de homens, voluntariamente [...] (HOBBES, 1974, p. 110).

Estabelecendo um paralelo entre o poder do rei e o dos pais, estes teriam poder absoluto e naturalmente estabelecido sobre seus filhos, não necessitando de legitimação deste poder, pois o simples fato de se ser adulto e pai é suficiente (JAMES, JENKS, PROUT, 1998). Para pensar a criança em si e não necessariamente as relações de poder preestabelecidas os autores se remetem à análise de Foucault sobre a necessidade de controle social, treinamento e transformação em corpos dóceis. Neste sentido, se é necessário um trabalho para que a criança se torne controlada, treinada, dócil é porque a criança é o oposto: descontrolada, selvagem, agressiva... Má.

Os mitos também são fontes para se pensar a criança como um ser mau. A história do Pecado Original, encontrada em textos sagrados de diversas religiões é um exemplo disso. Marilena Chauí (1985) analisa a relação deste pecado com a repressão sexual e afirma que "o pecado original (tanto no sentido de *primeiro pecado* quanto no de *pecado de origem*) é uma queda: separar-se de Deus" (Ibid., p. 86, grifos da autora). Neste sentido, se a criança é o fruto deste pecado de origem, é ela a responsável pelo distanciamento entre os homens e Deus e, quem quer que faça isso, só pode ser considerado um ser mau. Esta imagem da criança pode ser reconhecida no *sentimento de moralização*, referido por Ariès (1981).

A criança inocente (The innocent child)

A imagem da criança inocente vem contrapor-se à imagem da criança má, ou seja, uma imagem de crianças "essencialmente puras de coração, essas crianças são angelicais e incorruptíveis pelo mundo no qual entraram[10]" (JAMES, JENKS, PROUT, 1988, p. 13). O

[10] "Essentially pure in heart, these infants are angelic and uncorrupted by the world they have entered".

maior arquiteto desta imagem de criança é Jean-Jacques Rousseau, em seu livro Emílio ou da Educação. Assim,

> a reforma [com relação à criança] idealizada por Rousseau é orientada por uma idéia central, qual seja, a de que o Homem é bom por natureza, mas a sociedade o corrompe. [...] Se o Homem é bom por natureza, é preciso imaginar uma sociedade e uma educação que não corrompam esta bondade, mas ao contrário, a desdobrem em virtudes sociais (DOZOL, 2006, p. 31).

Dessa forma, não é possível atribuir à criança qualquer característica relacionada à maldade, à feiura ou à baixeza, indicativos da criança má. A esta imagem igualmente se relaciona a ideia de que as crianças são o futuro, ou seja, de que é com e a partir delas que mudanças ocorrerão de forma a melhorar as sociedades. Sarmento (2007), ao levantar esta questão trata desta imagem afirmando que ela

> [...] funda-se no mito romântico da infância como a idade da inocência, da pureza, da beleza e da bondade. [E que] a idéia das crianças como "futuro do mundo" está frequentemente associada a uma concepção salvídica que entronca numa crença romântica da bondade infantil. (p. 31)

O sentimento de paparicação descrito por Ariès (1981) também pode ser reconhecido nesta concepção de infância, pois as crianças são fontes de carinho, prazer, podendo ser mimadas e amadas.

A criança imanente (The immanent child)

O princípio presente nesta imagem é de que a criança não é nem boa nem tampouco má, ou seja, ela é vista como uma pessoa com um potencial latente, que "por meio da educação as crianças se tornarão racionais, virtuosas, membros ajustados da sociedade e executoras de autocontrole[11]" (JAMES, JENKS, PROUT, 1998, p. 16). Nesta perspectiva, se deposita muita responsabilidade na educação como (trans)formadora das crianças, seres vazios, que têm apenas potencial, mas não virtudes inatas, tornando-as pessoas adequadas e virtuosas para a vida em sociedade.

[11] "through education children will become rational, virtuous, contracting members of society, and exercisers of self-control".

John Locke é umas das principais figuras que contribuíram com a disseminação desta concepção de infância. Segundo James, Jenks e Prout (1998, p. 15),

> Locke é muito mais pragmático em sua visão não sentimentalizada sobre as disposições cruéis, vingativas e incompatíveis das crianças. [...] Para ele, as crianças são intrinsecamente coisa alguma, mas esta é mais uma afirmação epistemológica que um desprezo. [12]

Nessa linha, a criança é interpretada como tabula rasa ou cera a ser moldada, ou, ainda, livro vazio no qual os adultos inscrevem comportamentos e saberes. Porém, mesmo não contendo informações ou comportamento inatos, Locke as percebe como capazes de experimentar e experienciar, sendo a educação o principal instrumento para isso. Curiosamente, Rousseau traz em seus escritos a seguinte recomendação: "Cultiva, rega a jovem planta antes que ela morra; um dia seus frutos serão tuas delícias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho [...]. Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação" (ROUSSEAU, 2004, p. 8)[13].

A criança inconsciente (The unconscious child)

Nesta categoria, ao contrário das imagens anteriormente expostas, nas quais a infância é vista como uma etapa de preparação ou um vir a ser adulto, "a infância tornou-se a província das retrospectivas[14]" (JAMES, JENKS, PROUT, 1998, p. 20). O que os autores colocam como diferencial nesta imagem é que "Freud inaugurou a preocupação com a infância como o passado do adulto"[15] (Ibid., p. 20). A teoria freudiana busca o entendimento do desenvolvimento do *Eu*, da personalidade, "[...] posicionando a criança como nada além de um estado inacabado ou a se tornar"[16] (Ibid., p. 21) e neste desenvolvimento da personalidade a tríade do "modelo dinâmico da estruturação da personalidade: Id, Ego e Superego" (FIORI, 1981, p. 20) torna-se o ponto fundamental.

---

[12] "Locke is much more hard-headed in his unsentimentalized views on the cruel, spiteful and incompatible dispositions of children. […] For him, children are intrinsically no-thing, but this is an epistemological statement rather than a disregard".
[13] A edição original data de 1757.
[14] "childhood became the province of retrospectives".
[15] "Freud opened up a concern with childhood as adult pasts".
[16] "positions the child as no more than a state of unfinished business or becoming".

Nesta linha, James, Jenks e Prout (1998) relacionam o Id à imagem da criança má e o Ego à imagem da criança imanente. A estas relações também pode ser acrescentado um paralelo entre o Superego e os processos de socialização no paradigma parsoniano, no qual a "sociedade torna-se o supervisor da ordem" (JENKS, 1994, p. 199).

A criança naturalmente desenvolvida (The naturally developing child)

A imagem da criança naturalmente desenvolvida tem como origem e principal representante a teoria do desenvolvimento formulada por Jean Piaget, na qual "o enfoque está na criança individual que, independentemente do contexto, segue uma sequência padrão de estágios biológicos que constituem um caminho para a plena realização ou para uma progressão 'tipo escada' para a maturidade" (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 67) e esta, segundo Sarmento (2007, p. 32), "constitui-se como o principal referencial de entendimento e interpretação da criança no século XX".

Para Dahlberg, Moss e Pence (Ibid., p. 66), esta teoria "produz uma criança pequena que é mais natural do que social, fenômeno abstraído e descontextualizado, essencializado e normalizado, definido por meio de noções abstratas de maturidade" e, a partir desta teoria, a criança tem "potencial para se tornar não qualquer coisa, mas especificamente alguma coisa"[17] (JAMES, JENKS, PROUT, 1998, p. 17).

Esta imagem é tratada como pré-sociológica pois, na teoria, a criança é vista de maneira isolada do contexto social e cultural. A contribuição da teoria de Piaget para a educação é inegável, porém, segundo Jenks (1994, p. 208) "o trabalho de Piaget constrói de forma meticulosa um sistema particular de racionalidade científica e apresenta-o como sendo simultaneamente natural e universal".

A definição destas imagens como pré-sociológicas está vinculada à maneira pela qual se concebe a infância e as crianças, pois tais imagens (1) pensam a criança como um vir a ser, como um ser faltante, incompleto, numa perspectiva de desenvolvimento; e (2) estudam a criança de forma individualizada e não destacam suas relações socialmente estabelecidas. Estas são as principais razões pelas quais James, Jenks e Prout (1998) justificam a divisão por eles empregada.

[17] "potential to become not anything, but quite specifically something".

1.2.2 **Concepções de criança e infância numa perspectiva sociológica**

As concepções sociológicas descritas por James, Jenks e Prout (1998) partem da premissa que a infância é uma construção social, cultural e histórica, como apresenta o livro de Ariès, "História Social da Criança e da Família", anteriormente referido. Muitas críticas foram feitas ao trabalho de Ariès, principalmente no que concerne à metodologia utilizada e ao fato de sua pesquisa se resumir às camadas mais abastadas da população. Entretanto, sua contribuição aos estudos da infância é inegável, pois ele foi um dos pioneiros em considerar esta categoria. A este respeito, Qvortrup (2005, p. 3) considera que "a perspectiva arièsiana […] foi a visão de uma sociedade que não era escassa de crianças, mas que carecia de infância"[18]

No livro, o historiador revela as mudanças nas vidas cotidianas acontecidas nos séculos XVI, XVII e XVIII que culminaram com a elaboração de um conceito de infância. As mudanças no pensamento social não ocorrem de forma rápida, mas lentamente, até que um comportamento desviante deixe de ser errado e passe a ser estranho, depois torne-se hábito e amplie-se até tornar-se regra. No caso da infância, segundo Áries, este processo levou cerca de trezentos anos.

A criança socialmente construída (The socially constructed child)

Allison James e Adrian L. James (2004) afirmam que "Ariès (1981) foi quem primeiro destacou o caráter socialmente construído da infância"[19] (p. 12-13). A imagem da criança socialmente construída fundamenta-se na perspectiva teórica do construcionismo social, neste sentido, ideias pré-concebidas acerca da infância necessitam ser questionadas para possibilitar a construção de novos conhecimentos. Para James, Jenks e Prout (1998, p. 27) "este conhecimento da criança e seu mundo de vida depende da predisposição de uma consciência constituída em relação ao nosso contexto social, político, histórico e moral. [...] A infância

[18] "the Arièsian vision [...] was a vision of a society which was not short of children but which lacked childhood".
[19] "It was Ariès (1962) who first highlighted the socially constructed character of childhood". A data refere-se ao original, enquanto a versão traduzida, utilizada neste trabalho é de 1981.

não existe em uma forma finita e identificável”[20]. Pensar em criança socialmente construída implica pensar na

> infância, como construção social, [que] é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas, por isso, não há uma infância natural nem universal, e nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003, p. 71).

Nesse sentido, compreende-se que não há criança universal como propõem os modelos pré-sociológicos de infância, mas crianças diferentes que vivem suas vidas cotidianas e compartilham infâncias “como uma construção social de um contexto histórico particular” (JENKS, 1994, p.189). Na perspectiva constucionista social a palavra infância deve ser utilizada no plural, pois nesta abordagem existem diferentes infâncias.

A criança tribal (The tribal child)

Nesta abordagem tal qual o antropólogo entende o selvagem em sua própria cultura, as crianças também merecem ser compreendidas de maneira que sua cultura, ações e relações sejam valorizadas, numa relação igualitária, não adultocêntrica e não hierárquica. As crianças são entendidas e consideradas como indivíduos competentes, capazes, produtores e detentores de cultura, sua própria cultura. O propósito de compreender a(s) cultura(s) das crianças de forma séria não é recente. Estudos antropológicos das décadas de 1920 e 1930 buscaram captar o que era ser criança e adolescente em outras culturas fora dos Estados Unidos (COHN, 2005). As pesquisas de Iona e Peter Opie (1969, 1977)[21], tinham como objetivo o “reconhecimento da comunidade autônoma das crianças” (JAMES, JENKS, PROUT, 1998, p. 29), isto é, uma comunidade que tem seus próprios rituais, estatutos e rotinas.

Compreender as crianças nesta perspectiva, não implica necessariamente pesquisar em outro país, mas compreender a cultura das crianças como uma cultura outra, considerá-las como atores sociais e agentes e não como um vir a ser, compreendendo as

---

[20] “such knowledge of the child and its lifeworld depends on the predispositions of a consciousness constituted in relation to our social, political, historical and moral context. […] Childhood does not exist in a finite and identifiable form”.

[21] OPIE, I. , OPIE, P. **Children’s games in street an playground**. Oxford: Oxford University Press, 1969.
_____. **The Lore and Language of schoolchildren**. Oxford: Oxford University Press, 1977.

> *crianças como actores sociais* competentes. Ou seja, as crianças são actores sociais com poder de ação e de iniciativa, implicadas na construção e determinação das suas próprias vidas e na daqueles que as rodeiam e da sociedade em que está integrada, cuja experiência das possibilidades e/ou dos constrangimentos das estruturas sociais no quotidiano lhes confere um estatuto semelhante ao de qualquer outro ser social" (FERREIRA, 2004a, p. 21. grifos da autora).

Pesquisas realizadas numa abordagem etnográfica com crianças parecem próximas a esta imagem, como Ferreira (2004a, 2004b) que procura retratar as crianças e suas culturas, suas formas de produzir culturas, compreendendo as crianças como atores sociais competentes. A autora busca desvelar as relações estabelecidas entre as crianças num Jardim de Infância português, considerando as relações de poder, de gênero, de classe e de idade.

A criança como grupo minoritário (The minority group child)

Grupos minoritários são aqueles que em dada sociedade estão em condições desiguais de poder e em situações submissas nas relações estabelecidas, ou "em sua definição clássica um grupo minoritário é aquele definido por sua relação subordinada ao grupo dominante (os adultos)"[22] (QVORTRUP, 1994, p. 22). Como exemplo, tem-se as relações entre homens e mulheres historicamente construídas nas sociedades ocidentais. Os homens compunham o grupo de referência, detentor do poder e sujeito público; as mulheres, por sua vez, estavam destinadas ao domínio do privado, em suas casas, como donas de casa e mães, constituindo um grupo minoritário nas sociedades. Ao entrar para o mercado de trabalho e empreender a busca por igualdade as mulheres tiveram que lutar contra a ordem social vigente e o grupo majoritário masculino. Surgiram, assim, os movimentos feministas. Alanen (2001, p. 71-73) estabelece esta relação entre os estudos da infância e os estudos feministas, pois as mulheres

> observaram a notável e correspondente ausência das mulheres e das questões das mulheres, igualmente nas matérias teóricas e empíricas da ciência [...] [assim como a infância enquanto] uma categoria social que tem sido "injustiçada", com consequências similares de deixá-las ausentes e de distorcer seu lugar social e suas contribuições.

[22] "In its classical definition a minority group is one which is defined by its subordinate relationship to a dominant group (the adults)".

Se a luta foi necessária é por que relações de poder estavam estabelecidas e legitimadas dentro de uma ordem que dividia as categorias de gênero. Da mesma forma, a infância é vista como um grupo minoritário em relação ao grupo majoritário, os adultos, a partir da categorização geracional.

A criança como estrutura social (The social structural child)

Uma das principais referências para o entendimento da criança como estrutura social são as pesquisas do sociólogo dinamarquês Jens Qvortrup. Este pesquisador propõe dois pilares acerca do novo paradigma sociológico da infância. O primeiro é entender as "crianças como atores por seus próprios méritos [e o segundo, que a] infância constitui uma forma estrutural na sociedade"[23] (QVORTRUP, 2000, p. 106). Dessa forma, estabelece a "ideia da infância como parte constitutiva e forma distinta da estrutura social de qualquer sociedade"[24] (Id., 2002, p.4).

De acordo com o autor, a divisão social é feita a partir de categorias geracionais: a infância, a idade adulta e a velhice. As características inerentes à infância não são as mesmas em todas as sociedades, porém englobam todas as crianças e as diferem dos adultos. O conceito de geração torna-se, portanto, fundamental para compreender a infância enquanto estrutura social.

Enquanto uma categoria social, a infância adquire uma dimensão macrossocial, pois existe em todas as sociedades. Isto não significa dizer, entretanto, que é universal enquanto um modelo único, isto é, uma infância ideal, idealizada e igual para todas as crianças em qualquer sociedade. Significa tratar esta categoria pelo que é comum a seus atores sociais: a invisibilidade (em pesquisas estatísticas, por exemplo); o fato de existir em qualquer sociedade; a distinção nas relações com os atores sociais das outras categorias geracionais (a idade adulta e a velhice); a restrição ao exercício pleno dos direitos políticos, econômicos e civis, entre outros (QVORTRUP, 2002). Nesta perspectiva é possível entender quando se diz que crianças passam pela infância, mas esta permanece (Id., 1995).

[23] "children as actors in their own right; childhood constitute a structural form in society".
[24] "The idea of childhood as a constitutive part and a distinct form of any society's social structure".

1.3 Sobre a memória

How can I be lost? In remembrance I relive.
Metallica

Esta pesquisa utiliza memórias de infância como fonte para investigar as imagens de infância de adultos. Como todos os sujeitos da pesquisa foram crianças e fizeram parte da categoria infância, seu posicionamento a respeito desta categoria está também baseado em suas experiências pessoais e este fato foi um dos principais motivadores para se coletar memórias.

A busca realizada no banco de teses da CAPES a respeito de pesquisas em Sociologia da Infância foi igualmente efetuada com o propósito de conhecer mais sobre as pesquisas que tratam das memórias de infância. Utilizou-se a palavra-chave “memórias da infância” e tal busca forneceu um grupo de cinco teses e dezesseis dissertações. Uma das dissertações sob este filtro também foi encontrada em “imagens de infância”, portanto não foi aqui contabilizada.

Sobre as teses, uma delas faz relação entre a memória de infância e sua conotação saudosista em canções populares; as outras quatro utilizam as memórias como metodologia para compreender o fracasso escolar, questões étnicas, experiências de vida de portadores de deficiência visual e relações entre história de vida de professores e suas práticas. Dentre as dissertações, doze delas analisam obras literárias de autores brasileiros com caráter autobiográfico; duas utilizam a pesquisa com memória como orientação metodológica para compreender diferentes questões étnicas e relações familiares de crianças com HIV; e uma pesquisa tem como sujeitos autores de literatura infantil.

O que a busca revelou foi que, mesmo existindo um número significativo de pesquisas que ouviram sujeitos falar sobre suas infâncias, neste banco de dados não há registros de pesquisas que busquem compreender a infância em si, ou que utilizem as memórias de infância para problematizar concepções que adultos têm acerca dela.

A memória, ou ato de lembrar, não pode ser reduzida apenas às dimensões biológicas dos indivíduos, ou seja, não pode ser considerada como somente trabalho de uma ou outra área determinada do cérebro. Segundo o dicionário *online* de medicina, a memória pode ser

entendida como “complexa função mental que tem quatro fases distintas: (1) memorizar e aprender, (2) retenção, (3) recordação, e (4) reconhecimento. Clinicamente, é usualmente dividida em memória imediata, recente, e remota” [25]. Se, no entanto, nos distanciarmos desta perspectiva médico-biológica, a memória adquirirá novos significados que vão além de quatro fases sequenciais ou dos três tipos de memória.

Seguindo ainda os caminhos apontados acima, a partir do momento da retenção, os fatos ocorridos no passado deveriam manter-se armazenados, prontos para serem recordados e reconhecidos. Porém, como é possível, da mesma forma que apresentado na epígrafe, nos perdermos em lembranças que revivemos? Como é possível nos esquecermos de fatos importantes de nossa vida? Como é possível lembrarmos tão vivamente de alguns acontecimentos e não sermos capazes de recordarmos outros? Como é possível sermos os únicos a nos lembrarmos de fatos passados? Ou mesmo, como é possível lembrarmo-nos de um acontecimento pessoal que, na verdade, não aconteceu conosco e sim com outrem?

A fundamentação utilizada para tratar das memórias de infância é baseada principalmente nas teorias da Memória Coletiva, cujo sociólogo Maurice Halbwachs é um dos principais teóricos. Este sociólogo propõe como explicação para os sentimentos confusos em relação à memória acima problematizados que quando lembramo-nos de fatos ocorridos no passado estes não são revividos como aconteceram, mas são rememorados, reinterpretados, reconstruídos pelos sujeitos que lembram, e tal reconstrução do passado no ato de lembrar é realizada a partir do momento presente, por estas razões é possível perder-se nas lembranças.

A busca pela compreensão da memória foi empreendida por diferentes disciplinas e em perspectivas diversas. Para o filósofo Henri Bergson[26] existem duas formas principais de memória, ou de sobrevivência do passado: “[...] 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes” (BERGSON, 1990, p. 59), ou a memória-hábito e a memória-sonho, respectivamente. A primeira está ligada às ações cotidianas, ao que se aprende fazer, ou, nas palavras de Bosi (1994, p. 49), “a memória-hábito adquire-se pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. Ela é – embora Bergson não se ocupe explicitamente desse fator – um processo que se dá pelas exigências da socialização” e está bastante relacionada às ações do corpo. Já a memória-sonho se assemelha à ideia da lembrança

[25] <www.online-medical-dictionary.org/> (tradução nossa);
<http://www.online-medical-dictionary.org/omd.asp?q=memory>, acesso em 20/04/2010.

[26] As teorias de Bergson a respeito da memória não constituem a base teórica adotada nesta pesquisa, entretanto, como suas formulações serviram de base para algumas construções efetuadas por Maurice Halbwachs, faz-se necessário trazer uma breve discussão acerca de seus estudos sobre a memória.

enquanto algo que aflora, “vir à tona o que estava submerso” (BOSI, 1994, p. 46), segundo Bergson, no espírito. Esta memória está ligada à

> [...] lembrança pura, [que] quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. [...] A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada [...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança (BOSI, p. 49-53, grifos da autora).

Bergson diferencia percepção e lembrança, a primeira como sendo a “consciência de algo presente, tanto para a percepção interna como para a percepção externa” (BERGSON, 2009, p. 128), e por ser algo do momento presente está relacionada aos objetos, acontecimentos, conversas, etc que ocorrem no momento exato. A lembrança é a impressão (no sentido de imprimir, estampar) de nossas percepções na memória. Sobre a formação da lembrança define que: “à medida que a percepção se cria, sua lembrança vai se perfilando a seu lado, como a sombra ao lado do corpo” (Ibid., p. 129).

As respostas encontradas nas teorias acerca da memória propostas por Bergson, entretanto, ainda não conseguem explicar os sentimentos de não reconhecimento de uma lembrança, ou como na epígrafe, de perder-se nas próprias memórias, pois se as lembranças fossem somente impressões exatas de um determinado momento passado, nós seríamos capazes de acessá-las sem modificações.

Enquanto para Bergson as lembranças são formuladas a partir das imagens provenientes da percepção, “[...] pois a lembrança é a representação de um objeto ausente” (BERGSON, 1990, p. 193), o sociólogo Maurice Halbwachs, seu discípulo e posteriormente de Durkheim, concebeu suas teorias a respeito da memória como sendo um fato social e coletivo, de maneira que as imagens provenientes da percepção não são a composição das lembranças em si, afirmando que os próprios fatos sociais compõem a memória[27].

No terceiro capítulo de “Os quadros sociais da memória” Halbwachs esclarece a impressão, que muitas vezes se tem, ao retomar uma atividade realizada na infância de

[27]A ideia de os fatos sociais serem a matéria da memória e não as imagens, como postulou Bergson, nas teorias de Halbwachs é proveniente de seus estudos com o sociólogo Émile Durkheim. Sobre esta relação Bosi (1994, p. 54) ainda afirma que: “Halbwachs desdobra e em vários momentos refina a definição de seu mestre, Émile Durkheim: ‘Os fatos sociais consistem em modos de agir, pensar e sentir, exteriores ao indívíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem’”. (DURKHEIM, 1985 Apud BOSI, 1994, p. 54).

estarmos, na verdade, fazendo algo novo. Ele utiliza como exemplo a leitura de um livro, que ao contrário de o leitor sentir reviver aquele momento do passado, tem a impressão de ler um novo livro, ou ao menos, uma nova edição. Mais que uma impressão de não reconhecimento do livro lido anteriormente, o autor afirma que muitas vezes busca-se nesta retomada preencher lacunas existentes entre "a vaga lembrança de hoje e a impressão de nossa infância que, sabemos, foi vívida"[28] (HALBWACHS, 1935, p.113). A questão que se coloca neste momento é: por que tal diferença se apresenta? Como se pode ler um mesmo livro, ou assistir a um mesmo filme e o que eles representam, ou que se sente em relação a eles seja, diversas vezes, tão diferente do que se sentiu no passado?

Em sua tese, Marita M. Redin recupera memórias escolares com um grupo de jovens e introduz seu trabalho escrevendo suas próprias memórias de infância e, sobre este ato comenta que "escrever essas memórias é de certa forma, ter o direito de conviver com a criança que *imagino que fui* e me aproximar do mundo das pessoas e das coisas primeiras, de experimentar, de ousar, de inventar sem ser cientista." (REDIN, 2008, p. 40, grifos nossos). Por que motivo Redin relata não a criança que era, mas a criança que imagina ter sido?

A resposta a tais questionamentos pode ser encontrada no fato de que, conforme mencionado acima, ao lembrar não re-vivemos o passado, mas o re-construímos. Halbwachs (1935) advoga que a única maneira admissível de relatar uma lembrança intacta seria se fosse possível esquecer tudo o que aconteceu em nossas vidas desde aquele momento no qual a situação lembrada ocorreu até o momento presente, o que, segundo ele mostra-se impossível, e, como qualquer lembrança é evocada no momento presente, não é possível desaprender tudo o que foi aprendido desde o momento em que o fato lembrado ocorreu, não é possível esquecer tudo o que foi vivido desde então, não é possível deixar de ser quem se é no momento presente para voltar a ser quem se foi no passado, e, tal como expõe Redin, ao relatar memórias de infância e falar sobre quem se foi, o que se fazia, do que se gostava, o que se pensava a respeito do mundo, etc, criamos uma imagem de quem fomos no passado e, neste percurso, reconstruímos o passado por meio de nossas memórias**.**

Outra característica do processo de rememoração diz respeito ao fio da memória, que é o que acontece quando nos deixamos conduzir pelas lembranças e parece-nos que perdemos o controle das lembranças que evocamos, quando as próprias lembranças desencadeiam outras lembranças sem que se procure evocá-las. Nas palavras de Halbwachs (1935, p. 42-43):

---

[28] "le souvenir vague d'aujourd'hui et l'impression de notre enfance qui, nous le savons, à été vive".

> Mantemos os meios que nos permitem, partindo do presente, preparar o lugar que ocupará o passado, orientar nosso espírito, de maneira geral, sobre o período passado. No entanto, esses recursos postos em ação, quando as lembranças aparecem, talvez não sejam mais necessários para uni-las umas às outras, dolorosamente, mas para separá-las umas das outras, através de um trabalho do espírito semelhante ao nosso raciocínio. Supõe-se que, uma vez que a inundação de memórias tenha penetrado o canal que lhes abrimos, ela penetre e se escoe em seu próprio movimento. A série de lembranças é contínua. Costuma-se dizer que nós as deixamos ir à corrente de nossas lembranças, ao fio da memória.[29]

1.3.1 **A memória (é) coletiva**

Lembrar é trabalho, trabalho da memória. O trabalho de lembrar exige de quem se lembra o estabelecimento de relações entre diversas instâncias e espaços-tempos de sua vida. Halbwachs defende que não se lembra sozinho e que a memória é construída coletivamente, isto é, as memórias não são construídas individualmente, pois nossas vidas são vividas permeadas por relações sociais diversas. Ao rememorarmos a infância trazemos à tona não somente a lembrança em si, imaculada e solitária, mas um conjunto de situações, relações, pessoas, interações, espaços, entre outros, que se inter-relacionaram. Por exemplo, quando uma das entrevistadas desta pesquisa relata um acontecimento com seu irmão, fala sobre o amigo dele, o pai deste amigo, o restaurante e os barcos deste pai, ou seja, em uma mesma lembrança estão interligadas relações familiares, sociais, econômicas e geográficas:

> Também lembro desse meu irmão, também tudo com ele, eles pegaram uma bomba, não sei se você conhece a baixada santista, o restaurante Caravela?[30] O dono do restaurante era meu vizinho, Seu Sebastião. E ele era dono de uma frota de barcos que ia do Amanari 1 ao Amanari 7 ou 6 e o sétimo barco era o Caravela, o nome do restaurante. E... eles entraram ele e o filho dele, o Rodrigo, eles entraram no restaurante escondido do pai, pegaram três

---

[29] "Nous nous en tenons aux moyens qui nous permettent, partant du présent, d'y préparer la place qu'occupera le passé, d'orienter notre esprit d'une manière générale vers telle période de ce passé. Mais, ces moyens mis em oeuvre, quand lês souvenirs apparaissent, il ne sera peut-être plus nécessaire de les rattacher péniblement les uns aux autres, de les faire sortir les uns des autres, par un travail de l'esprit comparable à nos raisonnements. On suppose qu'une fois que le flot des souvenirs a pénétré dans le canal que nous lui avons ouvert, il s'y engage et s'y écoule de son propre mouvement. La série des souvenirs est continue. On dit volontiers que nous nous laissions aller au courant de nos souvenirs, au fil de la mémoire."

[30] O nome do restaurante foi alterado, bem como o foi todos os nomes de barcos e pessoas.

> morteiros e trouxeram pra fazer caminho de rato. Então o Rodrigo estava raspando e meu irmão falou pra ele: "não faz isso com a mão fechada, porque o atrito da pólvora com a pedra vai explodir e você vai perder as mãos" aí ele virou, deu pro meu irmão, que fez assim [faz o gesto como se estivesse raspando o morteiro segurando as pedras apenas com o polegar e o indicador e longe do corpo], conforme ele fez assim: "BUM", perdeu metade desse dedo, a ponta desse, essa unha ficou torta e a mão inteirinha descascou como uma banana [dedos indicador, polegar e médio respectivamente]. (Entrevista com Fernanda)

Ao rememorar localizam-se lembranças que se situam em determinados espaços-tempos nos quais construímos relações sociais com grupos específicos: na infância com grupos de amigos da rua, da escola, de clubes, irmãos e primos, família e outros mais que só podem ser determinados a partir dos contextos de vida específicos de cada um.

Outra característica importante acerca da memória coletiva é que ela é externa e anterior ao indivíduo. Em última instância, pode-se recorrer ao exemplo da linguagem, que é utilizada ao relatar memórias, e este sistema linguístico é anterior e exterior aos indivíduos. É anterior, pois cada indivíduo apreende o sistema linguístico ao longo da vida, visto que ele existe antes de nossa própria existência, assim como seu uso. Sua exterioridade se faz presente, pois este sistema existe tanto nos indivíduos como em outros suportes que o mantém além deles, sejam tais suportes outras pessoas, livros, revistas, etc.

Muitas de nossas lembranças só podem existir por estarmos inseridos na sociedade, e mais especificamente em determinados grupos (ou quadros) sociais, pois são os sistemas[31] existentes em cada grupo distinto que serão aprendidos, vividos e depois rememorados. Pode-se dizer que existem conjuntos de normas, códigos e até mesmo tipos distintos de linguagem que são próprios de determinados grupos e que só existem nos indivíduos por estarem inseridos nestes grupos[32].

Em uma das entrevistas foi possível perceber como o entrevistado reorganiza sua narrativa para inserir uma informação que a entrevistadora talvez não soubesse. Gabriel foi a um show de Raul Seixas[33] quando criança e ao relatar esta experiência acrescentou uma informação que julgou importante:

> Teve até uma parte que é engraçada. A banda começou... *porque eles têm já um setlist onde eles vão seguindo,* a banda começou a tocar uma coisa, ele

[31] Para mais informações sobre os sistemas cf. Santos, 2003.
[32] Halbwachs (2006) apresenta um ensaio a este respeito em "A memória coletiva entre os músicos".
[33] Cantor de *Rock 'n' Roll* brasileiro, morto em 1989.

> começou a tocar outra! Todo mundo teve que correr, parar e se acertar, e embalar e entrar no ritmo dele.
> (Entrevista com Gabriel, grifos nossos)

Em sua fala fica claro que a informação a respeito do *setlist*[34] não estava prevista, porém a inseriu, pois como poderia um ouvinte que não está familiarizado com estas questões da música saber que existe uma ordem prévia de canções a serem tocadas e o que significaria, portanto, o principal cantor tocar outra música?

Outro exemplo a respeito da inserção em diferentes grupos é encontrado na entrevista com Suzana, quando relata uma de suas viagens:

> Nós éramos uma pequena colônia de japoneses que morava lá, próximo do nosso sítio. Então nós tínhamos uma comunidade que se chamava *Kaikan*, onde todo mundo fazia uma contribuição mensal, que a gente realizava... Os nossos pais, no caso, realizavam eventos e que uma vez por ano nós realizávamos uma excursão. Onde no decorrer do ano era arrecadado um valor x pra que a gente pudesse realizar um passeio em algum lugar todos os anos.

Para que Suzana pudesse explicar sua viagem precisou contar sobre a existência do *Kaikan*, e antes disso, relatar que era uma colônia japonesa, ou seja, uma comunidade específica. Ao termino da entrevista, perguntei como se escrevia tal palavra, mas ela pediu que escrevesse ela mesma, pois era uma escrita diferente e contou mais sobre esta comunidade, da qual só participam descendentes e familiares de japoneses onde as crianças podem aprender a língua nativa, ou seja, conhecimentos e memórias individuais de Suzana, mas também coletivas e enquadradas socialmente a partir deste grupo específico.

Os quadros sociais da memória

Como Halbwachs considerava o caráter social do ato de rememorar e, como alegado por Santos (2003), os fatos sociais seriam para ele a matéria da qual a memória é constituída, sem tampouco esquecermos sua formação sociológica, é possível compreender sua teoria de que as memórias se localizam em quadros sociais.

---

[34] Um *setlist* para músicos consiste em uma lista de músicas previamente definidas e ordenadas para que sejam tocadas, desta forma, todos os músicos sabem o que tocar e quando tocar para manter a sincronia entre eles.

Segundo Bosi (1994, p. 55) “Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade”, neste sentido é possível estabelecer um paralelo entre a memória e o indivíduo, que se situa em grupos sociais determinados, inseridos dentro de uma dada sociedade:

Memória individual – memória de grupo – Memória Coletiva
(ou quadros sociais da memória)

Indivíduo – grupo social – sociedade
(ou enquadramento/ posição social)

O indivíduo, por meio de sua memória individual que traz à tona lembranças de determinados espaços-tempos-relações, não realiza esta empreitada sozinho, pois está inserido em grupos que, por sua vez, são parte da sociedade, o que leva à definição de Halbwachs que, pelo menos em última instância, toda memória é coletiva e social. Frochtengarten (2002) ao tratar do enquadramento social da memória proposto por Halbwachs destaca que a memória individual “[...] está atada aos grupos dos quais participa e que toma como referência. A memória pessoal é um ponto de vista da memória social” (FROCHTENGARTEN, 2002 p. 21). Ainda nesta linha de pensamento, quanto mais mantemos o contato com os grupos que fizemos parte em momentos anteriores de nossas vidas, mais vivas e coerentes são as emoções e impressões que temos, mais claras, duradouras e estruturadas são as lembranças, pois o sujeito que lembra encontra-se no momento presente ainda conectado às relações de determinado grupo e, no sentido inverso, os grupos dos quais participa hoje também o influenciam na re-construção do passado.

Em “A Memória Coletiva”, Halbwachs utiliza como exemplo as lembranças de um professor e de um grupo de alunos. Enquanto para o primeiro suas memórias acerca de acontecimentos de um determinado ano são vagas, para o segundo, as lembranças são mais fortes, mais vívidas e compostas por maior número de acontecimentos. Sua explicação para tal diferença reside no fato de no grupo de alunos as relações estabelecidas entre eles durante um ano ou semestre são mais duradouras, enquanto para o professor tais relações constituem-

se de maneira mais efêmera, pois, no ano seguinte este grupo já terá sido extinto, enquanto que os alunos permanecerão juntos ao longo de seus percursos escolares. (HALBWACHS, 2006, p. 33-35). Este é um exemplo fornecido pelo autor a respeito de seu entendimento de como o grupo, ou o enquadramento social da memória, operam no trabalho de rememorar, assinalando que a permanência no mesmo enquadramento social pode fazer com que as lembranças sejam sedimentadas e estruturadas, pois o grupo exerceria a função de também ser guardião desta memória coletiva.

Ainda, buscando explicitar o como a Memória Coletiva opera, Halbwachs (2006) publica em 1939 "Memória coletiva entre os músicos", *paper* no qual não ignora o papel, a função ou a existência da memória individual (neste caso de um grupo específico: músicos), mas considera a interligação entre os processos individuais e coletivos. Expõe e argumenta que mesmo aqueles que conseguem lembrar-se de partituras e músicas por completo só o podem fazê-lo por estarem inseridos num grupo para o qual os sinais escritos da música fazem algum sentido. Sobre esta pertença a um grupo específico e as capacidades individuais de lembrança afirma que "[...] mesmo as lembranças que estão neles, lembranças de notas, dos sinais, das regras, se encontram em seu cérebro e em seu espírito somente porque eles fazem parte deste grupo, que lhes permitiu adquiri-las" (Ibid., p. 219).

É este o ponto-chave para a compreensão da Memória Coletiva e dos enquadramentos sociais da memória acerca da infância que esta pesquisa buscou: compreender o papel que não só as lembranças individuais e particulares têm para identificar imagens da infância, mas também o papel que a Memória Coletiva desempenha ao evocar lembranças de um momento específico da vida de cada um, identificar o que une lembranças de pessoas que não se conheciam no passado (e que talvez não se conheçam ainda hoje) e identificar algumas das lembranças que se conservam igualmente fora deles.

A reconstrução do passado no presente

Além da multiplicidade de conexões estabelecidas e dos quadros sociais aos quais se pertence no momento passado, ao rememorar, as lembranças se relacionam com as posições atuais do sujeito que lembra. Os contextos de vida, os valores, as posições sociais, as relações sociais atuais são fatores que se fazem presentes no ato de rememorar, ou seja, "a lembrança é

uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual" (BOSI, 1994, p. 55).

Para o objetivo desta pesquisa é preciso considerar a existência da ligação entre o passado e o presente, pois não só rememoramos com "os olhos" do presente, como também consideramos as representações que temos a respeito da infância que tivemos, e tais representações, tais lembranças são envolvidas pelas representações que temos da infância hoje. No caso dos sujeitos desta pesquisa, rememorar a infância enquanto hoje exercem papéis de pais e mães, tios e tias, professores e professoras, entre outros, ou nas palavras de Halbwachs (2006, p. 29): "se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente" [35].

O fato de as lembranças serem uma reconstrução do passado a partir do momento presente pode significar que os informantes não são confiáveis, pois seus relatos poderiam apresentar dados não totalmente verídicos ou mesmo distorcidos. Entretanto, ao utilizar as memórias de infância como fonte de dados, tão importante quanto os fatos ocorridos é a seleção feita no (e para) o relato. Por que esta cena e não outra? Por que falar de brincadeiras e não de lições de casa? Por que percorrer determinado caminho ao rememorar? Importa compreender os processos pelos quais os sujeitos constroem suas memórias sobre a infância e a função que estas lembranças exercem na organização de suas vidas e, simultaneamente, na constituição de imagens coletivas sobre a infância.

É neste ponto que mais uma vez considera-se a relevância das teorias de Halbwachs para esta pesquisa, pois, mais importante que compreender o funcionamento da memória ou a busca pela veracidade dos fatos, é compreender o que foi lembrado ao evocar as memórias de infância, em quais contextos os fatos rememorados se localizam, se nas relações familiares, na escola, com os amigos, entre outras, ou seja, em quais quadros sociais suas memórias de infância se inserem, ou quais são os enquadramentos sociais de suas memórias de infância.

[35] Neste ponto, mais uma vez Halbwachs se distancia de seu mestre Bergson, pois para este "[...] a lembrança nos representará nosso passado com a marca do passado; percebida no momento em que se forma, é com a marca do passado, constitutiva de sua essência, que ela aparece" (BERGSON, 2009, p. 135)

1.3.2 **Memória Coletiva e construção de imagens da infância**

Thomson (1997), em suas pesquisas acerca do mito australiano dos *Anzacs*, realizou séries de entrevistas com ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial. Em princípio, seu objetivo era desmistificar o mito do herói de guerra neste país, porém, com o sentimento de respeito pelas memórias destes combatentes modificou sua pesquisa buscando compreender, então, como os soldados se enquadravam ou não na descrição do mito.

O que este pesquisador demonstra é que as histórias dos *Anzacs*, que eleva o sentimento de nacionalidade australiano de "independência, espírito de igualdade, coragem, companheirismo e inabalável patriotismo" (Ibid., p. 55) transformou-se em mito e que, a partir da construção e disseminação de uma memória coletiva que legitimava determinados aspectos da vida na frente de batalha desconsiderou muito do que aconteceu verdadeiramente e muitos dos relatos de veteranos que se distanciavam da reputação dos *Anzacs*. Sobre isso, alguns dos seus depoentes relatam terem se excluído dos eventos de saudação pública, pois suas memórias não se enquadravam no mito criado a respeito de suas experiências na batalha.

Pollak (1989) trata do esquecimento enquanto um fator determinante da memória, pois quando as memórias que se tem não se adaptam à memória coletiva legitimada, ou à história oficial, o esquecimento surge como um mecanismo de enquadramento. O que estes autores mostram é que de acordo com a memória oficial difundida os sujeitos podem apresentar sentimentos de adesão ou repúdio às representações construídas pela Memória Coletiva. No caso relatado por Thomson (1997) alguns veteranos se excluíram voluntariamente das comemorações coletivas por repudiarem a imagem oficial dos *Anzacs* e Pollak (1989) expõe a disputa entre memórias coletivas oficiais e subterrâneas, utilizando os movimentos na URSS[36] como um exemplo da re-escrita da História nacional após longos anos de silêncio impostos pela política e justifica que tanto o esquecimento quanto o silêncio são partes componentes da Memória Coletiva.

Da mesma forma, ao se relatar a infância que estes sujeitos tiveram há uma busca por enquadramento de suas memórias de infância nas imagens e representações que foram criadas a respeito da infância e da infância "daquela época" e, em uma das entrevistas surge, não o sentimento de repúdio, mas um sentimento de não-enquadramento:

---

[36] União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

> Acho que eu fui uma criança diferente [...]. Porque eu vejo que as pessoas quando eram crianças tinham coleção de garrafinha, coleção de tampinha e eu nunca fui presa a isso, não sei. [...] Não sei se por conta da gente não ter o contato com as outras crianças a gente não adquiriu esse... Mesmo na escola eu via que o pessoal levava aqueles papel de carta, *clips* colorido e eu pensava: "pra quê?", não conseguia entender.
> (Entrevista com Vanessa)

Pode-se considerar também que as representações ou imagens de um determinado grupo (como no caso australiano dos veteranos da Primeira Grande Guerra) são fruto da Memória Coletiva, que legitima determinadas memórias e torna clandestina outras.

Se entendermos o discurso científico a respeito da infância (por exemplo, as imagens inventariadas por James, Jenks e Prout, 1998) como representações de determinados (e diferentes) momentos históricos e como ao longo do tempo muitas destas imagens tornaram-se senso comum, é possível associar a ideia destas representações como parte constituinte da Memória Coletiva acerca da infância, e que, portanto, influencia (de diferentes maneiras e em diferentes graus) o como se concebe, imagina e rememora a infância, até mesmo a sua própria.

A infância (enquanto construção coletiva) pode ser entendida como uma representação coletiva e social, rememorada pelos sujeitos da pesquisa no tempo presente a respeito de fatos sociais passados, sendo tais fatos a matéria de suas memórias de infância. Enquanto construção e representação coletiva, os fatos sociais relativos à infância podem ser vinculados à perspectiva de infância estrutural, especificamente neste estudo, ao conjunto de normas, restrições, atribuições, representações que a diferenciam da idade adulta, da velhice ou da juventude, tornando possível sua identificação a partir das memórias.

Silva (2002) analisa as comemorações dos 500 anos do Brasil[37] e como muitos aspectos da história foram esquecidos e silenciados para dar lugar a imagens positivas da História Nacional. Apresenta duas identidades celebradas nestas comemorações, a primeira do paraíso tropical e a segunda do país do futuro. A autora afirma que estas identidades (ou imagens) não foram inventadas, mas que foram construídas ao longo dos séculos, para Silva (2002, p. 44) "Essa representação social forjada ao longo dos séculos, sem dúvida, deixou rastros na memória coletiva". É neste sentido que se acredita ser possível, num caminho inverso, além de encontrar rastros de representações sociais acerca da infância na Memória

[37] Série de comemorações pelos 500 anos do Descobrimento do Brasil que aconteceram no ano 2000.

Coletiva, identificar a partir das memórias os rastros deixados pelas representações sociais (ou imagens) da infância.

Os conceitos teóricos apresentados neste capítulo trazem informações sobre as bases nas quais esta pesquisa se constituiu. Vale relembrar que o que se busca não é a verdade única, universal, generalizada, mas a exposição de um ponto de vista a respeito da infância que utiliza o arcabouço fornecido por diferentes teorias.

> Abordagens teóricas são como lentes de aumento, que nos ajudam a ver e compreender melhor certos aspectos da realidade. As lentes podem ser escolhidas de acordo com o interesse do pesquisador e à medida que são usadas, deixam marcas no objeto observado (SANTOS, 2003, p. 13).

Por estas razões optou-se pelo uso das teorias sobre a Memória Coletiva como aporte teórico juntamente com as teorias da Sociologia da Infância para compreender o objeto desta pesquisa e buscar respostas ao seu problema central: quais as imagens da infância que adultos nascidos e residentes num grande centro urbano têm.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

Conforme exposição anterior, a maioria das pesquisas nacionais em Sociologia da Infância está vinculada à agência das crianças e diversos artigos e *papers* acadêmicos tratam da necessidade de incluir as crianças e seus mundos sociais nas pesquisas sobre a infância[1].

Entretanto, apesar de utilizar a Sociologia da Infância como suporte teórico, e considerar a relevância das pesquisas *com* crianças, ouvi-las falar sobre a infância não responderia o problema proposto por esta pesquisa. Zago (2003) afirma que

> [...] a escolha pelo tipo de entrevista, como é também o caso de outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra. Ela se justifica pela *necessidade decorrente da problemática do estudo*, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar as estratégias apropriadas para respondê-las (p. 294, grifos nossos).

Assim como a escolha pelo tipo de entrevista deve adequar-se ao objeto e problemática de estudo, tal adequação igualmente recai sobre a escolha do grupo com o qual a pesquisa é realizada. Dois aspectos sobre a escolha dos sujeitos desta pesquisa foram norteadoras neste processo: (1) o interesse em se coletar dados com adultos e (2) ouvir pessoas pertencentes a diferentes posições socioeconômicas

O primeiro aspecto surge da necessidade de se compreender o que uma categoria geracional pensa a respeito da outra. Neste caso o que adultos pensam a respeito das crianças, ou seja, ouvir o que atores sociais pertencentes à idade adulta pensam sobre a categoria infância.

Na concepção original desta pesquisa o grupo a ser investigado era a família, mais especificamente os adultos que a compunham. Esta ideia, porém, foi abandonada, pois a configuração da pesquisa recaiu na relação entre memórias de infância e imagens de infância e não mais entre família e infância.

Sobre o segundo aspecto inicialmente considerava-se que o pertencimento de classe fosse peça-chave na concepção de infância, isto é, que esta posição influenciasse principalmente as representações sobre o conceito abstrato de infância, ou que o

---

[1] Sobre este assunto, conferir Soares, 2006; Alderson, 2005; Soares, Sarmento & Tomás, 2004.

percurso escolar, por exemplo, determinasse concepções de imagens pré-sociológicas ou sociológicas[2] de infância.

Definido o perfil do grupo para a realização da pesquisa (adultos de diferentes classes/posições sociais) era preciso encontrar estes adultos e optou-se por buscar pais ou mães de crianças que frequentassem uma mesma instituição de educação infantil, pois, "a escola está associada à construção social da infância" (SARMENTO, 2004, p. 11) e nos dias de hoje assume grande importância para as crianças como um local onde se pode conviver com pessoas da mesma categoria geracional. Em Portugal, Manuela Ferreira (2004) se questiona "«*Onde estão as crianças entre os três e os seis anos?*» [...] num dos contextos institucionais mais representativos da infância contemporânea, o Jardim de Infância" (p. 11, grifos da autora). No Brasil, Nunes e Corsino (2009) apontam que as crianças encontram-se cada vez mais institucionalizadas, principalmente nas instituições que se dedicam à educação infantil (creches e pré-escolas) e que "a violência urbana e a falta de disponibilidade dos adultos não têm permitido que as crianças frequentem regularmente áreas públicas de lazer onde poderiam compartilhar outros grupos de convivência e interação" (Ibid., p. 24).

Considerando que a escola e as diversas instituições de atendimento às crianças pequenas configuram importantes locais de convivência, era preciso definir qual instituição seria escolhida para a realização da pesquisa. No Brasil existem dois principais sistemas de ensino: o público e o privado, que atende a um público mais homogêneo do ponto de vista econômico. Por este motivo optou-se por realizar a pesquisa em uma instituição pública que atendesse a um público mais heterogêneo.

As instituições de educação em nível infantil, fundamental e médio ligadas a universidades são exemplos de instituições que atendem a um público heterogêneo do ponto de vista econômico, pois atendem à comunidade universitária (e em alguns casos a comunidade local, mesmo sem vínculo com a universidade).

[2] Imagens tratadas no Capítulo 1.

2.1 Da escolha da instituição de Educação Infantil e dos entrevistados

A partir do que foi exposto decidiu-se encontrar uma instituição de educação infantil universitária, aqui denominada creche, que atendesse a público mais heterogêneo. O primeiro contato com a creche ocorreu em 2008 por meio de correio eletrônico enviado à sua diretora, com o objetivo de apresentar a pesquisa e pesquisadora e solicitar um encontro para a possível realização da pesquisa de campo. Por questões próprias da creche, a pesquisa somente pôde ser iniciada no ano de 2009, quando foi realizado o primeiro encontro com a pedagoga e psicóloga da instituição.

Neste encontro foram esclarecidas dúvidas a respeito do processo de seleção das famílias entrevistadas, do andamento da pesquisa, do cronograma de realização da pesquisa de campo e sobre como seria a minha presença na creche. Foram também explicitados aspectos relativos à realidade da instituição: a diversidade do público atendido e a rotina da creche.

Conforme anteriormente exposto, buscava-se formar um grupo de pesquisados pertencentes a diferentes classes/posições sociais e uma das ideias era entrevistar alunos, professores e funcionários da Universidade à qual a creche é vinculada. Com o avançar da pesquisa, entretanto, percebeu-se que a própria Universidade diferencia os cargos a partir do grau de escolaridade exigida no concurso de ingresso (ensino básico, técnico ou superior) e optou-se por utilizar esta divisão preexistente para a composição heterogênea do grupo de pesquisa. Deste modo, definiu-se que comporiam o conjunto de pesquisados funcionários dos três níveis de formação (incluiu-se nos funcionários com nível superior exigido também os docentes que, obrigatoriamente, têm ensino superior). Os alunos das diversas faculdades foram excluídos do conjunto de pesquisados por terem uma relação efêmera com a Universidade.

O primeiro critério de seleção dos potenciais pesquisados baseou-se, portanto, no tipo de vínculo com a Universidade de acordo com a formação exigida. O segundo critério de seleção diz respeito à naturalidade dos pesquisados. Tal critério originou-se na concepção da pesquisa quando se pretendia focalizar famílias que viveram e

permaneceram nas cidades da Grande São Paulo com características de urbanização[3]. À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, a relação com a urbanização deixou de ser relevante, e, ao longo da pesquisa de campo, em especial durante as entrevistas, percebeu-se que devido à mobilidade das famílias e suas diferentes formas de organização, os sujeitos selecionados não necessariamente viveram sempre nos municípios da Grande São Paulo e em centros urbanos. Como estas características foram percebidas após a seleção dos pesquisados, este critério, apesar de não mais significativo, será explicitado.

Tendo em vista estes dois critérios de seleção, três documentos das crianças foram disponibilizados para leitura: (1) a lista das crianças matriculadas na creche[4]; (2) a ficha de matrícula e (3) a certidão de nascimento das crianças[5].

A primeira fase da pesquisa de campo constituiu-se da seleção dos possíveis pesquisados por meio da leitura dos documentos. As listas das crianças matriculadas (divididas em grupos[6]) e suas fichas de matrícula contemplaram o primeiro critério de seleção – o tipo de vínculo com a Universidade – com isto o grupo de (possíveis) entrevistados foi dividido em três subgrupos: funcionários em nível básico, técnico e superior.

Após esta primeira divisão, buscou-se na certidão de nascimento identificar as crianças cujos pais eram nascidos nas cidades da Grande São Paulo[7] para atender ao segundo critério de seleção.

---

[3] Inicialmente a pesquisa chamava-se "Imagens da infância: relatos de famílias urbanas", por isso era importante a naturalidade dos adultos.

[4] Nesta creche as crianças são divididas por idade da seguinte maneira: berçário (crianças de um ano em média), Grupo 2 (crianças de dois anos em média), e sucessivamente até o Grupo 6 (crianças de seis anos em média). Vale ressaltar que atendendo à nova legislação, em 2010 o grupo 6 foi extinto, pois as crianças de seis anos passaram a frequentar o Ensino Fundamental.

[5] Estes documentos puderam ser acessados, pois a creche recebe diversos pesquisadores da Universidade e há uma autorização previamente assinada pelos pais que assegura a entrada de pesquisadores autorizados pela creche, além disso, a leitura dos documentos foi acompanhada pela funcionária da creche que mantém o controle destes documentos.

[6] Para diferenciação entre grupo de pesquisa e grupos de crianças da creche, daqui em diante, estes serão nomeados grupos-classe.

[7] A Grande São Paulo é composta por trinta e nove municípios, são eles: São Paulo (capital do estado), Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Caieiras, Cajamar, Cotia, Diadema, Embu, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapevi, Itapecirica da Serra, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora de Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana do Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista.

Desta forma três os subgrupos de possíveis pesquisados foram obtidos. Neste processo foram excluídas as famílias cujas crianças faziam parte do primeiro e do último grupo-classe da instituição (berçário e grupo-classe 6), pois os primeiros estavam iniciando o contato com o espaço público escolar e os segundos por estarem no último ano de vínculo com a creche e pela possibilidade de perda de contato com a pesquisadora em tempo muito breve.

A partir destes critérios de seleção e da exclusão do primeiro e último grupo-classe, verificou-se que existiam sete famílias cujo vínculo com a Universidade era em nível superior, dez famílias em nível técnico e três famílias em nível básico. Decidiu-se então que seriam feitas entrevistas com três famílias de cada subgrupo de pesquisa, número determinado pela quantidade de famílias de enquadramento funcional básico[8].

Estabelecido o número de possíveis famílias a participarem da pesquisa, foi necessário fazer outra seleção para adequar o número de famílias vinculadas em nível superior e técnico. Para este corte, optou-se por entrevistar pais de crianças dos diferentes grupos-classe da instituição, assim pais de crianças de diferentes idades seriam entrevistados.

O primeiro contato com os sujeitos de pesquisa selecionados ocorreu no momento de entrada das crianças na creche. Como na instituição as crianças são recebidas pelos funcionários da secretaria e, em especial pela enfermeira, esta ficou encarregada de apresentar os pais à pesquisadora. Neste momento a pesquisa era brevemente apresentada e o convite de participação feito. Dentre os nove convites iniciais, duas pessoas informaram que não poderiam participar da pesquisa por motivos de trabalho (ambas funcionárias em nível superior) e uma, que aceitou, não pôde participar efetivamente da pesquisa por não ser natural do estado de São Paulo (enquadramento de nível técnico). Assim, foi necessário estabelecer novos contatos com os pais, e, desta vez todos os convites foram aceitos. Foi fornecido à pesquisadora um meio de contato, telefone ou correio eletrônico, para que as entrevistas fossem agendadas.

---

[8] É possível que o número reduzido de famílias de nível básico encontrado possa estar relacionado ao auxílio creche pago às famílias. Este auxílio tinha, no ano de 2009, o valor de R$ 211,11 por dependente para funcionário de carga horária até trinta horas, e de R$ 422,22 para carga horária superior a trinta horas.

2.2 Das entrevistas e coleta de dados

Se o momento presente exerce grande influência sobre as rememorações e, ao mesmo tempo o passado e as memórias se fazem presentes hoje, como se poderia considerar o que adultos pensam a respeito da infância hoje sem que se considerasse o que pensam acerca de suas próprias infâncias? Esta questão motivou a coleta de memórias de infância, para que fosse possível compreender as imagens de infância destes adultos.

Na medida em que as memórias de infância fornecem dados sobre fatos únicos das vidas de cada um dos sujeitos, algumas orientações metodológicas da História Oral, bem como da História de Vida e das Entrevistas foram consideradas ainda que esta pesquisa não se caracterize como pertinente à História Oral ou à História de Vida. Segundo Haguette (1987, p. 70) a História de Vida

> atende mais aos propósitos do pesquisador que do autor e está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do autor sobre o mundo. Neste sentido o pesquisador deve tomar certas medidas para assegurar que o ator social cubra todas as informações de que ele necessita, que nenhum fator seja omitido, que as informações recebidas sejam checadas com outras evidências e, finalmente, que as interpretações do autor sejam honestamente fornecidas.

A História de Vida diferencia-se de narrativas nas quais o entrevistado é quem decide o que falar e os assuntos a tratar principalmente, como aponta a autora, por estar focalizada nas necessidades do pesquisador e da pesquisa, entretanto, ao considerar as teorias da Memória Coletiva, não é possível, nem tampouco desejável, a busca pela veracidade e fidelidade extremas, pois tanto o presente influencia as memórias, como a seleção de memórias constitui-se em dados para a análise, pois, é, "pela seleção da lembrança, que passa essencialmente a instrumentalização da memória" (RICOEUR, 1999 Apud SILVA, 2002, p. 432)[9].

Com relação à História Oral, foram consideradas algumas de suas orientações "por basear-se no depoimento pessoal e na memória" (HAGUETTE, 1987, p. 81). Sobre a entrevista, forma pela qual os dados foram coletados, considerou-se "o caráter de

---

[9] RICOEUR, Paul. Entre mémoire et histoire. In : **Raison Présente**, numéro 128. Paris, 1999, pp. 5-24.

interação que permeia a entrevista [...] [quando] o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista" (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

Para a coleta de dados foram utilizados um gravador digital, um roteiro de entrevista e o diário de campo. A escolha por estes instrumentos não é neutra, o uso do gravador se dá pela vantagem que ele oferece de "[...] registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado" (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 37) e, como o objetivo das entrevistas era analisar as memórias de infância e os discursos de pais e mães sobre ela, a gravação oportunizou a retomada das falas e revisão de detalhes. Em contrapartida, o diário de campo serviu como o instrumento de anotação das expressões que não puderam ser capturadas pelo gravador e o roteiro de entrevista foi utilizado para garantir que as perguntas essenciais fossem feitas e os temas de interesse da pesquisa fossem contemplados.

A entrevista mostrou-se como a maneira mais adequada de se coletar os dados para a pesquisa, pois se procurou saber fatos únicos na história de cada sujeito pesquisado, buscando relacionar questões de memória individual e coletiva, acontecimentos macro e microssociais e diferentes concepções de infância.

A escolha pelo tipo de entrevista também foi uma questão relevante e pensada a partir de alguns modelos conhecidos. Um dos modelos considerados foi a narrativa autobiográfica, como em Oliveira, Rego e Aquino (2006), pesquisa na qual foi solicitado a diferentes sujeitos que narrassem sua própria história, sem maior interferência dos pesquisadores. Entretanto, considerou-se que esta não seria a abordagem mais acertada para responder às perguntas contidas nesta pesquisa, pois, ao contrário do que propõe a História de Vida, neste tipo de abordagem o pesquisado é quem, de fato, decide o que falar.

Considerando alguns modelos conhecidos de entrevistas, suas especificidades e a necessidade de atingir o objetivo da pesquisa, as entrevistas realizadas tiveram um tema central (infância), com perguntas previamente preparadas de forma que abrangesse temas relevantes para a compreensão da infância, levantar fatos e ações que pudessem caracterizar seus modos de vida quando crianças, bem como relacioná-los a eventos coletivos e como estes puderam ou não ter afetado a vida dessas pessoas quando

crianças. As entrevistas realizadas assemelham-se aos modelos de entrevista aberta o que proporcionou aos entrevistados acrescentar em seus relatos outros fatos considerados importantes por eles e que não foram levantados pela pesquisadora.

Em algumas delas os pesquisados contaram fatos sobre suas vidas adultas e, nestes momentos, houve intervenção para que se retomasse o foco, ou seja, para que as narrativas se voltassem novamente às questões da infância, o que acarretou uma participação mais ativa por parte da pesquisadora.

As entrevistas são instrumentos de pesquisa importantes e, conforme Lüdke e André (1986, p. 33) "a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde", por isso tomou-se o cuidado de fazer com que os entrevistados sentissem-se o mais à vontade possível nesta situação específica de interação. Bourdieu (1997) aponta diversos encaminhamentos e cuidados necessários a uma boa entrevista, entre eles estabelecer uma relação não violenta entre entrevistador e entrevistado, cuidar para que as diferenças e semelhanças socioculturais não se tornem armadilhas, estar atento para o fato de que a transcrição é também um ato de tradução, pois a linguagem oral possui elementos não existentes na linguagem escrita e vice-versa. Estes cuidados fizeram-se presentes antes, durante e após a realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2009 de acordo com o local, dia e horário indicados pelos entrevistados, e aconteceram em três locais: na creche, na faculdade (à qual a pesquisa está vinculada) e no local de trabalho dos entrevistados, com duração média de 40 minutos e posteriormente transcritas.

A primeira entrevista foi com Gabriel[10] e realizou-se em seu local de trabalho. A segunda foi com Suzana e realizou-se na faculdade. A terceira entrevista foi realizada com Fernanda em seu local de trabalho. A quarta foi com Felipe na creche; esta entrevista foi reagendada duas vezes por motivos de seu trabalho.

A quinta entrevista foi feita com Débora na creche. Alice foi a sexta entrevistada, também na creche. Renata a sétima entrevistada, neste mesmo local. A oitava entrevista foi com Érica em seu local de trabalho. A nona e última entrevista aconteceu na faculdade com Vanessa.

---

[10] Todos os nomes presentes nesta pesquisa são fictícios. A alteração dos nomes dos entrevistados, bem como de todos por eles citados visa manter o anonimato.

Nas entrevistas com Suzana, Alice e Vanessa houve um complemento, pois, após seu encerramento, a conversa continuou e por esta razão o gravador novamente foi acionado para complementar suas falas, com opiniões e lembranças.

Em 2010 foi estabelecido um segundo contato com os participantes da pesquisa, com o objetivo de obter informações complementares para contextualizar as posições e contextos socioeconômicos e culturais de cada um. Buscaram-se informações referentes ao percurso escolar e à realidade profissional dos sujeitos e de seus pais. Desta vez, a entrevista foi realizada por telefone.

Em todas as entrevistas foi entregue aos participantes uma cópia do termo de consentimento de participação da pesquisa e foram esclarecidas quaisquer dúvidas com relação a suas participações e à pesquisa em si.

3 BREVES RETRATOS

Este capítulo é dedicado à apresentação do grupo com o qual a pesquisa foi realizada. Busca-se com isto dar visibilidade a cada entrevista, às especificidades de cada narrativa e às formas pelas quais os entrevistados as responderam, desta forma é possível tornar os sujeitos conhecidos, assim como suas memórias de infância e as maneiras pelas quais se apropriam de imagens e vivências coletivas.

3.1 Gabriel

Gabriel nasceu na cidade de São Paulo, em 1978. Mudou-se para Santos[1] com cinco anos de idade e lá viveu até os dez anos, quando voltou para São Paulo. Fez curso profissionalizante de eletricista de manutenção concomitante com o colegial, depois fez curso técnico em eletrotécnica, e outros cursos de especialização na mesma área. Hoje trabalha em um instituto como técnico de laboratório.

Vive com sua esposa, duas filhas e uma enteada na mesma casa onde morou durante sua infância. Sua esposa vende produtos relacionados à música numa loja de instrumentos musicais, na qual tem participação.

Seu pai era gerente em uma rede de lojas de autopeças, o que motivou a mudança para Santos e o retorno a São Paulo. Sua mãe trabalhava em escritório, mas parou de trabalhar após o casamento.

Gabriel conta que

> naquela época a gente não tinha um horário, não tinha um nada, você tinha uma liberdade pra fazer o que você quisesse. É uma das coisas que mais marca, pra gente hoje. E principalmente hoje a gente vê a diferença do que era nossa infância do que é do pessoal hoje. Pra gente qualquer coisa era uma diversão, hoje é *videogame*, é computador. O foco mudou. A gente saía de manhã e voltava à noite, sem problema. Hoje em dia o pessoal sai, e cinco minutos já fica preocupado, onde é que está, o que aconteceu. É o que mais me marca. Essa liberdade que a gente tinha que hoje em dia você já não tem mais isso.

[1] Cidade do litoral sul do estado de São Paulo.

Não fala de lembranças anteriores aos cinco anos porque somente quando foi para Santos começou a sair mais e a praticar atividades físicas. Conta que brincava principalmente na rua e que ficava pouco tempo brincando em casa e, a este respeito, aponta que há diferenças entre sua infância e a de hoje, pois *"antigamente você deixava, a criançada ficava solta na rua o dia inteiro e ninguém se preocupava com isso [...] o perigo sempre teve, mas não era que nem é hoje [...] você tinha mais liberdade pro pessoal... Minha infância foi praticamente inteira na rua"*. Segue relatando:

> Minha mãe mesmo falava, meu lugar preferido era fora de casa. Tanto que às vezes eu saía, mais aqui quando eu voltei, tinha *shows*, tinha teatro, eu ia e eu chamava o pessoal: *"vamos?"* Era aquela coisa: *"vamos"*. Quando chegava na hora*: "olha, não vai dar pra eu ir, minha mãe não deixou"*. Eu ia sozinho. Minha mãe: *"mas você vai sozinho? Eu nasci sozinho. Eu me viro"*. Cansei de sair sozinho. E fazia amizades, e voltava com mais um monte de gente. Eu nunca fiquei preso a nada nem a ninguém. Eu sempre gostei de sair, me virar. Tanto é que já peguei algumas vezes, quando era solteiro, de botar a mochila nas costas e sair sem rumo. Então é... é meu isso, essa coisa dessa liberdade, é meu. [...] Feliz [descreve a minha infância]. Mas é isso: é livre. O que mais descrevia a minha infância é que eu fui uma criança livre. Eu vivi intensamente a minha infância.

Quando se mudou para Santos, Gabriel começou a brincar mais na rua e a praticar algumas atividades como *mountain bike* e triátlon. Começou a fazer teatro, música, e, ao voltar para São Paulo,

> eu deixei um pouco a bicicleta, o *cross*, eu continuei com o teatro aqui. Porque lá em Santos a coisa é muito mais fácil, porque lá é tudo plano, então pra bicicleta é muito mais fácil, porque eu me locomovia de bicicleta, eu já saía de casa de bicicleta, ia treinar de bicicleta, passeava de bicicleta, então a vida minha lá em Santos foi toda de bicicleta. A infância em cima duas rodas. Aqui em São Paulo como o terreno já não colabora tanto, eu me voltei mais pra parte de teatro, de música. Então eu trabalhei como *DJ*, eu trabalhei dando som em festas, já desde a época da escola, organizando festas na escola e tal, então aqui eu me voltei mais pra essa parte de teatro, de música e depois é que eu deixei isso de lado pra passar pra parte de elétrica que é o que eu sigo até hoje. [...] Pra mim foi muito bom. Apesar de ter, que nem na época do *cross*, do teatro, que você tinha um compromisso com horário, com treinamento, com a coisa dos ensaios do teatro tudo, mas te dava uma liberdade maior. O teatro nem tanto porque como a gente estava estudando, estava no teatro amador, ficava ali, mas a equipe de *cross* a gente chegava a viajar um pouco, então pra mim era muito legal, porque eu gostava disso, então por mais que tivesse que ter um horário com treino, com tudo, eu tinha essa liberdade de estar viajando e ninguém me impedia porque eu estava indo pra fazer uma coisa que eu gostava, eu tinha mais essa liberdade. Isso até hoje pra mim, eu vejo isso uma coisa legal porque isso te dá um pouco de responsabilidade. Você tem os ensaios do teatro, você tem os treinos do *cross*, você tem um horário pra chegar, pra sair, então isso até hoje. Me moldou um pouco. Essa responsabilidade um pouco vem dessa época. Tanto é que até hoje eu sou meio chato com esse negócio de horário por causa daquela época. Então, eu sabia que

> ninguém me segurava em casa, eu saía, virava a noite, eu ia pra farra, mas, quando eu cheguei a passar quatro, cinco dias, quando eu estava fazendo estágio aqui, fora de casa, mas no horário daqui, eu estava aqui. Então eu sabia que quando eu saía daqui, se eu quisesse ir pro sul, eu ia, mas no outro dia eu tenho que estar de volta aqui. Eu sempre tive essa de: vou pra onde eu quero, ninguém me segura. Mas a responsabilidade, essa parte lá de trás me trouxe isso.

Relata que às vezes saía sozinho e que fazia novos amigos com frequência. Sobre um grupo constante de amigos diz que

> tinha, tem sempre dois ou três que estavam sempre comigo. Que até cresceram junto, estudaram comigo, quando eu voltei de Santos. Quando eu voltei, eu estava na 4ª série, então eles vieram da 4ª série até a 8ª série comigo. E eles moravam próximos de casa, que nem quando a gente fala de amigos da rua, não são bem na rua. Na rua de casa mesmo, eu não conheço quase ninguém. Meus amigos eram tudo longe, tudo em volta, por não parar muito em casa, então eu não tinha muito contato. Eu conheço o pessoal dali, mas não tinha muito contato como eu tinha com o pessoal de longe. Era mais o pessoal da escola, que eles moravam em volta [...]. Então, e esses dois, três que estavam comigo desde essa época, eram os dois que também tinham uma cabeça assim de: *"vamos sair"*.

Com estes amigos andou muito de bicicleta, indo para lugares como o Horto Florestal[2], o Parque do Ibirapuera[3], o Pico do Jaraguá[4], Campinas[5] e Santos. Conta ainda que viajava muito com a avó. Seu avô era policial militar, falecido, e sua avó era da reserva da Polícia Militar. Relata que a avó costumava levá-lo e ao irmão à Caldas Novas[6], em uma estação de águas. Ali *"a gente acabava fazendo amizade lá, porque ia eu e o meu irmão, ou às vezes uma prima, um primo que ia junto, mas normalmente eu e o meu irmão, porque a gente estava mais próximo dela"*.

Em relação à escola, Gabriel afirma que o que mais se lembra é das festas. Diz que

> até porque eu organizava, ajudava a organizar, eu vinha com ideias. Que é outra coisa que também trago até hoje porque hoje eu estou no grêmio aqui, então quando tem festa, tem alguma coisa eu estou na organização, eu estou na bagunça, então essa parte das festas, de organizar coisas também me marcou bastante na época da escola.

---

[2] Parque Estadual Alberto Löfgren – Horto Florestal criado em 1896 por Alberto Löfgren (naturalista e botânico sueco), localizado no sopé da Serra da Cantareira, na zona norte da cidade de São Paulo.
[3] Parque municipal inaugurado em 1954 em comemoração aos 400 anos da cidade de São Paulo, localiza-se no bairro de Moema, zona sul da cidade.
[4] O Pico do Jaraguá é um mirante da cidade de São Paulo e localiza-se no Parque Estadual Jaraguá, zona norte da cidade.
[5] Cidade do interior de São Paulo.
[6] Localizada no estado de Goiás, região centro-oeste do Brasil, é famosa por suas águas termais.

Conta que vários eventos marcaram sua infância, como o movimento por eleições diretas[7], a eleição do presidente Collor[8], seu *impeachment*[9], o *Rock in Rio*[10], em 1985, que assistiu pessoalmente levado pelo tio. Comenta que

> eu tinha seis anos e foi bacana. Foi onde eu comecei a gostar de música realmente, eu vendo aquela coisa. Acho que dali que eu comecei a gostar, porque hoje eu toco violão, guitarra e outros instrumentos, acho que dali que começou a vir isso. E foi no Rio de Janeiro[11], minha avó pro lado do meu pai morava lá no Rio, então já tinha um contanto. Primeira vez que eu fui pro Rio eu tinha menos de um ano, então Rio – São Paulo eu estou em casa. Então, a gente foi tal, então... Participei! De vários acontecimentos dos anos 80 e 90, mas nenhum deles tive nenhuma influência boa ou ruim. A não ser essa parte do interesse, de começar a gostar de música, ver uma coisa mais ativa mesmo, mas marcante assim, acho que não teve nada.

Indagado sobre a influência desse evento em sua vida, responde que

> foi bem diferente. Porque era um moleque perdido ali. Sei que tinha muita gente. Na época eu não entendia o que estava fazendo ali, eu fui porque aquele negócio: *"você quer ir?"* Eu falei: *"eu quero! Não sei nem pra onde, mas eu quero"*. Bom, então eu fui. Foi legal, muita gente, muito aperto, muito empurra-empurra, um tumulto na viagem de ida, na viagem de volta, então teve uma loucura toda. Mas hoje eu vejo isso de uma forma diferente, hoje eu sei que foi legal, foi um marco pra mim, mas na época foi mais uma loucura de *"vamos? Vamos"*. Não sei nem onde eu estou indo, mas estou indo! [...] Que nem o show do Raul [Seixas][12] que teve, o último show do Raul ao vivo, eu estava lá, eu já era um pouco mais velho. Eu sei que esse show foi gravado, saiu num CD do Jornal da Tarde[13]. Foi um show que me marcou bastante, assim, por ser o último dele, e eu estava lá. Foi uma experiência legal pra mim.

Refere-se ainda a um programa de televisão, como algo que o influenciou:

> O que eu via muito do pessoal, eu vivia o dia inteiro na rua, mas na hora da Sessão Aventura[14], que passava depois da Sessão da Tarde[15], eu tinha que estar em casa. Então eu via a rua deserta, todo mundo corria pra casa pra assistir. [...] até porque na escola, no

---

[7] Movimento civil acontecido entre 1983 e 1984, ficou conhecido como "Diretas Já".
[8] Fernando Collor de Mello, presidente eleito em 1989.
[9] O processo de *impeachment* foi aberto em 02 de outubro de 1992 na Câmara dos Deputados, o que levou o presidente a renunciar o cargo em 29 de dezembro de 1992, data de seu julgamento.
[10] Evento organizado por Roberto Medina em 1985.
[11] Capital do Estado do Rio de Janeiro.
[12] Cantor de *Rock 'n' Roll* brasileiro, morto em 1989.
[13] Jornal do Grupo O Estado de São Paulo.
[14] Programa veiculado pela Rede Globo nas décadas de 1980 e 1990; apresentava séries diversificadas de segunda à sexta-feira.
[15] Programa que exibe filmes no período da tarde de segunda à sexta-feira; veiculado pela Rede Globo desde 1981.

> outro dia tinha o comentário da coisa: *"ah, você assistiu? Nossa, aquele dia, semana passada, e isso, e aquilo"*. Então, tinha isso, que eu via.

A respeito do que pensa sobre a infância hoje, Gabriel em diversos momentos da entrevista compara as possibilidades que teve com as que as crianças hoje têm:

> Hoje em dia a criançada é muito *videogame*, internet e televisão, eles não têm uma liberdade, uma liberdade não, uma... criação, eles não criam. Antigamente pra gente qualquer coisa era uma diversão. Como a gente não tinha tanta facilidade em ter as coisas, então a gente tinha que criar. Então jogos de rua, hoje em dia é difícil você ver, mesmo em periferia, mais pro centro, mais pros outros bairros mais próximos fica mais difícil porque hoje em dia está todo mundo em prédios. Todo mundo sai de manhã e só volta à noite. As crianças saem, vão pra escola, vão pra uma creche e também só se veem à noite. Na rua, de final de semana, como não tem um contato, às vezes não se conhecem muito, e os pais pegam aquele final de semana, que é momento que estão juntos, pra ir pra outro lugar, então a criança já não tem mais. E quando estão em casa: é internet, *videogame* e televisão. Hoje em dia você não vê mais o pessoal na rua. Eu às vezes vejo, às vezes eu vou mais pro lado da periferia, o pessoal empinando pipa, tem mais adulto do que criança. [...] Aquelas coisas que tinham antes na rua, que nem agora, essa época de festa junina, uma reunião, uma coisa, entre o pessoal da rua, ou mesmo nos prédios, antigamente, como eu falei, eu morei em Santos, era um condomínio fechado, eram os prédios fechados ali, mas nessa época se dava um jeito, arrumava um cantinho que seja pra fazer uma fogueirinha, e pra todo mundo descer, nem que seja cinco minutos, ficava em volta da fogueira, conversava, você tinha uma interação maior. Hoje a coisa está muito individualizada. Hoje já não tem mais o pensamento do coletivo [...] deixou de lado essa parte coletiva que eu acho muito importante. Que é o que eu procuro influenciar, explicar isso pras minhas filhas, que essa parte do coletivo. [...] Hoje eu não vejo mais o pessoal viver essa parte mais coletiva. É cada um por si.

Em relação à liberdade que teve e a possível hoje em dia, reflete que

> pessoalmente acho que ainda é possível viver dessa forma. A coisa está mais, o mundo está mais escancarado, porque foi o que disse, o perigo sempre existiu. Sempre teve pessoas usando drogas, sempre teve assalto, sempre teve tudo. O problema é que hoje a coisa está mais banalizada. O pessoal perdeu um pouco a essência da coisa e hoje um mata o outro por causa de uma coxinha no bar. Então assim, a coisa está banalizada [...] eu vejo isso como uma falta do que eu vivi.

Ainda neste sentido, Gabriel comenta as atitudes que julga irresponsáveis nos adultos e que, segundo ele, são resultado da falta de liberdade que tiveram quando crianças:

> E as crianças cresceram nos anos 80, podadas, pelo que foi aquela loucura do "sexo, drogas e *rock'n'roll*"[16] dos anos 70. Barraram isso de novo nos anos 80 e aí essa

[16] "sexo, drogas e *rock and roll"* faz referência ao lema de muitos jovens das décadas de 1960 à 1980 que buscavam se contrapor à sociedade tradicional da época.

> criançada, meio que podada, ali. E hoje virou esses adultos irresponsáveis. Que é o que a gente tem hoje. A maior parte deles, você vê jovens de vinte e três, vinte e cinco, vinte e oito anos, com a minha idade trinta, fazendo umas coisas assim que você fala: *"meu, eu fazia isso quando eu tinha dez, doze, quinze anos"*. Foi o pessoal que não viveu lá atrás.

Sua fala valoriza a infância vivida ao ar livre. Ao contar sobre os parques próximos à sua casa opina sobre o abando destes lugares:

> Eu trabalhei uma época como guia mirim do parque [do Jaraguá]. [...] Eu tinha acho que nove pra dez anos. [...] Eu fui convidado porque o pessoal, os guardas já me conheciam porque toda semana eu estava lá. [...] Hoje em dia também, às vezes eu vou, levo as minhas filhas lá no Pico do Jaraguá, você já não tem mais o movimento que tinha antes, o parque está abandonado. O pessoal deixou de frequentar, hoje parque é Playcenter[17], Hopi Hari[18], Parque da Mônica[19], que são dentro de *shoppings*, que é mais seguro. [...] Porque é fácil você dizer: a molecada hoje fica trancada dentro de um apartamento, jogando *videogame* e fica na internet. Mas você dá outra opção pra eles? É isso que falta também, todo mundo reclama. A causa da violência dos jovens vem do *videogame*, vem da internet, vem de num sei o quê, mas você não dá outra opção. Que é o que a gente tinha naquela época, a gente não tinha o *videogame*, a internet, a gente tinha outras opções. Que hoje não tem. Então hoje é muito mais fácil você abandonar um parque e comprar um *videogame*, do que cuidar da manutenção do parque. Então abandona o parque, aos poucos eles vão fechar aquilo.

Gabriel começou a trabalhar perto dos catorze anos. Questionado sobre até quando ele acredita ter sido criança, olha para o relógio e diz:

> Até agora. Até agora. Não deixei de ser, ou passei. Porque é o que eu falo, é o que vivi, é o que eu passo pras meninas, e eu continuo vivendo isso. Então assim, a gente vai, a gente sai pra ir pra parques, a gente sai pra ir pro Pico do Jaraguá. [...] E eu rolo na terra com elas, eu corro, eu brinco. Ainda está em mim isso, eu não deixei isso, eu não perdi isso, e espero não perder. É estar sempre nessa atividade, pra não deixar essa coisa morrer, então eu to sempre aí... [Ser criança] é ser livre, é o ser livre, é o viver, é deixar viver, porque é aquilo, a criança tem essa espontaneidade, essa liberdade, essa coisa e, que é o que eu falei, o que pra mim ainda hoje é importante, é você ter uma liberdade de expressão, de ação, de comunicação, uma sociabilidade que a criança... Você põe ela num lugar, você leva ela pra um outro canto do mundo, enfia ela ali, rapidinho ela já está enturmada com as crianças, ela pode não entender a língua, mas criança é criança em qualquer lugar do mundo, eles dão um jeito e se enturmam, eles têm uma linguagem deles e se enturmam ali. Isso é o que acho legal, isso é o que eu trago ainda, essa parte social, sociável da criança de se enturmar em qualquer canto que for. E por isso é que eu não deixo de ser criança.

---

[17] Parque de diversões localizado na zona norte da cidade de São Paulo.
[18] Parque de diversões na cidade de Vinhedo, interior de São Paulo.
[19] Parque de diversões temático (A turma da Mônica é uma coleção de gibis criada por Maurício de Sousa em 1970), alocado em um *shopping* da zona oeste da cidade de São Paulo.

3.2 Suzana

Suzana nasceu em 1967, na cidade de Itaquaquecetuba[20]. Morava em um sítio quando criança; tem três irmãos mais velhos e uma irmã mais nova. Mudou-se para a cidade de São Paulo quando cursou faculdade de Processamento de Dados, área em que hoje trabalha.

Seu pai nasceu no Japão em 1927 e veio para o Brasil com 27 anos, em 1954; sua mãe é do interior do estado de São Paulo. Trabalharam com plantação de café; durante sua infância seus pais plantaram pêssegos e hoje têm criação de codornas. Mora com seu marido, professor universitário, formado em engenharia elétrica, e duas filhas.

Para ela o que permanece mais significativo de sua infância são

> as brincadeiras que eu tinha com os meus vizinhos. Nós tínhamos uma faixa etária bastante ampla. Eu era a segunda mais nova, o mais velho tinha pelo menos dez anos a mais. Mas nós sempre brincávamos, meninos e meninas, era brincadeira tanto de meninos quanto de meninas. A gente brincava e brigava, então pra mim era uma alegria, depois que a gente chegava da escola, eu tinha aquela obrigação de fazer a lição de casa e já encontrar com os amigos pra gente inventar uma brincadeira nova ou continuar uma brincadeira que a gente já estava mais acostumado e foi uma fase muito legal. E eram brincadeiras bem que... Hoje em dia eu não vejo a criançada... Não vejo eles brincarem tanto quanto eu tive essa oportunidade na minha fase. Não sei se pelo fato de eu ter morado em sítio, eu morava bem afastado da cidade. [...] Então, a gente tinha muito esse contato de brincar com terra, brincadeira de bolinha de gude, muito contato com a natureza, então isso eu achei muito legal. É uma coisa que ficou marcada. E que minhas filhas hoje não fazem. É uma coisa que eu acho que faz falta na infância de uma criança, que precisa se desenvolver. Dessa liberdade, desse contato com a natureza, o espaço que hoje está um pouco limitado pras crianças que moram na cidade, eu acho isso uma pena. Porque eles não podem explorar muito o espaço e criança precisa de espaço, precisa de gastar energia, então eu acho que é muito legal isso.

Suzana gostava de empinar pipa. Relata que

> toda aquela fase de preparação, confeccionar pipa, comprar o material, a gente fazia questão de pedir o dinheiro pros pais, ou às vezes os pais nem tinham dinheiro. Na maioria das vezes, a gente confeccionava com jornal, com plástico, a gente improvisava, entendeu. Confeccionar as pipas pra poder fazer um campeonato de quem empinava mais tempo e quem deixasse ela o mais alto possível. A gente fazia essas competições entre nós não importando a idade, então pra gente era uma competição, não importava a idade, nem se era sexo feminino ou masculino. A gente encarava isso como uma brincadeira e não como uma briga de sexos, quem era melhor: os homens ou as mulheres, os meninos ou as meninas. Brincadeiras de bolinha de gude, a gente fazia muito, eu gostava muito.

[20] Município da Grande São Paulo.

Recorda-se de outras brincadeiras:

> Agora, brincadeiras de boneca, eu não lembro muito, não fez parte muito da minha infância, não sei se é porque eu não tive muitas bonecas, não ganhei muitas. E brincadeiras que a gente via em desenhos e a gente tentava incorporar em nós mesmos, que seriam os personagens de super-heróis. Cada um incorporava... A gente improvisava isso também. Um colega falava assim: *"você vai ser o Super Homem, você Mulher Maravilha, você Homem Aranha*[21]*"*. Então a gente improvisava até as roupas, era muito legal. A gente brincava bastante e isso marcou bastante também na minha infância. Então nada do que a gente brincava era comprado, de falar: *"não, se você não comprar eu não vou brincar"*. Não, tudo a gente improvisava. [...] Daí outra brincadeira que eu gostava bastante que marcou muito a minha infância foi um livro que acho que era do meu irmão, que era sobre escoteiros mirins[22], não sei se você chegou a conhecer, um almanaque de 200 páginas e cada página tinha umas atividades lá dentro desse manual de escoteiros mirins e tinha uma que marcou bastante a minha infância que era pra você montar uma cabana. Ele ensinava como você montar uma cabana, por exemplo. Isso aí marcou bastante, eu não esqueço dessa história. [...] A gente ia juntando, cada um ia trazendo um pouquinho do material que estava contando nesse manual do escoteiro mirim que precisava pra confeccionar essa cabana. Então a gente tinha esses objetivos, de fazer a confecção das cabanas pra gente fazer de conta que era a nossa casa. Então a gente falava assim: *"nós vamos montar três cabanas"*, nós éramos acho que em doze crianças, entre meus irmãos e os irmãos de mais dois outros vizinhos, nós éramos em cerca de doze, então a gente falava que ia construir uma família. E pra isso a gente ia construir três cabanas e que em cada uma ia ficar quatro pessoas, então a gente falava: *"você vai ser o pai, você vai ser a mãe"*, mas a brincadeira, o mais engraçado de tudo foi a confecção dessa cabana, que a gente falou assim: *"nós vamos montar a nossa casa"*. Então a gente fazia de tudo pra que ela ficasse perfeita. Fizesse sol ou fizesse chuva. [...] De mais uma outra brincadeira [...] que eu brinquei bastante disso também, que foi de ser professora. Isso eu já maiorzinha, estava na 3ª, 4ª série, a gente reunia a turminha [...] e todo mundo estudava de manhã e chegava à tarde nós organizávamos umas cadeiras, ou improvisava, a gente catava na sala, em algum lugar. Sempre tinha cadeira disponível lá. E eu lembro que eu fechava a porta do quarto da minha mãe, eu lembro a gente combinava de catar um pedacinho de giz da sobra da escola, cada um das suas salas e cada um catava de uma cor, e chegava em casa, eu fechava a porta do meu quarto e a gente escrevia. A nossa lousa. Como ela era nesse tom mais escuro, aí eu catava giz branco, cada uma catava de uma cor, e a gente brincava de fazer lição de casa. Então às vezes eu até transportava as minhas lições de casa pra porta e a gente falava: *"nós vamos fazer lição de casa, só que hoje eu vou ser professora"*, cada dia era uma que era professora, só que a minha irmã era mais nova e ela nunca era a professora, coitada. [...] Aí a gente ia se divertindo desse jeito. Brincar de ser professor. Os maiores já não gostavam muito de brincar disso, então a gente já reunia uma turminha menor, mas a gente brincava. Eu gostava bastante também.

---

[21] Personagens de histórias em quadrinhos (HQ) norte-americanas que deram origem a desenhos animado, filmes, entre outros. Os dois primeiros publicados pela *DC Comics* e o último pela *Marvel Comics.*

[22] Livro criado pela *Walt Disney Productions* publicado no Brasil pela Editora Abril.

Suzana se lembra que este grupo constante de amigos, composto por ela, seus irmãos e vizinhos, durou em torno de cinco anos, e que só terminou quando seus vizinhos se mudaram. Ela também atribui a esta mudança o término de sua infância:

> Pra mim, no caso específico, até meados de 4ª, 5ª série [que eu deixei de ser criança]. Que foi quando meus amigos foram indo embora e eu me vi meio sem amigos e [...] a partir desse momento eu comecei a brincar menos, talvez. [...] Acho que foi essa fase, meados de 4ª, 5ª série, que foi dos onze anos pra frente.

Algumas de suas lembranças dizem respeito à escola e às experiências ocorridas neste ambiente:

> Eu lembro que meu pai me levou na escola nos dois, três primeiros dias, que eu achei tudo muito estranho porque como eu morava no sítio, aí meu pai me levou pra cidade, me levou pra uma escola enorme, eu achava tudo muito barulhento, eu não estava acostumada com um monte de criança gritando ao mesmo tempo, que o nosso grupo era pequeno, eu não tinha um contato tão grande assim com o ambiente da cidade e escola, um público maior. Então aquilo me deixou um pouco assustada de imediato. Então por isso que a professora até recomendou que o meu pai viesse nos primeiros dias. Aí como meu pai trabalhava em lavoura, plantação de pêssego, ele nem sempre se dispunha a me levar. Ele me levava, ficava pouco tempo e eu me sentia muito insegura, então na medida do possível ele ficou um certo tempo lá comigo, mas ele falava que tinha que trabalhar. Então com o tempo, na primeira semana eu comecei a me soltar um pouquinho mais, porque eu fiquei sabendo que o meu irmão estava estudando na mesma escola. Até então eu não sabia. Se meu pai tivesse me avisado*: "olha, seu irmão está aí, naquela sala, na sala do lado"*, mas aquele primeiro impacto me deixou assustada. Aí com o decorrer dos dias quando eu vi que meu irmão estava lá eu fiquei mais calma, no sentido de que eu tinha uma pessoa conhecida ali perto.

Quando questionada sobre alguma recordação de um evento, Suzana novamente se lembra da escola:

> Eu lembro do governo do Maluf[23], mas aí já não era mais criança, já estava na 5ª série. Em que a minha professora de matemática chegou, entrou em sala de aula, ela chegou e falou assim pra mim: *"eu não vou dar aula"*. Aí a gente não entendia por quê. Eu não gostava muito de matemática, mas *"poxa vida, mas eu preciso aprender"*. Aí a gente perguntou, todo mundo perguntou: *"mas por quê?"* ela falou: *"eu não vou dar aula. Explica, a gente precisa de uma explicação, a gente não veio aqui pra ficar sentado sem segurar no lápis"*. Aí ela aceitou: *"eu vou explicar, apesar de vocês serem crianças, eu vou explicar e eu espero que algum de vocês possa entender e me compreender. Eu não vou dar aula hoje porque, vocês conhecem o nosso governador?"*, que na época era o Maluf, todo mundo levantou a mão: *"eu sei, sei quem é, é aquele senhor de óculos"* e ela disse*: "pois é, ele é meu patrão. E eu não vou dar aula, porque ele não vai dar, não deu*

[23] Paulo Salim Maluf, governador em São Paulo, entre 1979 e 1982.

> *o aumento de salário. Que eu preciso comer, eu tenho gastos com a minha despesa de moradia, e ele não deu o aumento salarial que nós professores precisamos"*. Então ela explicou lá, do jeito dela para gente entender que fosse uma forma fácil e ela começou a criticar o governo dele, que ele era um péssimo governador. E ela passou uma imagem dele que ele era um corrupto, que ele estava lá só pra pegar o nosso dinheiro, e ela explicou pra que a gente fizesse uma imagem, a pior possível. Então eu encarei ele, desde então: *"nossa, o Maluf deve ser um monstro!"*. Então acho que um fator político seria esse que, ele estava lá no governo, pra mim, era só pra roubar. [...] Então eu acho que isso daí marcou a minha "infância", assim entre aspas e, poxa vida, por causa dele eu não tive aula. A gente ficou um bom tempo sem aula. [...] Um fator político que acabou comprometendo o dia a dia de cada um na escola, que a gente deixou de ter aula, e uma série de coisas que ocorreram por conta dessa greve.

Algumas das lembranças relatadas por Suzana dizem respeito à família e às relações nela estabelecidas:

> Eu lembro que a gente brigava bastante. Pela grande diferença de idade que nós tínhamos, que era de três a quatro anos de um irmão pra outro. Então o menor intervalo era três [anos]. Então nossa família, eu sou a segunda mais nova, tenho mais três irmãos mais velhos, então os irmãos mais velhos vão crescendo e nós queríamos brincar e às vezes a gente invadia o espaço deles. Por exemplo, eu e a minha irmã, a gente invadia o espaço deles, então a gente entrava muito em atrito. [...] E minha mãe não achava ruim porque ela sabe que isso faz parte da infância de cada um, e todo mundo tem que passar por esse processo, então ela não interferia muito nas brigas. Deixava a gente brincar, ela só interferia quando chegava aos tapas, mas a gente tinha muito essa fase de brigar, porque um invadia o espaço do outro. E a gente morava numa casa pequena, então era muito complicado. Por mais que tinha o espaço do lado de fora no sítio pra brincar, mas tinha aquele momento que você queria brincar dentro da casa, dentro da sala, ou dentro de um quarto, então nesse momento, meus irmãos brigavam muito com a gente.

Ao final da entrevista, Suzana se lembra de outra história:

> Eu lembrei disso daí, um outro fato também quando aconteceu o falecimento da minha avó. Porque a minha avó ela adoeceu e eu não entendi, na época eu não achava muito legal que a minha mãe fosse ficar uns tempos lá com a minha avó. Porque minha avó era aqui de São Paulo e nós éramos lá de Itaqua[quecetuba]. Aí minha mãe ia ficar com a minha avó porque ela estava muito doente e aí eu acho que ela faleceu eu estava com uns nove anos. Eu pensei assim: *"poxa vida, será que eu vou ter que preparar o jantar pro pessoal aqui?"*. Meu pai às vezes começava a me ajudar, ele falava que eu que tinha que fazer de tal forma. Aí eu lembro de um episódio que eu quase causei uma explosão na minha casa. [...] Justo nessa época que a minha mãe estava lá cuidando da minha avó, eu falei: *"poxa vida, eu nunca vi minha mãe preparando feijão, como será que faz?"*. Porque pelo menos o básico eu acho que eu tinha que preparar para o pessoal ter alguma coisa pra comer. Eu não lembrava, eu nunca tinha prestado atenção de como minha mãe tinha preparado o feijão. Aí eu falei: *"poxa vida, não, mas eu vou ter que saber"*. Eu perguntei pro meu pai, meu pai me explicou mais ou menos, ele falou que tinha que colocar na panela de pressão, colocar de molho [...] meu pai também não sabia. E aí eu lembro que estava todo mundo assistindo televisão e eu falei assim: *"acho que está na*

> *hora de desligar"*, fui lá desligar. E eu fiquei forçando aquela válvula, [...] forçando, tinha saído a pressão, mas eu fiquei forçando a panela de tudo quanto é jeito. Eu sei que a hora que eu consegui abrir aquela panela o feijão voou tudo pra fora. Você vê, como eu não causei um acidente maior, porque aquilo podia ter ido tudo pra cima de mim! [...] Mas você imagina o perigo, eu lá com nove anos e todo mundo assistindo televisão, e ninguém estava sabendo o que estava acontecendo [...] aí aconteceu aquele barulho e o pessoal ficou assustado. [...] Eu lembro que aquele dia a gente comeu bife, arroz, feijão e uma saladinha, sei lá. A única coisa que eu sabia fazer sem dificuldade nenhuma era o arroz, que minha mãe já tinha me ensinado, e era fácil também. [...] Mas o resto pra mim era tudo novidade. Cozinhar feijão, eu nunca tinha cozinhado, então era difícil. [...] Quando você é criança você faz muita bobeira que depois você fica pensando com o tempo *"poxa vida, eu tive coragem de fazer isso! Eu quase explodi a casa!"*

Suzana lembra-se de um filme chamado *Elza*[24], que teve estreita ligação com um fato ocorrido em sua vida:

> Ele é a respeito de um felino [...]. E eu lembro que o final dessa história é muito triste, mas ficou marcado na minha memória, que ela morreu. Falei: *"nossa, não me conformo dela ter morrido"*. [...] Eu não aceitei que ela tinha morrido no filme. Pra mim aquilo tinha sido tão real [...]. Que assim, eu não sei se eu associei isso a um evento que aconteceu quase na mesma época, que você estava falando de um fato que marcou na minha infância, que foi um pequinês que eu comprei de uma colega minha que estudou comigo, ela tinha uns três meses e esse filme passou acho que na mesma época que aconteceu esse episódio com esse pequinês. Que eu também não aceitei a morte dele. Vinha uma pessoa que vinha vender produtos japoneses, basicamente, lá na minha casa, ele passava toda semana. [...] Essa pessoa de perua que vendia esses produtos japoneses, ele ia manobrar lá, e eu não tinha percebido, o pequinês tinha saído de casa, e ele ficou bem debaixo da roda do carro. No que ele passou pra dar a ré pra ir embora, ele passou bem em cima da barriga dele. Nossa, eu fiquei muito deprimida! E aí foi na época que eu assisti o filme, que eu acho que associei os dois eventos. Que eu falei assim*: "nossa, isso não pode ter acontecido, ele não pode ter morrido"* [...] Então esse felino, quando ele morreu, eu lembrei do meu pequinês que eu tinha adotado pra cuidar dele, então era assim uma coisa inconformável de ter acontecido.

Suzana relata as viagens que fez com sua família e vizinhos e com um clube de descendentes de japoneses como fatos significativos em sua infância:

> É um passeio que nós fizemos. Nós éramos uma pequena colônia de japoneses que morava lá, próximo do nosso sítio. Então nós tínhamos uma comunidade que se chamava *Kaikan*, onde todo mundo fazia uma contribuição mensal, que a gente realizava... Os nossos pais, no caso, realizavam eventos e que uma vez por ano nós realizávamos uma excursão. [...] Aí um desses passeios foi o passeio lá no Rio de Janeiro[25]. Então esse passeio eu achei muito legal e marcou também a minha infância, que foi um passeio de um dia só. [...] Foram várias crianças e as crianças doidinhas pra chegar logo. E não

[24] Filme A história de Elza de 1966, produzido e distribuído por *Atlas, Columbia Pictures Corporations, Highroad, Open Road Films.*
[25] Cf. nota 11 deste capítulo.

> chegava. E estava amanhecendo a gente não tinha chegado. [...] Nós fomos ao bondinho, ao Pão de Açúcar[26], só não deu tempo de passear na praia, onde a maioria das crianças gostaria de ir, não deu tempo. [...] Eu lembro só de um que nós fizemos, junto com esse grupo de amigos que viveram a infância comigo, que a gente, um ou dois anos seguidos, organizamos um passeio entre nós. Fomos em três carros cheios, nós fomos pra cidade de Caraguá[27], se eu não me engano. E eu lembro que nessas duas vezes choveu. [...] Mas pra gente não tinha tempo ruim não, a gente entrou na água do mesmo jeito. Os nossos pais não entraram, mas nós entramos e a gente se divertiu do mesmo jeito. Por mais que não tenha feito sol. [...] Mas nesses dois anos que a gente foi a gente não aproveitou muito por causa do sol. Mas por outras brincadeiras que nós tivemos, pra gente foi uma diversão do mesmo jeito.

Para Suzana, ser criança

> é poder desfrutar de todas as brincadeiras, amizade com os amigos que é muito importante, que você carrega isso na memória pra toda sua vida, o desenvolvimento de atividades que você possa criar com brincadeiras, com amizades, que possam surgir, tanto na escola como junto aos seus vizinhos, o aprender, eu acho que o aprender das brincadeiras, que acho que é o que você pode desfrutar e se desenvolver, tanto no aspecto intelectual como físico. [...] Pra mim, no caso específico, [fui criança] até meados de 4ª, 5ª série. Que foi quando meus amigos foram indo embora e eu me vi meio sem amigos e, por mais que tivesse os amigos da escola, e, como eu te falei, eu morava longe, eu não tinha muito acesso de como encontrar com eles. Então meus vizinhos estavam ali, estavam todos ali perto e, ou eu ia na casa deles, ou eles vinham até minha casa e, a partir desse momento eu comecei a brincar menos, talvez. Acho que o brincar é o ser criança. E depois dessa fase, quando eles foram embora, eu deixei de brincar com eles e passei a brincar mais com meus irmãos, mas não era a mesma coisa, porque a gente achava que a brincadeira só se tornava mais animada quando tinha aquele grupo e aí eu acho que eu passei a deixar de ser criança. Acho que foi essa fase, meados de 4ª, 5ª série, que foi dos onze anos pra frente.

Sobre a infância hoje, quando questionada, compara o que viveu com o que suas filhas vivem:

> Eu vivi uma infância melhor do que elas. Pelo fato de eu ter vivido no sítio e ter esse contato com a terra, o ambiente externo, mais externo do que interno. Hoje minhas filhas brincam mais dentro de casa, aliás, só dentro de casa, e não têm aquele contato com o ambiente externo, onde você pode explorar as brincadeiras mais diversas possíveis. Então enquanto você está no ambiente interno, você está limitada a brincar no computador, ou brincar de boneca, naquele espaço limitado que é o espaço dentro da sua casa. [...] Acho que as cantigas [são semelhantes]. Que eu aprendi e elas estão aprendendo, passaram pela creche, no caso, que elas estão aprendendo agora, que a mais velha já aprendeu e que eu também aprendi e cantei bastante.

---

[26] Pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.
[27] Caraguatatuba, cidade do litoral norte do estado de São Paulo.

3.3 Fernanda

Fernanda é formada em comunicação social e trabalha hoje como analista de comunicação. É casada e tem uma filha com cinco anos. Seu marido é administrador de empresas e trabalha em cartório.

Nasceu em 1960, e, quando criança, morou em um bairro da zona oeste de São Paulo, em uma casa, com sua mãe, seu pai e dois irmãos, mas também viveu por seis anos em Santos[28], neste período morou em apartamento.

Seu pai era funcionário público estadual e a mudança de cidade quando criança foi motivada por seu trabalho. Sua mãe havia sido vendedora em uma grande loja de departamentos, mas parou de trabalhar quando se casou.

> A minha infância se resume em duas cidades: São Paulo e Santos. Meu pai foi transferido pra Santos quando eu tinha seis anos e eu voltei pra cá quando eu tinha doze. Daí já pegou da adolescência pra frente. Então eu fiquei os seis primeiros aqui, os seis seguintes em Santos, depois voltamos pra casa, pra mesma *batcasa*[29].

Lembra-se de dois eventos anteriores à sua mudança para Santos

> que eu era pequena com a minha vizinha e a vizinha da frente chamou e nós esquecemos de avisar as nossas mães. E quando nós fomos dar conta, depois de um período, tinha polícia, tudo o que tinha direito, caçando a gente. Porque na época a Previdência[30] não tinha asfalto, era terra, e tinha muitas cobras ali. O Butantan[31] fez uma festa tremenda. E então elas acharam que a gente tinha caído no rio, que alguém tinha roubado, entendeu. Não, nós estávamos na casa da vizinha, inocentes, comendo um bolo com ela, com a filhinha dela e esquecemos, simplesmente. [...] Tinha um lance também que, antes de ir pra Santos, que meu pai comprou uns pintinhos, três pintinhos pra cada filho, na feira pra ajudar a criar, porque tinha quintal com terra, e um dia meus dois irmãos brigaram entre si, o outro foi acertar uma pedra nele e errou, acertou no pintinho e destroncou o pescoço do pintinho, depois tivemos que matar o pintinho, lógico. E meu irmão colocou a mão na cabeça porque tinha machucado o pintinho. Se tivesse acertado meu outro irmão não tinha tanto problema, mas o pintinho era inocente.

Relata as brincadeiras que tinha no prédio onde morava em Santos:

---

[28] Cf. nota 1 deste capítulo.
[29] Referência aos termos utilizados nas histórias do *Batman*, publicadas pela *DC Comics.*
[30] Bairro da cidade de São Paulo.
[31] Instituto Butantan, instituição de pesquisas biomédicas.

> Aí em Santos tinha as brincadeiras de prédio, a gente brincava de queimada, esconde-esconde. Eu lembro que eu sempre fui muito gorda, sempre fui muito rechonchuda e eu lembro que o irmão da Isabela, minha amiga, ele me ajudou a subir na árvore, na hora de descer, como eu era um chumbinho, ele me soltou e eu me machuquei, a cabeça ralei.

Dentre as brincadeiras que tinha quando criança fala sobre aquelas que não gostava e as que tinha preferência:

> Eu não sou uma menina que gostava de brincar de casinha [...]. E minha mãe tinha uma mania de me dar brinquedo, fogãozinho essas coisas, eu odiava! Eu gostava era de andar de bicicleta, muito, eu andava de patins, gostava muito de ginástica, de educação física. E eu sempre brinquei muito sozinha também, porque minha mãe sempre criou uma distância entre eu e os meninos, porque eles eram meninos e eu era menina.

Fernanda conta que tinha um grupo constante de amigos e que gostava de todas as brincadeiras:

> Em Santos tinha a Vera, tinha Isabela, o irmão dela, o Pedro que morava em frente, tinha a Heloísa, tinha a Luciana... Ah, tinha um moleque pentelho [...] que ficava cuspindo na gente, eu era pequenininha, mas isso eu não esqueço. [...] Eu falava pra ele: *"para"*. E eu falava pra irmã mais velha dele: *"você é mais velha, por que você não dá um pito nele? Não, ele é meu irmão homem da casa, meus pais não admitem que a gente repreenda ele, nada"*. E o moleque vinha atrás de mim cuspindo, cuspindo. E eu sou muito boazinha, tenho uma tolerância que você não faz ideia. Uma hora eu me enchi, eu estava meio resfriada, eu enchi a boca de catarro e *"poc"*, estourei na testa dele uma placa assim de catarro. *"Buá"*, foi chorando pra casa. Aí a mãe dele foi tirar satisfação com a minha mãe. Mas o moleque era um pentelho, uma família machista, o varão da casa, só que ele era o caçula, e as meninas não podiam fazer nada, não podiam repreender. Pô, que é isso, o moleque fica cuspindo. Para! Vou enfiar a mão? Nada como devolver na mesma moeda. Só que a minha moeda foi mais caprichada. Aí foi ela reclamar com a minha mãe, minha mãe me pôs de castigo. [...] Aí tinha uma vizinha que morava numa casa [...] chamada Heloísa, tem umas coisas engraçadas, aí ela queria almoçar fora. O pai [dela]: *"você quer almoçar fora, filha? Quero."* Trouxeram a mesa pra fora e tudo: *"não pai, eu quero almoçar no restaurante, não na frente da casa"*. O pai sacaneou, também. São essas coisas que a gente lembra, assim de passagem. Tinha uma sobrinha da minha vizinha também, a gente dançava muito no apartamento dela, brincava, mais com a Heloísa, andava muito com ela.

Fala sobre um de seus amigos que estava doente e relata duas histórias de seu irmão:

> Lembro muito de um amiguinho meu que na época, hoje já é mais falado as doenças, eu não sei direito qual foi a doença que ele teve, mas ele tinha caroços pelo corpo todo e ele acabou morrendo, e ele tinha meu nome: o Fernando. E na casa dele tinha um ninho de marimbondo e meu irmão foi se esconder embaixo da árvore, não viu o ninho e enfiou a cabeça. [...]. Meu, mas ele saiu berrando, os marimbondos tudo picando a cabeça dele.

> Também lembro desse meu irmão, também tudo com ele, eles pegaram uma bomba, não sei se você conhece a baixada santista, o restaurante Caravela?[32] O dono do restaurante era meu vizinho, Seu Sebastião. E ele era dono de uma frota de barcos que ia do Amanari 1 ao Amanari 7 ou 6 e o sétimo barco era o Caravela, o nome do restaurante. E... eles entraram ele e o filho dele, o Rodrigo, eles entraram no restaurante escondido do pai, pegaram três morteiros e trouxeram pra fazer caminho de rato[33]. Então o Rodrigo estava raspando e meu irmão falou pra ele: *"não faz isso com a mão fechada, porque o atrito da pólvora com a pedra vai explodir e você vai perder as mãos*" aí ele virou, deu pro meu irmão, que fez assim (faz o gesto como se estivesse raspando o morteiro segurando as pedras apenas com o polegar e o indicador e longe do corpo), conforme ele fez assim: *"BUM"*, perdeu metade desse dedo, a ponta desse, essa unha ficou torta e a mão inteirinha descascou como uma banana (dedos indicador, polegar e médio respectivamente).

Lembra-se também de uma de suas comidas favoritas e que

> eu sempre fui muito comilona [...]. Meu café da manhã era uma panela de pipoca. Todo dia. E quando minha mãe dizia que não ia fazer, ia lá pro quintal lavar roupa, daqui a pouco eu escutava na cozinha a panela estourando pipoca. [...] A minha mãe fazia muita pipoca doce pra gente, isso eu lembro. Eu tinha, tinha não, eu tenho porque está vivo, um amigo chamado Marcos, Marquinho, e a briga era entre eu, ele e o Douglas, porque ficava aqueles torrãozinhos de açúcar, que sobra na panela e todo mundo queria comer o açúcar.

Além das brincadeiras Fernanda conta que praticava esporte em Santos:

> Eu lembro que eu jogava também basquete no Vasco da Gama[34], treinava duas vezes por semana, eu ia a pé da minha casa. [...] E como é praia, orla marítima, você não percebe, você vai indo. Eu ia a pé, voltava a pé. Treinava basquete, aí a primeira chance que eu ia ter de ter um campeonato, a gente voltou pra São Paulo. Voltou pra cá e continuou o resto da vida aqui.

A respeito da escola, além de seu gosto por ginástica e educação física, relembra que quando estava na 4ª série

> tinha uma praga na minha sala chamada Daniel [...]. Ele tinha uma verruga enorme na mão, um dia ela catou o estilete, ele já estava de saco cheio daquela verruga, ele cortou a sangue frio e chegou com o dedo todo... O cara é meio maluco. E por causa dele, graças a ele, a professora deu castigo pra sala inteira escrever cinco vezes os coletivos. Você sabe quantos coletivos têm? De 2.500 pra cima. Multiplica isso por cinco. Eu lembro que eu gastei um caderno de brochura de 100 folhas e não foi suficiente pra fazer o castigo. Minha mãe falou: *"você não foi culpada, você não vai fazer mais que isso. É judiação, você escreveu um caderno inteiro. Não vou permitir"*. Eu tinha dor na mão de tanto

[32] O nome do restaurante foi alterado, bem como o foi todos os nomes de barcos e pessoas.
[33] Morteiro é um dos tipos de fogos de artifício e caminho de rato é uma trilha feita com pólvora.
[34] Clube de Regatas Vasco da Gama, localizado na cidade de Santos.

> escrever os coletivos. [...] Era uma professora que era muito brava, e dava castigo o tempo inteiro pra classe.

A respeito das relações familiares, Fernanda conta que existia

> um código de família que meu pai assobiava [...]. E a gente sabia que aquele assobio era do meu pai. Ele assobiou, um dos três tinha que se apresentar, porque eu tenho dois irmãos homens, e eu era a caçula, então um tinha que pôr a cara: *"Tô aqui. Cadê seu irmão?"* e aí acabava entregando o esconderijo: *"tá escondido atrás da árvore. E o outro? Atrás do carro"*, umas coisas assim que rolava, mas tudo bem: *"então tá bom, continua brincando"*. Aí ele entrava. Daqui a pouco ele vinha e assobiava de novo pra saber onde estava um, e sempre tinha que ver um dos três. E um tinha que olhar pelo outro, saber onde estava. [...] A minha mãe foi muito castradora, a minha mãe é descendente de alemão, é Hitler na frente e o resto atrás, modo de dizer, pelo amor de Deus. Ela é ditadora, ela manda, ela não pede, e ela me criou com muita reserva, muito fechada dentro de casa. Então, eu só ia pra praia quando ela ia, então a gente só ia pra praia uma, duas vezes por ano. Porque, corre-corre do dia a dia, mas eu nunca tive essa liberdade. Nunca fui uma menina que teve liberdade de sair, passear com as meninas, porque ela não deixava. [...] Eu não gostava quando minha mãe me obrigava a usar as roupas que eu não queria usar. [...] As meninas queriam passear na orla marítima todas de batinha, todas estavam com a batinha, o sapatinho, tudo combinando, eu tive que sair com uma bata verde e uma calça vermelha, se não eu não saía. Então... Eu sou muito assim: *"isso vai te fazer feliz? Vai. Então eu saio assim"*. Então houve sempre uma competição da minha mãe comigo e isso existe até hoje. Ela é viva e até hoje a gente compete. [...] Aqui minha mãe não deixava ir na casa de ninguém. Eu recebia todo mundo em casa. Todo mundo, os meninos, as meninas, a minha casa vivia cheia de crianças. As vizinhas adoravam, porque os filhos ficavam na casa da gente, mas a minha mãe falava: *"aqui eu olho os meus filhos, aqui eu sei o que está acontecendo"*.

Conta que em alguns momentos sua mãe fazia distinção entre ela e seus irmãos:

> Minha mãe tinha mania de enfiar agulha de tricô na minha mão com um novelo de lã. Aquilo me irritava. Aquilo não era coisa de menina, era coisa de adolescente pra frente, coisa de uma pessoa maior. Então as minhas amigas estavam brincando e eu estava com a bendita agulha de tricô porque minha mãe achava que tinha que aprender coisas de menina, coisas de mulher. E não era minha praia [...]. Mas essas coisas ela ia impondo e eu ia deixando. Por que que eu tinha que lavar louça se meus irmãos não lavavam? Não são três filhos? Os três não dormem, não comem, não bebem na mesma casa? O pai não sustenta os três? Por que eu tenho que fazer? *"ah, porque você é mulher"*. Não, desculpa. [Eu] não fazia. Quando meu pai perdeu tudo na vida, quem foi arregaçar as mangas pra trabalhar fui eu, não foram os homens da casa. Fui eu. Foi aí que a minha mãe percebeu: *"não, ela não vai ser dona de casa mesmo"*. Foi aí que a minha mãe aceitou isso, a minha mãe se resignou com essa frustração dela e não me forçou a fazer mais nada. [Nessa época tinha] treze pra catorze anos. Foi em 73 [...].

Fernanda fala que quando criança tinha medo

> de escuro do quarto, de ouvir barulho. Mas eu tinha medo disso, de barulho, de escutar. A minha mãe tinha trauma de infância com barata e ela passou esse trauma pra mim. Então hoje, se eu estou aqui com você e eu perceber que você tem medo de barata, eu sou mais valente que você e mato a barata [...]. E se eu estiver sozinha, eu e a barata, eu piso, e não consigo matar. Ela foge.

Indagada a respeito de que para ela significa ser criança conta que *"eu não sei te explicar direito o que é ser criança porque eu fui criada com muita restrição por ser mulher"* e complementa:

> A vida inteira [é possível ser criança]. A vida inteira. Você consegue sobreviver se você for uma criança. Você administra qualquer situação como criança melhor do que como adulto. Você passa. [...] Então eu acho que eu administro melhor as coisas quando eu levo as coisas na alegria do que na dor. [...] Então eu sempre fui criança. Se você conviver comigo, você vai perceber. Tem horas que você tem vontade de jogar um tijolo na minha cabeça e eu estou me divertindo, mas não é que eu não sou adulta, eu sou adulta, mas eu deixo a minha criança falar primeiro.

Sobre sua opinião a respeito da infância nos dias de hoje aponta que:

> Ser criança hoje é mais sacrificado que em relação à minha época. Mais sacrificado porque elas são bombadas da hora que elas acordam até a hora que elas deitam com informações novas. Por exemplo: eu acreditei em Papai Noel até os sete anos, a minha filha está com cinco anos e acredita em Papai Noel apenas pra agradar a mãe. E o pior de tudo é que ela até tenta disfarçar, mas ela não consegue, ela acaba dizendo: *"não, a mamãe diz que é"*. [...] É da água para o vinho a diferença.

3.4 Felipe

Felipe trabalha como técnico de laboratório em uma faculdade de engenharia e é professor do curso técnico de mecânica, na mesma escola onde se formou. Fez cursos técnicos em mecânica e ferramentaria e curso superior de tecnologia na área de mecânica.

Nasceu na cidade de São Paulo em 1976 e viveu toda sua infância em um determinado bairro; quando criança morava com seus pais, um irmão e uma irmã mais velhos. Sua mãe não trabalhava fora e seu pai trabalhava em uma empresa metalúrgica.

Mora com sua mulher e seus dois filhos. Sua esposa trabalha no setor de vigilância da mesma instituição em que trabalha e cursa faculdade de pedagogia.

Relata que:

> Às vezes lembro um pouco do meu pai também, sempre bravo, das minhas brincadeiras, de algumas molequices na rua. Basicamente isso aí. Eu comecei a brincar... Quando eu falo infância mesmo, eu falo das brincadeiras. Na rua, com todo mundo, com os outros coleguinhas, a gente brincava de muitas coisas, mas tinha um horário prefixado. Eu tinha que entrar antes, se não meu pai chegava e a coisa poderia ser brava, porque se fizesse alguma coisa errada: *"o coro comia"*. Então é basicamente isso, das brincadeiras de mana-mula, esconde-esconde, polícia e ladrão, sempre com os coleguinhas. Mas isso começou com seis, sete anos. Antes disso eu não lembro muita coisa, a não ser um período que eu me lembro de estar indo no hospital, acho que eu tinha três anos, que eu quebrei a perna direita, jogando bola. Eu nasci em 76, no ano que Palmeiras foi campeão, então aí eu já começava a gritar Palmeiras. O pai é Santista[35], porém, já gritava Palmeiras desde cedo. Aí eu chutava a bola e gritava: *"gol Palmeiras"*, e, numa dessas, eu caí. Quebrei a perna. E aí eu continuei arrastando a perna, engatinhando, caí e quebrei o braço. Eu me lembro de ter ido no médico. [...] Me lembro disso, acho que com três anos. Aí não lembro muito mais, e aí depois vem mesmo as brincadeiras na rua e as surras, às vezes, que tomava devido às brincadeiras com os irmãos. Tenho mais dois irmãos, eu sou o mais novo, tenho uma irmã mais velha e um irmão mais velho ainda; esse apanhava muito. Então já ficava com medo. Então era basicamente isso aí. Eu brincava bastante com meus irmãos de... pegava um cabo de vassoura, ou um pedaço de pau que era o varal da minha mãe, e aí a gente brincava nesse sentido. Mas a infância eu lembro também que foi muito difícil. Meu pai trabalhava às vezes à noite, por isso muito irritado, dormia durante o dia, tinha que fazer silêncio, então às vezes ele brigava por causa disso. E às vezes condição meio difícil. Hoje graças a Deus a gente tem que agradecer muito ao Senhor, mas antes era os três num quarto só, era a cozinha e dois quartos.

Felipe fala sobre o bairro e a rua onde morava, e afirma que no

> Jardim Marisa foi estabelecida a minha infância mesmo. Meus dois irmãos ainda pegaram um pouco da Jaguara[36], eu não. [...] E ali a gente cresceu, a rua era de terra. Graças a Deus, uma coisa que a gente cresceu, na humildade, na simplicidade, mas uma coisa que meu pai não deixava era: fome. [...] Passou talvez necessidade de roupas, blusa a gente sempre tinha, mas era uma só, nada de três, quatro, uma pra cada dia, nada disso, mas, fome assim, necessidade mesmo de passar frio, essas coisas não. Foi uma infância assim, humilde, simples, na pobreza mesmo, mas na simplicidade foi crescendo graças a Deus, Deus abençoou, e hoje meu pai já tem a casa dele sossegado, a gente ajudou quando começou a trabalhar, então é isso.

Relata com detalhes algumas das brincadeiras de que mais gostava:

---

[35] Palmeiras e Santos são times de futebol paulistas.
[36] Jardim Marisa e Jaguara são bairros da cidade de São Paulo.

Então o ápice foi mesmo de seis a doze anos, esse ápice mesmo de brincar. Tempos de brincar mesmo. [...] Eu lembro que em casa eu fazia um golzinho, cobria com plástico. Eu não tinha jogo de botão[37], achava bonito aquilo, então como não tinha o jogo de botão, uma roda de carrinho, com dois gols feitos de arame coberto com plástico, era a rede, dois tubos de cola eram os goleiros e meus dedos eram os jogadores. Aí eu brincava em casa também. [...] Foram muitas [as brincadeiras], a gente tinha futebol, mas quando pequeno mesmo eu não comecei mesmo com futebol; futebol era em casa sozinho. [...] Na rua a bola, a pipa, mas não soltava muito, mas também já subia no telhado pra pegar, sem meu pai saber, só minha mãe sabendo. Subia no telhado, subia com jeito, a gente já sabia onde pisar. [...] Fazia cerol[38] mesmo... Isso já com dez, doze anos [...]. Quebrava vidro dentro da latinha de óleo e tudo mais. E brincava também era... Mana-mula, que o pessoal ficava de cócoras e a gente pulava, e aí a gente falava uma situação: *"muralha num sei do que"* e aí tinha que pular a pessoa assim. Eu brincava muito disso, gostava de brincar disso. Mãe da rua, que tinha que ficar nas calçadas e se tivesse que atravessar tinha que ser de um pé só, e alguém que ficava ali tinha que pegar você no momento da travessia. Eram as brincadeiras que eu mais gostava. Fora futebol, fora jogar bola. E também a gente brincava de queimada com as meninas. Era difícil, mas a gente brincava também de queimada com as meninas. [...] Ah, isso que eu queria estar lembrando. Era mais meninos, mas tinha uma situação também com meninas. Eu me lembro, então nessa fase de nove, doze anos, não lembro exatamente qual idade, mas nós fizemos uma caverna. Era uma situação que a gente sempre fazia, eu era pequeno, seguia os maiores, a gente brincava muito com os maiores também. Então eu lembro de uma situação que tinha duas casas, e duas senhoras de idade, hoje já falecidas, uma era super legal. Então a gente entrava no terreno, ela deixava, tudo direitinho, e às vezes a gente até ajudava ela. Ela tinha pé de café, ela sabia que a molecada da rua gostava de café, então: *"peguem, só que eu quero que todos os carocinhos vocês coloquem aqui"* [...] então ela nos orientava. A outra não. A outra queria ver a molecada assim, na cruz. E aí é que era o problema. Eu me lembro que nós pequenos, ela gostava de fazer *Johrei*[39]. [...] Aí os menores ficavam fazendo *Johrei* enquanto os maiores iam por trás da casa, pegava romã, goiaba, e pegava também algumas panelas dela pra vender no ferro velho e comprar pirulito, essas coisas. [...] Ela queria morrer. [...] E nessa mesma época a gente formou um grupo, era um clube. Na casa, no terreno que era grande dessa outra senhora que era boazinha. Então ela deixou a gente fazer, construir uma cabana mesmo, de madeira, a gente construiu uma casinha de madeira. Com estaca e tudo mais, cavando e tudo. Então os moleques maiores, eles nos ensinavam e a gente fazia também. [...] Aí o que aconteceu: as meninas também queriam, as meninas também tinham influência com essa senhora. A gente construiu, só que estava no terreno dessa senhora. Essa senhora tinha uma filha, tinha dois filhos, mas tinha uma filha, e essa filha foi em favor das meninas: *"não, as meninas também têm que brincar"*. Aí as meninas também entraram no clube, e aí o que a gente decidiu: *"vamos destruir a casa"*. Destruímos a casa, acabou tudo. Mas eu lembro que isso foi interessante, que a gente brincava muito. Tudo era combinado ali. [...] Era nossa cabana, era assim: *"vamos pra nossa cabana"*. Lá se decidia qual era a brincadeira, o que a gente ia fazer, se fosse numa casa era ali, se fosse pra fazer alguma coisa, combinar se ia soltar pipa era tudo ali.

---

[37] Jogo de futebol de botão, produzido por diversas empresas.
[38] Mistura de cola e cacos de vidro triturados para formar um material cortante e colocar na linha da pipa. O principal objetivo do cerol é cortar a linha de outras pipas.
[39] Johrei é um ritual de purificação da Igreja Messiânica.

Felipe conta que a idade das crianças deste grupo de amigos da rua era variada e que, quando ele tinha sete anos, no mesmo grupo *"alguns já tinham doze, treze anos. Eram mais velhos mesmo. Olhe lá se não tinha um com quinze lá"*. Este grupo era formado principalmente por meninos e as brincadeiras com as meninas eram poucas.

> Lembro da minha primeira namoradinha. [...] Primeiro beijo, sete anos com uma menininha, uma amiga da rua mesmo, lá no pé de chuchu, embaixo lá, a gente brincando de marido e mulher aí... Teve essa situação. E lembro também que a gente brincava também com as meninas, e sempre quando brincava com as meninas eram essas brincadeiras assim: de casinha, marido e mulher, essas coisas. Nas festinhas eu era mais vergonhoso, tímido.

A respeito da escola, conta que ficou para recuperação na 1ª série

> O pessoal estava tudo brincando, já era férias, e aí minha mãe me chamou [...] aí eu tinha que deixar de brincar pra... Estava jogando bola inclusive, todo mundo brincando na rua, eu tinha que entrar, tomar banho e ir pra escola. Eu passava e todo mundo na rua. Tinha uma menina que tirou o sarro: *"olha, ele tá de recuperação, tem que ir pra escola"*, tirou o sarro. Graças a Deus passei, mas serviu de lição. Porque o que acontecia: eu não gostava muito de estudar, então eu ficava mais era brincando. Depois dessa gozação, aí eu comecei a estudar. Brincava ainda na escola... Foi na 2ª série, a professora era muito brava então não dava pra brincar muito não, mas na 3ª série, foi uma professora que não era muito brava [...]. Estudava, bagunçava, mas estudava, e aí eu nunca mais fiquei de recuperação. Lembro na 4ª série, que a gente tinha três amigos-amigos que bagunçavam bastante também, mas eu estudava, então os dois iam mal e eu ia bem na escola. Exatamente por causa da 1ª série que eu não queria mais ficar de recuperação. Então eu sabia disso, então estudava o suficiente para passar mesmo. E aí foi. Graças a Deus, não repeti mais. Quer dizer, nunca repeti, mas a 1ª série, foi a recuperação ali que foi sufoco. [...] Lembro uma situação que na escola, durante o recreio, a gente brincava muito de pega-pega, e aí uma vez eu passei pelo jardim, onde não podia correr, a diretora chamou, mas eu estava correndo ela nem me pegou. Aí eu fiquei com medo, mas graças a Deus não deu em nada, ela não conseguiu ficar sabendo quem era, de tão rápido que eu estava correndo ela não conseguiu saber quem é que estava correndo no jardim estragando as plantas.

Felipe segue relatando outros eventos:

> O período sempre que eu estudei era à tarde. Então tinha campeonato, então era uma coisa que a gente começou a motivar acordar cedo por causa dos campeonatos, essas coisas todas. Então na escola tinha concursos. [...] Então com treze anos eu lembro que a gente cabulava aula às vezes, quando dava. Por exemplo, tinha a primeira aula e depois só ia ter a quarta, ah, a gente ia embora. Daí a gente ia pra um bairro vizinho, Varanda[40], daí eram os amigos já da escola e não da rua. A gente já jogava bola e com isso, eu lembro que com esses amigos a gente fez um trabalho de história muito bom. Um trabalho de

[40] Vila Varanda, bairro próximo de sua casa.

> história que era *no tempo das cavernas*, e a ideia foi também minha, que eu lembrei da caverna que a gente fez, e a gente fez uma cabana na escola e começou com isopor, nós fizemos os homens das cavernas, na madeira colamos aquelas fotos que eram as escritas do Egito, então fizemos uma caverna tudo com escritas dos povos antigos, então eu lembro que a gente ganhou a medalha de ouro com essa situação e foi o que mais incentivou a estudar. Eu lembro das olimpíadas de matemática que teve que estudar matemática e foi aí que eu comecei a ter o gosto, não o gosto, mas a perseverança em estudar, e eu acho que depois começou sim a ter o gosto por estudar. Foi da 7ª série em diante, com essas olimpíadas, que depois me favoreceu na escola técnica. Passei até em primeiro lugar lá, por causa dessas olimpíadas. E outra coisa que acontecia nas manhãs eram os campeonatos que a gente ia disputar, então eram coisas legais. A gente juntava todos os amigos, agora tudo da escola, os amigos da escola e as meninas, como torcida, e também iam jogar e a gente ia torcer pra elas e vice-versa. Basquete, vôlei e futebol. [...] A 1ª vez que fui pegar ônibus sozinho sem minha mãe, só com os amigos... Foi legal. As primeiras vezes de ir na biblioteca, tanto em Pirituba[41] como no centro da cidade sem a minha mãe, isso já na 7ª série, mesmo. Tudo isso aí começou na 7ª série, treze anos, pegar ônibus e tudo. Então também é um fato da escola que acabo lembrando.

Conta que o que mais gostava quando criança eram as brincadeiras, para ele *"falou infância lembro de brincadeiras"* e o que menos gostava eram as surras de seu pai e *"no início, estudar. Ah, tinha que parar de brincar pra estudar, no início era complicado. Não gostava de acordar cedo"*.

Relata outros eventos e fatos de que gostava, como ir à casa da avó, o que fez poucas vezes, ou viajar para Aparecida do Norte[42], pois *"eu gostava de ver aquele negócio da estrada, a paisagem, isso eu gostava"*.

Relembra que adorava o time Palmeiras e que, quando mais velho, pertenceu à torcida organizada deste time de futebol. E, quando criança, gostava do desenho do *He-Man*[43]:

> Eu lembro que quando eu era criança o *He-Man*. Destruía as rosas das minha mãe, pegava um pedaço de pau que era a espada e o meu gatinho era o Gato Guerreiro[44], e aí eu com aquela espada, minha mãe ficava nervosa, e os monstros eram as flores, as rosas, e era bem no botão da rosa.

Felipe conta que o medo que sentia quando criança teve origem em um evento específico, e que o sentiu por muitos anos:

> Meu pai estava pra trabalhar durante o dia, mas ele dormia cedo, e a gente queria assistir televisão. Aí já desligou a televisão, mas a gente começou a ficar conversando. [...]

---

[41] Bairro da cidade de São Paulo.
[42] Município do estado de São Paulo.
[43] Personagem principal de desenho animado He-Man e os mestres do universo da *Filmation* criado em 1982.
[44] Gato Guerreiro é o tigre e companheiro de He-Man.

> Depois ele no meio da noite, acho que era quase meia-noite mesmo, ele acordou e acordou bravo, mas não veio. Da cama dele, do quarto dele reclamando com a gente e a gente continuou conversando, conversando com a luz acesa. Ele queria que a gente apagasse a luz. [...] E aí os três viram, tanto a minha irmã, se contar ela lembra até hoje, o meu irmão também. Uma mão preta veio e apagou aquela luz, a gente entrou de baixo do cobertor e ali a gente ficava com muito medo de levantar à noite e tudo dali em diante. E aí bem mais tarde, mas bem mais tarde eu fui superar isso. [...] Mas foi uma situação que a gente não sabe explicar como, mas aconteceu. [...] Os três, se contar um, o outro vai lembrar e o outro vai lembrar. E os três viram. E era peluda, como se fosse uma mão de macaco. Essa aconteceu. O medo da infância, não tenha dúvida, é esse aí.

Acerca do que pensa ter marcado as crianças nascidas na mesma época que ele, lembra dos primeiros jogos de *videogame*:

> O que chamava também muito a atenção do pessoal eram os *videogames*. Os jogos de Enduro[45], Atari[46].[...] Marcou um período. Eu sempre brincava e tudo na rua, e quando chegou a questão do Enduro e que eu não tinha, foi aí que eu comecei a inventar as brincadeiras de carro. Aí depois também chegou em casa, nossa televisão era preto e branco, o come-come[47] eu comecei a brincar também. Mas uma coisa que marcou bem foi esses jogos. Todo mundo... Era febre. O Enduro de carrinhos, o come-come, e o River Raid[48], que era o aviãozinho que ia atirando e aquilo ali realmente foi a coisa que impressionou na época, e impressionou a todos. Mas eu acho que é só. Desenho, algum filme, talvez o Jaspion[49]. Todo mundo saía na rua era Jaspion, era isso também, os monstros aquela coisa toda, então é uma coisa que também marcou as brincadeiras, modificou um pouquinho, influenciou um pouco nas brincadeiras, mas foi por pouco tempo. Pipa, logo pipa e a bola sempre mudava tudo.

Quando questionado sobre até quando se é criança, Felipe expõe suas próprias experiências para justificar o que, para ele, significou o término da infância:

> Eu fui criança até os treze anos. Isso varia. Depende. [...] Por mim mesmo eu deixei de ser criança quando entrei no SENAI[50]. Quando eu tive que acordar cedo, que era período que não podia atrasar, se atrasasse era advertência. Responsabilidades... É, a responsabilidade é o momento que deixa de ser criança. Que criança não tem responsabilidade. Você tem que obedecer, mas responsabilidade, noção real não, mas lá eu já começava a ter. Aquela questão de marmita, aquela questão de ônibus, pegar ônibus lotado. [...] Mas com certeza aos catorze anos, quando terminei o ginásio e iniciei a estudar à noite e ter o SENAI durante o dia, acordar cedo e responsabilidade de horário e marmita, aquela coisa toda, e aprender uma profissão, isso daí já deixou a infância. Inclusive, eu saí mesmo da rua. Nem pra jogar. [...] Então é isso, acho que terminou a

---

[45] Jogo de corrida produzido pela *Activision.*
[46] Console de *videogame* fabricado pela *Atari*, foi inventado em 1977.
[47] Jogo desenvolvido pela empresa *Nanco*, também conhecido por *Pacman*.
[48] Jogo desenvolvido pela *Activision.*
[49] O Fantástico Jaspion, série produzida por *Toei Company*, exibida no Brasil pela Rede Manchete e posteriormente pela Rede Record.
[50] Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

> infância mesmo no SENAI. Quando teve as responsabilidades de acordar cedo, estudar à noite, e os pensamentos mesmo de progredir, de ter uma profissão, ter uma família...

Felipe também expõe seus pensamentos sobre a infância e as crianças hoje:

> Hoje, por exemplo, as crianças estão sendo levadas a ser adultas já logo bem cedo. [...] A infância hoje [...] não está tão liberdade, eu vi que não dá pra ser tão liberdade como antes. Então, se houver muita liberdade, vai ter que pagar um preço por isso. [...] Eu creio que se hoje uma criança ficar muito na liberdade como a gente ficava antes, pode ser que essa criança não tenha uma boa conduta na rua. Devido à violência, devido ao perigo das drogas. Então a infância hoje é uma infância de liberdade controlada. [...] É uma infância que por parte dos pais está rodeada de medos. De perigos de se perder, essas situações. Eu creio que a infância hoje não é uma infância tão legal quanto a nossa. E a infância hoje está muito também na questão da televisão. Muito presa, fixa à televisão. Antes a nossa infância era mais na rua. Televisão era raros momentos, antes de ir pra escola, ou exatamente que chegava da escola, dias de chuva, alguma situação assim, pontual. Ou a hora que está muito quente mesmo, calor, que você saía na rua, olhava, não tinha ninguém e voltava pra casa. Mas hoje não. Hoje se não tiver nada é que vai [brincar]. Hoje, por exemplo, as minhas crianças, a mais velha tem cinco ainda [...]. Eu fiquei agora nas férias com ela e falei: *"que você quer fazer?"* as historinhas de Jesus é a primeira opção, [...] depois o filme, desenho, os desenhos do DVD, que ela gosta. Depois, terceira opção, ficam as brincadeiras. Nossa, pra nós um escorregador, sei lá, gangorra, aquelas coisas de subir na cabaninha de madeira, aquilo pra nós era parque de diversões, pra eles não tem tanto valor. Então, eu acho que a infância hoje não é tão legal como a nossa. Eu creio que a infância hoje é um pouco liberdade controlada, a derredor medos. Eles não, mas os pais principalmente. É isso.

3.5 Débora

Débora nasceu em 1985 e quando criança morava com seus pais, um irmão mais velho e um irmão mais novo em um bairro da zona oeste da cidade de São Paulo. Seu pai trabalhava na chefia do setor de transporte da reitoria de uma universidade e sua mãe, que trabalhava em um hospital, parou de trabalhar após o nascimento do terceiro filho.

Débora mora com sua filha de três anos. Trabalha na área administrativa de um hospital e está cursando faculdade de estética.

Inicia seu relato contando que fazia muita bagunça e que, junto com seus irmãos, "*dei muito trabalho para minha mãe"* e segue relatando o que foi significativo em sua infância:

> Tem um monte de coisas. Músicas que a minha mãe escutava, que a gente cresceu escutando. A gente escutou muito aquelas músicas antigas: *Jackson Five*[51], músicas que a gente nem sabe o nome mais, mas que lembra bastante. Um monte de coisa. Arte, eu gostava de soltar pipa com os meus irmãos, eu era mais moleque do que eles. Fiz carrinho de rolimã[52]. Tem muita coisa que é marcante...

Débora só brincava na rua quando sua mãe a acompanhava, por isso conta que brincava mais em casa com seus irmãos. Suas brincadeiras eram

> tudo o que moleque faz. Como eu não tinha irmã, só tinha eles, então tudo o que eles faziam eu queria fazer. Jogava bolinha de gude, tudo. As pipas de casa quem fazia era eu, bastante coisa, viu. [...] Eu adorava soltar pipa. Até hoje ainda solto com meu sobrinho, ensino a fazer rabiola[53]. Em vez da mãe dele ensinar, quem ensina sou eu. [...] Antigamente não tinha tanto fio, esses negócios, e a nossa casa não era tão alta, então na frente da casa da minha mãe tem uma sacada bem grande, e a gente soltava pipa ali, na sacada. Que era aberta não tinha cobertura, não tinha nada, aí a gente soltava lá. [...] Brincar de lutinha eu não gostava, porque eles [os irmãos] eram mais fortes que eu e eu sempre apanhava, acho que era só isso. [...] A gente assistia muito desenho. Toda vez que a gente estava na casa da minha avó chegava à tarde ela fazia mingau de fubá e a gente adorava. Até hoje a gente chega lá e pede pra ela fazer o mingau de fubá, as crianças também adoram. Acho que é isso aí.

Além de seus irmãos brincava também com *"as vizinhas, mas era mais com eles, porque minha mãe não deixava a gente ficar na rua, então a gente fazia as nossas artes dentro de casa"*. A respeito destas amigas, comenta:

> A gente é amiga até hoje. A gente tem nossos filhos tudo da mesma idade, então a gente está sempre junto. [Elas moravam] do lado da casa da minha mãe. Que hoje não moram mais do lado, mas elas moravam do lado. Era a Mari do lado, a Luciana do outro lado e a Sandra na frente. [...] Como elas também só tinham irmãos homens, a gente fazia tudo junto. Soltava pipa, ia pra escola junto, tudo junto. Se a mãe das amigas pedisse [para ir à casa delas] podia ir, se não, não. Se não minha mãe não gostava, falava que a gente estava se oferecendo pra ir. Elas que tinham que vir chamar. [Brincadeiras separadas de meninos e meninas] era raridade, mas tinha. Também tinha boneca. Eram poucas as vezes que brincava de boneca, mas eu tinha e aí a gente sempre brincava de boneca.

Indagada sobre ter algum brinquedo favorito conta que *"tem uma boneca que eu tenho até hoje, que eu dei pra Ana Beatriz [filha], ela não quis de jeito nenhum, que até hoje eu adoro ela, visto roupinha nela direto"*. Na entrevista Débora fala sobre sua família, sobre as

---

[51] Banda americana composta por cinco irmãos criada na década de 1960.
[52] Brinquedo feito com tábuas e peças de rolamento de esfera (popularmente chamada de rolimã) utilizadas em veículos automotivos.
[53] Fio com tiras preso à pipa para dar estabilidade.

frequentes viagens à casa de sua avó, no interior de São Paulo, e de seu avô, no Ceará, e do contato com primos e tios, pois estes

> sempre vinham de férias. Ou a gente ia pra minha avó ou eles vinham tudo pra casa. Meus tios, porque a gente tem tio da minha idade, um pouco mais novos que eu, da idade do mais novo, e são gêmeos. Então eles sempre vinham pra nossa casa. Minha avó mora em Sorocaba[54], sempre morou lá, aí a gente ia pra lá. [As viagens eram] de um em um mês. A gente sempre vai, até hoje. De um em um mês a gente está lá. [...] A gente viajava bastante pro Ceará. A gente sempre ia pra Fortaleza[55], que a família do meu pai é de lá e a gente ia bastante. A gente ia sempre pra praia também, mas era mais pra Sorocaba. A gente estava sempre viajando. [...] Era [diferente] porque na casa da minha avó é mais sítio, então nossa brincadeira era correr pra pegar fruta, subir em cima de árvore, essas coisas. Então lá era diferente. [...] Até hoje adoro subir nas árvores pra pegar as coisas. [Gostava] mais da [casa da] minha avó. Ela adula mais a gente. Tanto é que quando a gente chagava lá tinha tudo o que a gente queria, coisa que a minha mãe já não deixava muito. [...] Quando eles não vinham pra cá a gente ficava lá. E por ter os gêmeos a gente sempre dava uma revezada.

Ainda sobre estas viagens, conta que uma delas foi significativa em suas memórias de infância:

> Acho que o que me marcou foi nessa última viagem pra Fortaleza, que meu avô era sempre muito durão e na última viagem que a gente foi ele estava muito emotivo, chorava à toa, fazia tudo o que a gente queria, e foi a última vez que a gente viu ele. Acho que foi a única coisa que me marcou, que eu lembro. Eu tinha nove anos e eu lembro assim como se fosse hoje, sempre que estou meio assim e paro, eu lembro. Acho que é a única coisa que marca e que eu lembro sempre é isso. E foi a coisa que mais me marcou na infância.

Sobre o que gostava de assistir na televisão relata que

> gostava de Punk[56], Thunder Cats[57]... Deixa ver qual mais eu lembro... Os Ursinhos Carinhosos[58], amava os Ursinhos Carinhosos, que hoje nem tem mais. O Chaves[59] também tinha. Tinha a Blosson[60], era tipo um seriadozinho que era uma menina, também tinha dois irmãos, eu me identificava muito com ela, eu gostava muito também. Hoje em dia sumiu. Passava no SBT, gostava daquela novela Carrossel[61], gostava muito. Que hoje

---

[54] Município do interior de São Paulo.
[55] Capital do estado do Ceará, região nordeste do Brasil.
[56] Punk, a levada da breca. Seriado exibido nos Estados Unidos entre 1984 e 1988 pela rede NBC e veiculado no Brasil pela emissora SBT.
[57] Desenho animado criado em 1983 por *Pacific Animation Corporation*. No Brasil foi veiculado pela Rede Globo entre 1986 e 1990.
[58] Personagens de cartões criados pela *American Greetings* que deu origem ao desenho animado homônimo de 1985 à 1988. No Brasil foi veiculado pelo SBT.
[59] Seriado Mexicano exibido pelo SBT desde 1984.
[60] Série exibida pela rede americana de TV NBC, no Brasil exibida pelo SBT de 1997 a 2001.
[61] Novela infantil produzida no México, veiculada no Brasil pela emissora SBT.

> eu lembro é só. [...] Eu amava a Xuxa[62]. Eu amava, amava, amava, era louca pela Xuxa. [...] Tinha boneca, os cadernos tinham que ser da Xuxa, mochila tinha que ser da Xuxa, os vinis[63]... Acho que eu tenho todos ainda.

A respeito do que não gostava conta:

> Eu não gostava do Fofão[64]. Meu irmão ficava me fazendo medo, que eu tinha ganhado um Fofão e eu tinha pavor do Fofão. Ela me deu um boneco daquele e ele vivia me infernizando atrás daquele boneco. Deixa ver o que mais eu não gostava... é só. [E medo] só do Fofão eu acho. Porque assim, eu era a menina, mas quem protegia eles era eu. Briga de escola, se alguém batia neles eu que ia brigar, eu que ia pra cima, eu sempre defendi eles, então não tinha medo, era só do Fofão mesmo que eu tinha medo[65].

Sobre a escola, Débora relata:

> Eu fiz prezinho, pré 1, pré 2, pré 3, bem cedo. [...] Tinha queimada, tinha tudo o que tem na escola. Tinha bastante coisa. [Não encontrava com os amigos da escola fora dela] porque a gente era pequeno, mas tinha [amigos] sim. E era só na escola, a gente não tinha muito contato não. Foi ter mais contato depois que cresceu.

Lembra-se da situação econômica do país na década de 1980 e como se refletia em sua vida:

> Eu lembro daquele negócio da inflação do Cruzeiro[66], eu não entendia muito, mas minha mãe vivia falando nisso, que a inflação era muito grande, eu lembro que ela vivia falando nisso. Que às vezes a gente queria alguma coisa, e no outro dia a gente falava que queria e ela falava que já não dava porque tinha aumentado muito.

A respeito de que pensa ser significativo para crianças que cresceram nas décadas de 1980 e 1990, como ela, reflete:

> Quando a minha mãe deixava a gente brincar na rua, a gente gostava muito de brincar de patins. A gente mora numa subida, então a gente fazia trenzinho e descia todo mundo de

---

[62] Apresentadora de programas infantis, em 1983 na rede Manchete passando em 1986 para a rede Globo, seu programa por muito tempo foi intitulado “Xou da Xuxa”.

[63] Mídia musical desenvolvida na década de 1950 à base de vinil. Utiliza aparelhos como a vitrola para sua reprodução.

[64] Personagem do programa da rede Globo Balão Mágico, exibido entre 1983 e 1986. Interpretado por Orival Pessini, após o término de Balão Mágico, apresentou o programa TV Fofão na rede Bandeirantes entre 1987 e 1989.

[65] Nas décadas de 1980 e 1990 era comum ouvir das crianças que o boneco do Fofão tinha dentro dele uma adaga e que era amaldiçoado.

[66] Na década de 1980 e na primeira metade da década de 1990 o Brasil viveu um processo de hiperinflação e desvalorização crescente da moeda. O Cruzeiro era a moeda de então.

> trenzinho e chegava no final todo mundo caía. E vira e mexe a gente vive lembrando dessas bobagens que a gente fazia. Vira e mexe a gente fala: *"lembra o que a gente fazia"*. [...] É patins e carro de rolimã. Não tinha ainda patinete, essas coisas. Acho que era só isso.

Acerca do que pensa sobre ser criança, pondera que

> ser criança é o que eu tento passar pra minha filha, eu quero que ela se divirta muito, que ela aproveite muito, porque é uma coisa única. Ser criança é maravilhoso. Você pode fazer tudo sem ter responsabilidade nenhuma, não precisa se preocupar com nada, então eu tento passar isso pra ela. Se divertir ao máximo. A gente tenta fazer um monte de coisa até do que eu fazia quando era pequena pra ela aproveitar bastante. Acho que é isso.

Sobre até quando se é criança, Débora rememora até quando julga ter sido criança, explicando os motivos pelos quais considera o término de sua infância:

> Eu fui [criança] até meus nove aninhos, foi bem pouquinho. Porque eu sempre fui muito precoce. Com nove anos eu já fiquei mocinha, foi tudo muito rápido. Aí a partir do momento que eu fiquei mocinha minha mãe já me controlava. Falava que eu não podia fazer certas coisas porque eu já era mocinha. [...] Minha mãe já não deixava mais eu soltar pipa com meus irmãos, já não podia mais andar de carrinho de rolimã que ela não deixava porque eu era mocinha, não podia me machucar, aí tinha coisas que ela já não deixava mais eu fazer. Que até então, eu andava com os joelhos ralados, com os cotovelos ralados, mas depois que eu fiquei mocinha ela cortou tudo.

Segue falando sobre seus desejos com relação à sua filha *"eu quero que a minha filha seja [criança] até uns treze, catorze anos. Se puder ser mais, quero também"*. Com relação ao que pensa ser a infância nos dias de hoje Débora aponta:

> Eu acho que é totalmente diferente a infância deles hoje. Antigamente meus pais não tinham tanto recurso como eu tenho hoje pra poder dar pra ela, hoje ela passeia muito mais, ela tem muito mais brinquedos do que tinha antes. Antes a gente tinha que inventar alguns brinquedos, era até mais gostoso, mas a gente tinha que inventar, hoje em dia não, hoje eles tem tudo. Hoje em dia as coisas deles são mais eletrônicas, a nossa já não era tanto. Acho que é isso. Eu acho que a [infância] dela é mais divertida do que a minha.

3.6 Alice

Alice é professora em uma escola vinculada à indústria. Formada em educação física, ministra aulas de dança, ginástica e condicionamento físico para crianças, adolescentes e pessoas da terceira idade. Vive com sua filha em São Paulo.

Nascida em 1974, quando criança morava em uma casa em Osasco, município da Grande São Paulo, com sua mãe, seu pai e seu irmão, dois anos mais novo que ela. Tem também uma irmã e um irmão, oito e dezesseis anos mais novos, respectivamente.

Conta que sua mãe trabalhava em banco e parou de trabalhar quando ela nasceu. Seu pai trabalhava na antiga TELESP[67], fez curso técnico em eletrônica e superior em administração de empresas.

Por mais de uma vez afirma que sua infância foi muito boa, que se divertiu muito e que gostava muito de brincar na rua:

> [Minha infância] foi muito boa. Em termos de brincar, de rua, do que a gente fazia, participei, eu fiz bastante. Eu ficava na rua o dia inteiro, brinquei de tudo o que é jogo, brincadeira de rua que você possa imaginar. Não me privei de nada não. Que eu me recordo, brincava bastante na rua, era amarelinha, era mãe da rua, esconde-esconde, pega-pega. Tenho várias marcas pra registrar isso, andar de bicicleta... Nossa, ver filme, na época tinha filme de beisebol na televisão, que os Estados Unidos tinha bastante filme na Sessão da Tarde[68], então eu assistia o filme depois ficava reproduzindo o jogo na rua. Eu gostava de tentar fazer, que era o jogo de *bats*, de taco, então tinha uma turminha que era na rua e a gente sempre brincava, na escola a gente brincava bastante, e não me lembro nada de *videogame* essas coisas. Tinha, mas muito pouco, eu não vivenciei nada dessas coisas. Eu brincava na rua mesmo. Da mãe brigar: *"vem pra dentro já"* e eu queria ficar brincando na rua. De fazer peça de teatro, eu fazia com as minhas vizinhas, então a gente inventava história, cobrava ingresso, que era um chup-chup[69], fazer roupa de lençol, pegava o lençol da mãe e ficar fazendo roupa de princesa, essas coisas. Brinquei de tudo que você possa imaginar. [...] E brinquei até os meus quinze anos de boneca sem vergonha nenhuma. Hoje em dia as crianças não brincam mais de boneca, mas eu brinquei. Brincava de *Barbie*[70], brincava de boneca, casinha e tudo que você possa imaginar eu brincava. Até os quinze anos de idade. [...] Eu tinha boneca *Barbie*, eu tinha boneca, boneca mesmo, bebezão, essas coisas, tinha um boneco que eu tenho ele até hoje, que é o feijãozinho que é o meu primeiro boneco e eu adorava ele porque ele tinha a

---

[67] Empresa de telefonia fixa estatal brasileira, privatizada em 1998.
[68] Cf. nota 15 deste capítulo.
[69] Doce de leite leitoso em saquinhos pequenos.
[70] Boneca comercializada por *Mattel Inc.*

> cabeça dura e eu adorava bater nos meninos com ele, eu adorava. Era um plástico duro, não era desses molinhos não, e eu batia, mas doía aquele boneco. No meu irmão com certeza eu bati bastante com ele. Eu gostava bastante da bicicleta, eu andava bastante com a bicicleta. De brinquedo acho que era mais a bicicleta, as bonecas, tinha talvez algum jogo assim, como eu brincava muito na rua, não tinha essa coisa de ficar muito num jogo. Era mais isso mesmo de brinquedo.

Relata que em alguns momentos estas brincadeiras eram divididas entre meninos e meninas e que brincava *"sempre com os vizinhos, ou os irmãos, mas é mais as vizinhas, porque tinha uma época que a gente não se misturava com os meninos. Então eram só as meninas"*, e segue:

> Na época tinha cinco meninas, com a faixa etária mais próxima que dava pra brincar. Quando rolavam as tretas ficam só duas. De vez em quando tinham umas brigas, então uma não falava com a outra, ficava fazendo biquinho. Era mais ou menos umas cinco meninas, aí tinha meu irmão, que era menino e mais dois meninos que eram irmãos das vizinhas. [...] Mais próximos eram as minhas duas vizinhas. Na realidade, era uma vizinha específica primeiro porque ela morava duas casa pra cima e a gente se conheceu desde bebê, pegamos catapora junto, fizemos tudo junto, então a gente ficava mais próxima, tinha uma outra. As outras duas eram, mas elas vieram depois, mas a mais próxima mesmo era a Paula, que é essa vizinha.

Sobre suas amigas da escola relata que *"tinha umas duas, três da escola que eram aquelas inseparáveis [...] a gente ia pra casa uma da outra, mas aí já com nove, dez anos, a gente já era maiorzinha"*. Sobre a televisão Alice fala de seus programas favoritos:

> Eu era um pouco televina também. Logo no começo, filme, essas coisas. Essa minha amiga vizinha me enchia o saco, ela falava: *"você fica insuportável"* [...] eu não olhava pras pessoas, eu grudava [na televisão]. Eu brincava muito na rua, mas se eu grudava na TV, já era, me esquece. Podia acontecer o que for que eu não estava nem aí. [Gostava mais] dos filmes, Sessão da Tarde. Adorava Xuxa[71], tinha paixão pela Xuxa, a gente reproduzia todas as músicas, tinha todos os LPs[72] da Xuxa, meu sonho era ir no Programa do Xou da Xuxa. [...] Caverna do Dragão[73], eu não lembro muito de desenho, porque por mais televina que fosse eu gostava dos filmes, desenho não era tão assim, mas os filmes que passavam na Sessão da Tarde eu assistia todos, sabia todos. Tem um que eu adorava

---

[71] Cf. nota 62 deste capítulo.
[72] *Long Play Disc*, mídia musical feita de vinil.
[73] Desenho animado co-produzido por *Marvel Productions, TSR* e *Toei Animation* inspirado em um jogo de RPG chamado *Dungeons and Dragons.* Produzido entre 1983 e 1986, é exibida no Brasil pela rede Globo.

> que era o Krull[74], era uma história que a mulher era sequestrada por um monstro gigantesco. Essas histórias de mocinha eu adorava e tentava sempre fazer a representação depois: *"olha, eu sou a mocinha, você é o monstro"*, então assim, eu sempre tentava reproduzir, mas era sempre coisa de aventura, de mistério, eu sempre gostava disso.

Alice conta que gostava da banda Menudo[75] e que foi ao *show* desta banda com seu pai e sua amiga e que este *show* é sua

> maior frustração. Porque eu cheguei lá no *show*, a gente tinha doze pra treze anos, era no Pacaembu[76], a gente estava longe, mas longe, mas caiu uma chuva, e a água pegava aqui na gente [linha do joelho] quando a gente saiu de lá. Eu e ela, viemos chorando, chorando, chorando. Mais de duas horas a gente ficou lá esperando e nada do *show*, a gente veio embora, a hora que a gente chegou em casa, o *show* começou. A gente queria morrer, e a gente olhando o *show* pela televisão e chorando as duas, "P da vida", brava com meu pai porque ele não quis ficar, mas não tinha condição, como é que a gente ia ficar.

Alice conta que também gostava de *"MacGyver[77], eu gostava muito de Indiana Jones[78], aquela coisa de aventura, eu gostava bastante disso"*, e lembra-se de seus medos quando criança:

> Ai, eu morria de medo do *Gremlins*[79]. Eu assisti o filme, aí no final do filme ele fala: *"olhe debaixo da sua cama"*, eu fui e olhei debaixo da cama. Não era uma coisa explícita, era uma coisa minha, mas a hora que acabou o filme, eu subi e olhei debaixo da cama. Eu detesto essas coisa de fantasma, eu tinha um certo receio, me impressionava, então eu não gostava de dar susto, essas coisas. Então eu tinha medo dessas coisas, não do escuro, eu nunca tive medo, mas de fazer gracinha*: "ai, tem um espírito aqui"*, eu ficava enlouquecida com isso. Eu não gostava, saía brava, mas não gostava não. Acho que mais esse medo.

Relembra as viagens que fazia para o interior de São Paulo com sua família:

---

[74] Filme de aventura de 1983 produzido por *Barclays Mercantile Industrial Finance* e *Columbia Pictures Corporation*.
[75] Banda de Porto Rico criada em 1977. É composta por cinco rapazes, porém sua formação sofreu várias mudanças desde então.
[76] Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, anteriormente chamado de Estádio Municipal do Pacaembu.
[77] Série de aventura do canal americano ABC produzida entre 1985 e 1992. No Brasil foi exibida pela rede Globo.
[78] Personagem principal da série de filmes homônimos produzidos por *Paramount Pictires* e *Lucas Film Ltd*. Os filmes foram lançados em 1981, 1984, 1989 e 2008.
[79] Filme de horror, comédia e fantasia de 1984 produzido por *Amblin Entertainment* e *Warner Brothers Pictures*.

> É que na casa da minha tia, como era interior, tinha um lugar que a gente adorava ir que eu ia com meu pai, chama mossoroca, que é um buraco de erosão. É um espaço grande que por causa da erosão virou um buracão. E a gente ia lá, na época era gigante aquilo, hoje a gente olha é minúsculo, mas na época era nossa aventura preferida. Então ia meu pai, eu, meu primo e meu irmão. E eu era sempre o *Indiana Jones*, eu era a *Alice Jones* na época, então a gente sempre estabelecia, a gente levava bandeirinha, meu pai ia junto, então a gente descia barranco, subia barranco e falava: *"hoje a gente vai pôr a bandeirinha em tal morro"*. E eu era metida a corajosa, então eu ia lá e era um negocinho assim e os meninos não queriam porque tinham medo de cair, daí eu ia lá e colocava a bandeirinha no morro. Então tinha essa aventura, porque tinha um lamaçal lá, e a gente achava que era areia movediça, aí criava umas histórias loucas. Hoje a gente vai lá, olha e fala: *"nossa, a gente se divertia com pouco"*. E a gente gostava bastante. Até meu avô ia, ficava numa árvore e a gente falou que era a árvore do vô, então até hoje a gente vai lá e fica procurando os lugares e lembrando. Já não tem mais a árvore do vô, o buraco já não é mais o mesmo, já destruíram, mas é bem interessante. [...] Então tinha isso, e tinha as brincadeiras no quintal da minha tia, que era daquele quintal de casa grande, tinha uma árvore, uma mangueira, a gente construía cabana, subia em árvore, se fantasiava [...]. Então a sensação era ir pra casa da minha tia porque a gente se esbaldava. Andava de bicicleta, tinham as pracinhas, a gente ia sozinho pra todo lugar, não tinha perigo nenhum...

Ainda relacionado à família, narra que gostava muito do Natal:

> E tem uma de coisa de Natal que eu lembro da minha infância, eu e essa minha amiga, a gente até hoje bate de pé junto, não sei o que aconteceu na época, mas a gente bate até hoje de pé junto que o Papai Noel desceu de helicóptero na nossa rua. Tenho certeza absoluta porque a gente viu pelo buraco da porta da sala da minha casa, que era daquelas chaves grandes, que a gente viu o Papai Noel descendo na nossa rua com certeza. Acho que foi meu avô que se vestiu. Hoje eu olho as fotos eu vejo, mas a gente tem essa memória muito fixa. [...] As duas têm essa imagem muito forte, que ficou, mas que depois com o tempo a gente ficou com vergonha, mas as duas têm essa imagem muito forte de que o Papai Noel desceu de helicóptero. Hoje a gente olha a nossa rua e fala: *"impossível"*, mas enfim, certeza que ele desceu de helicóptero, então eu acho que o bem bolado que os meus pais e os pais dela fizeram, a fantasia ficou como se fosse real mesmo. E até hoje a gente lembra. [...] Natal era uma coisa que eu adorava. De infância. Natal porque meus pais sempre quiseram fazer aquela coisa do encantamento. [...]. Então tinha todo o momento Papai Noel, que a gente nunca via, mas a gente acreditava que ele ia lá e colocava as coisas. Então a gente tem isso. E eu tento resgatar sempre isso com a Cristina. A gente faz de tudo, apesar de que eles são mais espertos, não são tão ingênuos. Teve uma vez com a Cristina que eu fui fazer, ela tinha acho que três anos, a gente foi na casa da minha mãe, a gente se escondeu, levamos ela lá pro andar de cima. E eu tenho um guizo na minha chave de casa, e eu peguei o guizo e fui: *"ta, ta, ta, ta, ta"* pra fingir que era o Papai Noel. Depois que ela abriu os presentes, ela ficou naquela euforia que não conseguiu ver o Papai Noel ela falou: *"mãe, o Papai Noel pegou a sua chave"*, eu falei:

> *"é bebê, o Papai Noel pegou, olha que danado"*. Quer dizer, ela saca, mas ao mesmo tempo ela manteve: *"o Papai Noel que pegou sua chave, não foi você que pegou sua chave"*. Então a gente tenta na medida do possível manter a fantasia do Papai Noel, porque eu acho que é essencial. [...] Eu acho que isso faz parte de infância, não tem como. Então a gente tenta manter sim, com certeza.

Alice fala sobre algumas diferenças entre as possibilidades que teve quando criança e as que sua filha hoje tem:

> Era perto da avenida que eu morava, uma avenida grande lá em Osasco, e aí a gente subia, ia na casa de uma menina, ia na padaria, a gente andava bastante ali. De vez em quando a gente dava um sumiço lá e descia quarteirão, subia quarteirão, a gente andava livremente, não tinha essa não. [...] Hoje não dá, é impossível. Eu não deixaria, por exemplo, a Cristina brincar na rua assim do jeito que eu brincava. Pelo perigo, pelo movimento de carro, até pelo perigo de assalto, essas coisas. E não tem mais criança na rua, aí fica difícil dela brincar, mas eu brincava na rua mesmo. As mães ficavam na calçada e a gente ficava se divertindo.

Indagada sobre o que pensa ser uma característica relevante da infância que teve comenta:

> Era a liberdade. Eu acho que a gente tinha mais liberdade de brincar e criar, tinham as brincadeiras de rua passadas de gerações, vamos dizer assim, mas a gente inventava, a gente gostava de criar e a rua era nossa brincadeira, a gente tinha que ir pra rua. Esse negócio de ficar em casa, não entra. Então a gente gostava de ir pra rua mesmo, pra brincar, aquela coisa de atividade mesmo, a gente brincava muito na rua. Então era essa coisa de liberdade, não tinha medos: *"ai, será que vai aparecer um bandido"*, não tinha essas coisas, então era a liberdade mesmo, acho que foi essencial nessa época.

Neste sentido complementa relatando o que percebe em seu ambiente de trabalho:

> [As meninas] têm onze anos e já estão falando de namorado, sabe. Estão todas mocinhas já, não tem aquela coisa... Eu era moleca, eu era um moleque, literalmente, então não tinha essas coisas de estar me produzindo, imagina! Eu era a sujeira em pessoa. Então eu olho hoje e acho que isso se perde, porque elas estão se podando, estão amadurecendo muito rápido, então é uma coisa que na nossa época não, era quinze anos e estava brincando na rua, fazendo coisas e hoje com quinze anos tem menina que já está de namoro sério, então é bem complicado nesse sentido. Então eu acho que a liberdade era o principal da época, essencial.

Para ela, ser criança significa *"alegria, com certeza"*. Sobre até quando ela considera ter sido criança afirma que foi

> até os quinze [anos], com certeza. Eu acho que cada um tem, só que deixa adormecida, que é essa criança nossa interior. As pessoas ficam com medo, com vergonha*: "ai, que criancice"*. Eu fiquei um bom tempo me restringindo, sendo muito séria, mas hoje eu estou voltando a ser criança, até por conta da Cristina, a gente tem que resgatar, apesar de que às vezes eu fico meio assim: *"será que eu devo ser, porque se não ela não vai ter respeito"*, sabe aquela coisa de ser responsável por alguém e brincar com alguém. Mas recentemente eu e meus irmãos, a gente fez um curso que trabalha com essa coisa de neurolinguística, que faz essa coisa de resgatar a criança interior, de pôr pra fora [...] então a gente tenta, na medida do possível resgatar, que eu acho que não tem como morrer não. Eu acho que a gente tem que ser um pouquinho, se não a gente fica muito chato. Então eu acho que tinha que resgatar, mas infelizmente a sociedade acha: *"que coisa mais infantil, uma pessoa desse tamanho fazendo uma brincadeira"*, mas eu acho que é essencial, até pras crianças de hoje em dia, fica aquela coisa muito séria, muito marruda, mas eu acho que criança a gente tem que ser até... Eternamente.

3.7 Renata

Renata é formada em ciências biológicas e trabalha como técnica responsável de laboratório, no qual auxilia pesquisas de pós-graduação. Mora com seus dois filhos, de doze e cinco anos, e com seu marido, formado em contabilidade e que trabalha como motorista.

Nasceu em 1978 e tem duas irmãs, uma três anos mais nova que ela e outra cinco anos mais nova. Quando criança morava em uma casa com suas irmãs, sua mãe e seu pai, ele técnico de laboratório na área biológica e ela empregada doméstica. Morou em Osasco durante sua infância e permanece até hoje na mesma cidade. Inicia seu relato contando sobre as brincadeiras que mais gostava e as que menos gostava:

> Eu lembro das brincadeiras na rua. Eu gostava de brincar na rua, com meninos, de bola, não gostava de boneca. Porque meninas, mulheres agora, lembra mais de casinha, essas coisas, e eu não era de brincar muito. Eu brincava mais na rua.

Nestas brincadeiras, seus companheiros mais frequentes eram aqueles que moravam na mesma rua ou próximos de sua casa:

> Irmãs, amigas, amigos, primos. Tinha bastante onde eu morava, era legal, perto da minha casa. Eram mais essas coisas mesmo. [...] Eram primos, tios da época, da mesma idade e os amigos. [...] Eram um ou dois anos mais velhos ou mais novos, ou da mesma idade.

Renata comenta que "*até os quinze anos nós fomos o mesmo grupo. Aí depois já tem a mudança, muda de escola, muda de casa, muda de rua, uns vão embora e assim vai indo*". Sobre suas brincadeiras e este grupo relata:

> Muitas vezes [brincavam] só as crianças. Tínhamos quintal. Quintais grandes, mas final de semana era com os pais, que dava tempo de ficar sentado lá vendo as brincadeiras, na verdade. [...] Do que eu não gostava? De casinha. Às vezes [brincava de casinha] sim, mas sabe aquelas coisas que te enche o saco. Você brinca pra agradar alguém e *"chega tá bom."*. [...] Um campo que tinha perto da casa da minha Vó [era o lugar que mais gostava], que a gente brincava de correr, que não passa carro. É esse lugar. Na rua de frente com a minha. Era bem legal. [...] Dos amigos [lembro de] muita briga. Competição, então ficava discutindo, mas nada que no outro dia não estava todo mundo se falando, ou daqui alguns minutos, discussão mais rápida. E brincadeiras... Ah, eu adoro brincar de esconde-esconde. Até falo que naquela época era bom que a gente ficava magrinha. Corria tanto, comia tanto também e não engordava. Handebol sempre gostei. Era minha brincadeira, meu esporte favorito na época. Comecei a jogar handebol com nove anos, 3ª série, mas ninguém gostava de jogar na rua, ninguém queria. A maioria quer jogar futebol, quer jogar vôlei, queimada. Às vezes [jogava] com as minhas irmãs. Como eu sou a mais velha, você obriga, manda, mas era igual eu, como eu não gostava de brincar de casinha, era coisa rápida: *"ah, tá bom, pronto, já deu. Tá de bom tamanho"*. Deixa eu ver o que mais... A gente tinha uma sela, de pular nas costas. Nossa, eu adorava essa brincadeira. Adorava[80]. Essa dá pra brincar no quintal, não precisava sair na rua. O que mais... Sei que era tanta criança na época, era muito bom.

Relata também os brinquedos mais constantes:

> Bola. A bola e a corda, fora isso eu não lembro. [Brincava] na rua. E no final de semana era bom porque as mães brincavam também e ficavam batendo [corda], porque ninguém queria bater, todo mundo quer pular. É o melhor. E isso era bom. E de brinquedo, brinquedo, não tínhamos tanto. Que as condições eram outras, então não tínhamos brinquedos. [...] [Para pular corda tinha música] era um homem bateu na minha porta que é muito antiga, com quantos anos você quer se casar, fogo-foguinho[81], são essas.

A respeito do que a faz lembrar-se de infância conta:

> Música infantil mesmo. Cheiro pra mim só de maquiagem. Por causa do moranguinho[82]. Minha filha gosta muito, então eu tinha aqueles moranguinhos batom, então eu tinha. [...] Isso eu sempre falo: *"ah, isso cheira minha infância"*. [Quando a filha brinca] eu falo:

---

[80] Refere-se à brincadeira conhecida como pula-sela ou mana-mula, a mesma relatada por Felipe.
[81] Músicas tradicionais que acompanham a brincadeira de pular corda.
[82] Batom em forma de morango.

> *"isso é infância, isso é ótimo"*. [...] Eu lembro esses dias que a minha irmã comentou alguma coisa, só que eu não me recordo. Foi no *shopping*, não sei se foi o algodão-doce[83], que algodão-doce é muito infância.

Renata conta que gostava da Xuxa[84] *"demais até. Um exagero. De manhã eu ia pra educação física, eu sempre estudei à tarde. Mas levantava já ligava, 8:00 horas da manhã, Xuxa. Eu adorava assistir todos os desenhos, o programa"*. E complementa:

> Tinha uma [brincadeira] que a gente ficava imitando, não lembro, mas a gente gostava. É, era essa coisa. E ontem eu tentei ficar fazendo: *"deixa eu lembrar umas coisas da infância"*, mas é difícil, acho que é devido à correria, porque vai passando, você vai perdendo essa sequência. Tem coisa que uma pessoa lembra e você *"ai, é mesmo"*, quando você conversa com alguém da sua época. [Na abertura do programa] aquela descida [da nave], tudo de bom. [...] O vinil[85], tinha vários. Até hoje eu tenho, deixei lá guardado, mas nem tem mais a tão falada vitrola, nem tenho mais, mas adorava. [...] A Xuxa era todos os dias. Acho que na época era todo mundo viciado. Tinha a Caverna do Dragão[86] que eu gostava, aqueles azulzinhos... [*smurfs*][87] Ele era também do programa, mas era um dos desenhos que eu adorava. *She-Ra*[88], *He-Man*[89]. Muito bons. [...] Meu pai, como nós éramos só mulheres, meu pai até comprava espada pra ficar lá imitando a *She-Ra*, Mulher Maravilha, que tinha o desenho, o Super Homem[90].

Ainda sobre Xuxa, relata uma aventura realizada com uma amiga para vê-la em um evento:

> Eu fui ver a Xuxa, muito bom. Na verdade era a época do Papa-tudo[91], um negócio que tinha de dinheiro, que ela fazia. E ela foi perto da minha casa, numa faculdade, na época nem era faculdade, agora é, era só uma escola na época. Daí eu e minha amiga fizemos de tudo pra entrar, porque só entrava quem era credenciado. Na época foi muito louco, tanto que a minha mãe quase me deu uma surra. E aí a Sandra falou: *"eu conheço o vigia de lá, a gente conversa com ele"*, provavelmente: *"você deixa a gente entrar?"* e no fim ele deixou. Aí a gente entrou, ficou vendo, e na hora da Xuxa ir embora jogava vários bonés e eu consegui pegar um e quando eu cheguei na minha casa: *"ai pai, você não sabe, eu vi a Xuxa"*, aquela loucura. Aí até hoje minha mãe fala: *"eu lembro que você chegou aqui e ficou chorando: ai, eu vi a rainha. Eu ia te dar uma surra, só não te dei de dó"*, mas foi

---

[83] Doce feito com açúcar cristal em uma máquina que utiliza calor e rotação para criar fios de açúcar, que se parece com algodão.
[84] Cf. nota 62 deste capítulo.
[85] Cf. nota 63 deste capítulo.
[86] Cf. nota 73 deste capítulo.
[87] Desenho animado produzido por *Hanna-Barbera Productions* na década de 1980, transitidos no Brasil pela rede Globo.
[88] *She-Ra*, a princesa do poder é um desenho animado inspirado em *He-Man*. Produzido por *Filmation* entre 1985 e 1987.
[89] Cf. nota 43 deste capítulo.
[90] Cf. nota 21 deste capítulo.
[91] Título de capitalização criado na década de 1990 pela *Interunion* Capitalização.

> bom, isso é uma coisa que eu não esqueço. Não cheguei tão próximo, mas só de estar lá e ver de longe já estava bom. Você vê pela televisão, então a alguns metros já estava ótimo.

Renata conta um pouco sobre sua rotina quando criança:

> Chegava à noite eu brincava muito. À tardezinha, as três [horas, chegava da escola]. Só que na minha casa, como os meus pais trabalhavam, a gente tinha a responsabilidade de ficar dentro de casa. Então tinha que esperar minha mãe chegar, pra poder deixar, poder sair pra poder brincar. E fazer lição, essas coisas, rotina normal. [...] Eu, na verdade, desde os nove [anos] eu cuidei das minhas irmãs. Então hora de ir pra escola, nós éramos do mesmo horário, levantar cedo, tomar café, cuidar da casa um pouquinho, depois nós íamos pra escola, voltávamos, aí esperava minha mãe chegar, quando ela chegava, um pouco depois, nós chegávamos da escola, a gente chegava às três horas e aí a gente ia brincar. Eu lembro disso. Fazer lição. [Quando cuidava das irmãs] dava café, tudo. Dar café, almoço, arrumar pra ir pra escola, levar, tudo isso. Acho que a Ana, a mais nova, ela estudou uma época de manhã, então minha mãe levava e eu buscava. Que tinha aquela folga entre um horário e outro pra deixar ela dentro de casa e voltar pra escola com a outra.

Ao falar dos brinquedos que tinha quando criança comenta a respeito de seus filhos: *"tanto que eu falo pros meus filhos agora: 'vocês não dão nem valor', a casa fica cheia de brinquedos e nem mexem às vezes, quando você dá um brinquedo pra pessoa ele está novo"*. Sobre a infância nos dias de hoje aponta que as crianças

> não sabem aproveitar, eu acho. Porque reclamam demais. E não são só meus filhos, eu fico tirando base, que eu nunca coloco pra eles o que eu não tive, porque eles não têm culpa e também não precisa. [...] Eu só falo pra eles valorizarem o momento: *"aproveitem o que vocês têm"*, que eu acho difícil, eu trabalho o dia inteiro, meu marido também, a Estela fica [na creche] integral, o Edu fica na escola, e vai pra casa, e vai pro inglês, vai pra informática, vai pra natação, quando vai ver já é noite e está cansado. E não tem aquela coisa, com certeza não vai ter mais, não sei se no interior ainda tem, de ficar na rua, não tem mais. Se você tem medo de quem é seu vizinho, você não sabe se o seu vizinho tem essa mesma índole que você, se é uma pessoa boa, você não pode deixar seu filho na casa de vizinho que você vê um monte de coisa ruim acontecendo, então eu acho muito difícil. A infância agora é você pegar seus filhos e sair com eles, levar pra um *shopping*, levar pra um parque, uma área livre, num sei.

Indagada sobre ter medo quando criança, Renata afirma que não tinha, porém *"nunca gostei de ficar sozinha, mas não é por medo. Eu sempre gostei de ficar com a casa cheia, pessoas ao meu redor"*. E complementa: *"tenho mais medo agora, de tanta coisa ruim que a gente vê aí fora. Isso sim dá medo, mas fora isso não"*. A respeito de sua infância comenta que foi

> difícil, mas fica como um aprendizado. Eu sempre falo*: "difícil pelas dificuldades de ter as coisas"*, não tínhamos, a gente sobrevivia. Não de passar fome essas coisas, nada, mas de não ter brinquedos, essas coisas, mas nem por isso fomos infelizes. Sempre que eu falo com as minhas irmãs a gente sempre comenta: *"nós tivemos uma infância muito boa"*. Muito difícil sim, mas ficou agora pra gente dar muito valor pras coisas que a gente tem. Então infância boa, muito boa, de aprendizado.

Renata afirma que é possível ser criança *"até quando quiser, eu acho. Porque a criança está dentro de você. Eu falo que sempre o modo de ser feliz é ser criança"* e completa:

> Quando é criança não pensa em nada, só pensa em se divertir, comer, dormir. E eu falo que ser criança é você ser bom, você sendo bom já está de bom tamanho. Porque a ruindade, nossa... Eu sempre falo pros meus filhos: *"aproveite a época de ser criança, seja criança até morrer"* [...] leve a sua criança dentro de você. Porque eu acho que a sobrevivência agora é isso, você tem que conseguir conciliar tudo. É muito difícil lidar com as pessoas, mas eu acho que ser criança é eterno, não acaba nunca, depende da gente. [...] Tem todos os tipos de criança. Você fala: *"ser criança até os doze [anos]"*, então agora as crianças não são mais crianças. Igual meu filho, ele fala: *"ah, eu já sou pré-adolescente!"*. Aí você fala: *"ah, tá bom, então você não é mais criança, então dia das crianças não tem. Ah, não, mas aí eu ganho. Eu não sou mais criança pra ficar no seu colo, né mãe. Pra ficar me levando num sei pra onde"*. [...] Porque você quando está com seus dezesseis [anos], você é adolescente, você já não quer que fazem as coisas pra você. Então chega uma hora que você chega pros teus pais e fica parecendo um bebê. [...] Que nem meu pai sempre fala: *"vocês casaram, mas continuam sendo minhas eternas crianças"*. Meu pai trata a gente como criança. Não de fazer *"ai, meu bebezinho"*, mas de estar ali, te abraçando, te pegando e aquilo te traz a infância, você deita e fala: *"ai, como era bom"*, aí eu falo: *"a criança nunca morre"*. Eu acho que é isso. [Ser criança é] ser feliz, com certeza. Poder curtir a sua época, o seu momento.

3.8 Érica

Érica é a caçula de cinco irmãos, são eles: dois meninos e duas meninas. Nasceu em 1968 e morou em Taboão da Serra[92] até os 13 anos, quando seus pais se divorciaram, quando se mudou com sua mãe e irmãos para a cidade de São Paulo. Seus pais estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental. Seu pai era caminhoneiro e sua mãe começou a trabalhar como diarista quando tinha seis anos.

[92] Município da Grande São Paulo.

Graduou-se em pedagogia, fez especialização em psicopedagogia e trabalha em uma biblioteca universitária. Mora na cidade de São Paulo com seu filho e seu marido, que trabalha no setor de publicação da reitoria de uma universidade e está terminando o curso superior de geografia.

Érica inicia seu relato falando sobre sua família:

> A minha infância foi bem difícil. Foi bem difícil por causa de condições financeiras e também porque minha mãe era uma pessoa muito simples, ela se casou pra sair da casa dos pais dela e o meu pai também, e ele se tornou alcoólatra. Então foi bem difícil, muitas brigas e tudo. Nós somos em cinco filhos, eu sou a caçula e minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha doze pra treze anos, então a infância toda foi bem turbulenta. Agora sim, tem todo o lado positivo também. Eu brinquei muito, muito mais do que as crianças brincam hoje em dia. A gente tinha muitos amigos na rua, então a gente podia brincar na porta de casa, de vez em quando minha mãe chamava pra ver se estava tudo bem, mas era muita brincadeira mesmo. Pouca televisão, na época a gente nem sonhava com *videogame*, essas coisas, então a gente tinha muita criatividade nas brincadeiras. Foi bem bacana a minha infância. Nessa parte de brincar.

A respeito do lugar onde morava conta:

> Era rua de terra, não tinha luz na rua, cada um tinha um bico de luz na sua porta e às vezes a gente brincava até de noite e era uma delícia. Porque televisão, teve uma época que a gente estava sem televisão em casa, então você se distraía com as outras crianças e mesmo as mães e os pais, a gente tinha uma certa união entre a gente. Hoje em dia você vê, cada um entra no seu apartamento, não tem esse contato que a gente teve antes. Uma coisa que eu também acho interessante, a criatividade. Por exemplo, uma criança trazia uma brincadeira que ela viu na casa de outra prima que morava longe, então a gente tinha muito essa coisa de trocar entre a gente essas brincadeiras. Tinha a brincadeira de imitar. Então assim: *"eu vi na televisão da minha prima a Carmem Miranda*[93]*"*, então começava a imitar a Carmem Miranda, aí outra lembrava outro personagem e ia imitando, e às vezes a gente fazia uma entrevista entre um personagem e outro, a gente criava bastante coisa. E também às vezes a gente conseguia, não era sempre, trazer coisa de casa. Então, por exemplo, eu trazia uma saia da minha mãe, outro trazia um chapéu do pai e a gente brincava muito com essa fantasia de imitar outra pessoa.

Conta que suas companheiras mais próximas e constantes nas brincadeiras eram uma irmã e suas vizinhas:

> A gente brincava muito de casinha. A gente tinha uma vizinha que a mãe tinha uma casa no fundo que estava pra alugar e enquanto não alugava a gente brincava como se fosse a

[93] Atriz e cantora de grande sucesso no Brasil e Estados Unidos, participou de importantes produções cinematográficas entre as décadas de 1930 e 1950. Nascida em Portugal, mudou-se para o Brasil com um ano de idade.

> nossa casa lá. Eu tenho uma irmã que é quatro anos mais velha do que eu e ela era a mãe e eu e as outras meninas da vizinhança éramos as filhinhas, e a gente brincava muito. De brincar de cozinhar de mentirinha, brincava de boneca, era mais brincadeira de casinha mesmo. [...] A gente estava sempre nessa turma, então a gente imitava o que a gente via em casa também. A mamãe ficava brava quando a gente fazia alguma coisa, punha de castigo, aí vinha visitar uma tia que, pra dizer que tinha uma boneca, às vezes vinha uma tia mais velha com uma bonequinha, porque a gente fazia o papel de criança então a gente não tinha filho ainda, ou então a boneca era nossa irmãzinha. Era bem divertido. E a gente tinha total liberdade na casa dessa pessoa [...]. Eu acho que era isso mesmo que eu gostava mais, que era o momento que a gente se soltava, que a gente viajava, e contava as coisas, tudo no faz de conta, então assim, você queria viajar, mas não viajava, então você ficava falando: *"olha, ontem eu fui viajar num sei pra onde"*, começava a inventar mesmo e meio que satisfazia essa vontade no faz de conta. Era bem gostoso.

Érica relata que nesta vizinha também brincavam de *"ser professora"* e que esta brincadeira:

> Era mais um desenho, não era exatamente escrever mesmo. Minha irmã como já era mais velha e já estava mais adiantada na escola ela entrava na brincadeira com a gente, fazia desenhos e tudo, às vezes brincava de massinha, então era aula de artes, geralmente aula de artes, então todo mundo trazia massinha, e brincava de massinha, uma escolinha bem tranquila, não era nada de obrigação, não era coisa de reprimir as crianças, era bem sossegado.

Sobre brinquedos revela que:

> Tinha uma tal de uma copinha que era um painel que tinha uma pia pequenininha, um fogão pequenininho, uma geladeira pequenininha e era o meu sonho, e além disso tinha a Susi[94], que é *Barbie*[95] hoje. Então era a copinha e a Susi. Era meu sonho. Eu não tinha, eu brincava com a das outras meninas e era meu desejo. Agora eu lembro também de um brinquedo que eu não tive, mas que eu brincava bastante que era a bicicleta. Era uma vizinha que tinha e as crianças todas tinham que compartilhar os brinquedos porque era um bairro pobre então... Não tinha jeito, você tinha que brincar com todo mundo, então a bicicleta era bem gostoso, mas a copinha e a Susi era o máximo, bem legal.

Érica conta que brincava mais com as meninas, pois com *"os meninos, a gente tinha uma certa diferença, porque os meninos era mais peão, bola, soltar pipa e as meninas já não se envolviam muito"*. Sobre as brincadeiras que envolviam tanto meninas quanto meninos comenta:

---

[94] Boneca criada em 1966 e produzida pela empresa Brinquedos Estrela.
[95] Cf. nota 70 deste capítulo.

> Tinha uma brincadeira que era queimada, de jogar bola e já envolvia todo mundo. Tinha uma brincadeira que era uma turma de um lado outra turma de outro e iam fazendo perguntas de o que é, o que é?, por exemplo, cinco de um lado, cinco de outro, quando uma perguntava e acertava, pegava uma criança do lado oposto e trazia pra ela e ganhava quem ficava com mais gente. [...] Naquela época tinha muita criança, então juntava às vezes uma turma, e brincava de seu mestre mandou, que uma criança é o líder e fala: *"seu mestre mandou buscar uma pedra não sei de que cor"* e saía aquela criançada toda e corria. Agora eu estou lembrando também carrinho de rolimã[96]. Porque minha rua era uma decida em curva e uma reta, eu morava bem no meio dessa reta, então a gente descia de carrinho de rolimã e aí juntava menino e menina e a gente brincava bastante. [...] De pipa, às vezes as meninas iam também. Que tinha um outro morro perto, hoje em dia totalmente ocupado por casa, naquela época era bem livre, tinha muito espaço livre, não tinha tanta rede elétrica, então os meninos empinavam pipa bastante, meu pai às vezes ia junto e a gente se divertia. Era bem gostoso. [As idades das crianças] eram parecidas. Algumas crianças menores, eu fazia mais parte da turma das menores, inclusive às vezes alguém falava: *"ah, ela é café com leite"*, eu ficava brava porque café com leite é quando você não pode participar muito da brincadeira porque você é muito pequeno ainda, mas eram dois, três anos mais velhas que eu as crianças, não era muita diferença de idade não.

Por sua mãe trabalhar conta que *"não gostava de ficar em casa sozinha, que eu ficava bastante"* e relata sobre um de seus medos:

> E na bendita da época de eu ficar sozinha surgiu na vizinhança aquela história da Loira de Osasco e eu morria de medo. A Loira do banheiro[97]. Na época da minha infância, era conhecida como Loira de Osasco e eu morria de medo, porque essa minha irmã que é quatro anos mais velha que eu [...] vinha com essas histórias da escola, na época ela era um pouco maior e ela contava. E ela falava pra gente tomar cuidado porque a Loira podia ir pra nossa casa também. E era como se fosse um fantasma, e eu morria de medo. Quando eu chegava em casa, eu guardava meu material e ficava num cantinho da casa esperando minha mãe chegar, ou alguém chegar da escola e eu não me mexia, ficava com medo. Até que um dia minha mãe descobriu e aí acabou a graça, brigou com meus irmãos: *"fica pondo medo na menina"*, aí também foi mais tranquilo, porque minha mãe conversou comigo sobre isso. E eu até então não comentava com ela porque eu tinha medo, mas aí isso passou. Depois eu comecei a ficar mais tranquila, não ter tanto medo. E acho que é mais isso mesmo, medo de ficar, não gostar de ficar sozinha.

Érica relata que cheiro de café lembra infância *"porque às vezes a gente estava brincando e as vizinhas começavam a fazer e vinha aquele cheirinho gostoso de café [...] ficava aquele cheirinho gostoso de café pela infância, então café, pão com manteiga que você come junto com o café"* e lembra-se da música de uma propaganda:

> Depois de um sono bom
> A gente levanta,

---

[96] Cf. nota 52 deste capítulo.
[97] Lenda urbana bastante difundida entre as crianças, principalmente, nas escolas.

> Toma aquele banho,
> Escova os dentinhos
> E na hora de tomar café
> É o Café Seleto que a mamãe prepara
> Com todo carinho

A respeito de programas de televisão conta:

> Eu gostava muito de desenho no geral, e tinha um desenho que acho que as pessoas nem conhecem mais que era um carneirinho que fugia de um lobo[98]. E a frase principal do carneirinho era: *"é o lobo, é o lobo"* e até hoje minha madrinha liga e fala: *"é o lobo, é o lobo"*, então eu gostava muito desse desenho. No fim, lógico o carneirinho sempre se dava bem e tudo. [...] Tinha um monte: o Pepe-legal[99], o Pica-pau[100], a turma do Patolino[101], esses desenhinhos que eram os que a criançada curtia mais.

Conta também sobre quando sua irmã, quatro anos mais velha que ela, parou de brincar com as meninas e quando ela parou de brincar na rua de boneca:

> Mas essa irmã brincou muito, inclusive eu lembro que eu tinha uns dez anos, e ela tinha uns catorze, e eu lembro que ela brincando com a gente no quintal de casinha e passou alguém e disse: *"olha, que menina grande, olha que bonito ela brincando de casinha"*, ela ficou morrendo de vergonha e nunca mais brincou de casinha com a gente. E assim, quando minha mãe se separou do meu pai que eu tinha treze anos, eu morava lá no Taboão [da Serra] e vim morar aqui [em São Paulo]. Quando eu cheguei aqui, ninguém brincava de boneca, então também eu brincava só em casa.

Sobre a mudança Érica relata que:

> Foi bem difícil. Ao mesmo tempo que foi bom porque a gente foi pra uma casa melhor, foi pra um tipo de vida melhor porque aí já não tinha mais as brigas, nessa parte de brincar eu dancei. Eu tinha que brincar sozinha porque as meninas aqui queriam jogar vôlei, paquerar, era outra mentalidade. Era como se no Taboão [da Serra fosse] uma cidade do interior e que eu vim pra uma cidade mais adiantada, digamos assim, então as meninas não gostavam de brincar de boneca não. [...] Eu tinha bonecas, panelinhas, fogão, então brincava dessas coisas. Aí logo as pessoas da minha casa começaram a trabalhar e eu, como eu sou bem mais nova que os outros, eu ficava bastante tempo sozinha nessa época. Então eu acordava de manhã, minha mãe pedia pra eu limpar a casa, nem sempre eu fazia, eu ficava enrolando, brincando, aí logo dava a hora de eu ir pra escola, e na volta da escola eu já ia adiantando a janta pra quando minha mãe chegasse terminar. Foi uma mudança meio drástica, eu fiquei meio chateadinha nesse lado, mas foi tranquilo, não foi tão... Traumatizante. [...] Até os treze anos eu brinquei bastante, depois

---

[98] Desenho animado produzido por *Hanna-Barbera* em 1969 chamado É o lobo!
[99] Desenho animado criado por *Hanna-Barbera* em 1959.
[100] Desenho animado criado por Walter Lantz na década de 1940. Estreou no Brasil no ano de 1950 e desde então já foi transmitido por diversas emissoras.
[101] Personagem criado por *Warner Brothers* na década de 1930.

> chegando aqui, uma que minha mãe não deixava a gente sair porque era minha mãe e os cinco filhos, então acho que ela se sentiu com muita responsabilidade de ficar só ela com cinco filhos e como eu era caçula e menina, ela falava que não era pra sair com as amigas, que era perigoso, então minha mãe segurou bastante. Aí depois é que eu comecei, mas era mais na escola que eu tinha contato com as meninas, fora disso geralmente uma menina ia dormir na casa da outra, ia pra festa e voltava. Não no meu caso. A minha mãe já cortou o barato, ela falou que tinha medo de acontecer alguma coisa, então só comecei a sair de casa depois que eu comecei a trabalhar com dezessete anos. Mas enquanto isso eu fiquei bem em casa.

A respeito de eventos que marcaram sua vida lembra-se da escola, pois *"tinha muito essa coisa do hino, muito forte. A gente tinha que ler, sempre colocavam a bandeira, sempre punham o hino, a gente cantava junto, tudo"* e complementa:

> Me parece que hoje em dia não tem mais esse... Tá certo que antes era um exagero, uma coisa muito forte, mas eu lembro bastante dessa coisa do hino, que ficou bem gravado, da represa de Itaipu[102], que falavam muito da represa de Itaipu e da morte do John Lennon[103], que minha irmã mais velha gostava, que ela era mocinha naquela época, então ela falava muito da morte do John Lennon. [...] E tinha uma coisa que também marcou muito a minha infância, que era um programa de rádio Projeto Minerva[104], era um programa que falava sobre músicas, então minha mãe escutava muito esse Projeto Minerva. É muito antigo você não lembra mesmo.

Sobre o que acredita ser uma característica comum às crianças nascidas na mesma época que ela aponta:

> Era a liberdade. A gente tinha muita liberdade, a gente não tinha medo. Uma que as mães ficavam em casa, geralmente, e olhavam a gente, como essa vizinha minha, olhava os filhos, então minha mãe ficava tranquila com isso também. Então eu acho que a liberdade que todos do bairro tinham muita liberdade. A gente não tinha medo dessas coisas como a gente tem hoje, que hoje em dia as crianças não saem mais. E eu acho que muito carinho entre as crianças, a gente era muito unido no bairro, tanto que até hoje eu vou lá, a gente se conversa e tudo.

Em diversos momentos da entrevista, Érica fala sobre seu filho:

> Uma coisa que eu tento fazer hoje é tratar meu filho com mais carinho do que fui tratada. Não que não tivesse, tinha. Mas era tão pouquinho que queria mais. [...] Então eu beijo muito ele, eu falo que amo porque a gente não teve isso quando era criança, então eu sinto falta disso. Até contato físico, minha mãe até hoje não tem muito contato físico com a

---

[102] Represa hidrelétrica inaugurada em 1984 se estende pelo sul do Brasil e Paraguai.
[103] Músico inglês assassinado em Nova Iorque em 1980.
[104] Programa de rádio com objetivo educativo do Ministério da Educação e Cultura, transmitido nas décadas de 1970 e 1980.

> gente, meu pai hoje é falecido, ele faleceu em 1989 e nunca... Então uma coisa que eu sinto falta é o contato físico, assim de abraçar, de ter carinho, de conversar muito, minha mãe nunca foi muito de conversar, então eu sinto bastante falta disso. [...] E agora eu estou aproveitando pra brincar de novo, eu também brinco bastante com o meu filho, então a gente acaba até trazendo brincadeira da gente pra eles. Ele fica na creche e às vezes na creche eu vejo brincadeiras que eu fazia quando eu era criança, de passa anel, que hoje em dia não tem muito mais essas brincadeiras, então eu vejo a criançada brincando me lembra bem a minha infância.

Sobre até quando alguém é criança declara que *"com treze anos eu ainda me sentia criança, eu só mudei, porque eu fui praticamente forçada a mudar"* e segue:

> Hoje em dia eu vejo diferente. Eu tenho dó, mas eu acho que a criançada está terminando a infância antes. Então lá pelos doze anos você já vê as meninas como moças, já arrumando o cabelo, pintando a unha, não que eu não acho que tenha que ter vaidade, mas eu acho muito cedo. Então você vê as meninas, parecerem moças, você vai perguntar: *"ah, tenho treze"*, e eu acho isso uma judiação. Eu acho que a criançada devia ter até os treze, catorze anos, eu acho que é o ideal de você brincar e se sentir à vontade mesmo. Hoje em dia a mídia pressiona, tem uma propaganda você vê uma menina toda glamorosa, coisa e tal, daí as crianças, as meninas pequenas se sentem envergonhadas de não seguir aquilo. Então eu acho que uns catorze anos seria um limite legal de infância. Eu acho que [ser criança] é se sentir à vontade, é ter liberdade de você fazer o que você tem vontade, porque eu vejo muito isso no meu filho também, quando ele quer alguma coisa ele conversa, ele fala. Aí quando você é maiorzinho você já fica com vergonha. As coisas já ficam aquela pressão pra você se comportar, você não pode sentar no chão, não pode num sei o quê, eu acho que poda muito, então eu acho que ser criança é você ter liberdade e ficar à vontade pra fazer as coisas. Óbvio, a gente tem que dar educação. Também você não vai deixar seu filho ficar falando o que quer, o que bem entende, pra isso a educação, mas é a liberdade. Se quer rolar cambota rola, é ficar à vontade mesmo.

A respeito do que pensa da infância hoje acredita que há *"muito consumo"*, e complementa esta ideia:

> A gente assiste na nossa casa uma TV que chama *Discovery Kids*[105] e eu gosto dessa *Discovery Kids* porque eles têm uns desenhos bem próprios pro meu filho, bem suaves, digamos assim. E lá no meio aparece propaganda disso, propaganda daquilo e ele só fica assim: *"eu quero esse, eu quero aquele"*, eu falo: *"ah, tá bom"*, só que fica no *"ah, tá bom"*. E eu acho que é muito consumo, muito. Muito consumo mesmo, eu tenho amigas que têm filhas e: *"ai, minha filha pediu uma Barbie, e tem que ser a Barbie num sei das quantas que se não, não serve"*, então eu fico meio assim, desse consumismo todo. Eu conheço uma menina que tem um rapazinho que ele todo dia ganhava um carrinho do tio, todo dia. Chegou uma hora que ele nem olhava o carrinho, ele só abria o pacote e punha do lado, porque perdeu a graça, era muita coisa e não curtia. E na infância da gente não, você ganhava uma boneca e nossa, aquela boneca era o máximo e você ficava um tempo sem ganhar, só com aquela, e você tinha que brincar com aquela e você curtia muito

[105] Canal de TV por assinatura destinado ao público infantil da rede *Discovery Communications, LLC.*

> aquela boneca, então você fazia roupinha, você brincava ali com aquela boneca. Hoje em dia você quer uma roupa você vai lá e compra. Eu fazia muito tricô pras minhas bonecas.

3.9 Vanessa

Vanessa nasceu na cidade de São Paulo em 1981 e morou com seus pais e irmã em um bairro da zona oeste. Em criança, seus pais eram zeladores de um laboratório que se localizava em uma região comercial e industrial. Sua mãe concluiu o Ensino Fundamental e seu pai não.

É formada em curso técnico de secretariado e trabalha na secretaria acadêmica de uma faculdade. Seu marido é formado em curso superior de informática e trabalha nesta mesma área. Mora com seu marido e três filhos, um menino e duas meninas.

Acerca de suas memórias de infância, inicia o relato da seguinte maneira:

> A minha infância foi bem simples. Meus pais eram zeladores e a gente morava no fundo de um laboratório, então eu não tive muito contato com as crianças, era só no momento da escola mesmo. E depois que a gente saía da escola a gente ficava ali naquele mundinho, somos eu e mais uma irmã, então a gente brincava ali naquele mundinho, nós tínhamos o quintal grande pra fazer as brincadeiras, mas não tínhamos contato com as outras crianças, era só eu e ela. [Foi assim] até eu sair de casa com 19 anos que foi quando eu casei. A gente, claro, começou a ter maior contato quando a gente já ia pra escola sozinhas, já voltávamos da escola sozinhas, então a gente tinha um contato maior com as outras crianças, mas fora o horário das aulas não, era muito pouco.

Além de brincar em casa com sua irmã conta outras atividades que fazia:

> Assistir televisão. A gente começou a ajudar minha mãe a arrumar a casa muito cedo, porque não tinha o que fazer. Depois dos doze anos a gente já tinha mais mobilidade, que já ia e já voltava sozinha, então a gente começou a ver como as outras crianças que moravam em vila conviviam. Só que eu não podia voltar pra casa muito tarde que meus pais ficavam preocupados, então o contato que a gente teve começou a partir dos doze anos, com esse mundo tão, pra gente, novo. E ela é dois anos mais nova que eu, a responsabilidade minha com ela era maior.

A respeito de seu contato com a televisão, rememora diversas atrações:

> Eu gostava da Sessão da Tarde[106], que passava aqueles filmes de adolescente que sempre tinha um namoro e era uma coisa que nunca acontecia, então acho que isso me deixou sentimental demais. A Sessão da Tarde me marcou demais. Hoje quando eu fico em casa e posso assistir à Sessão da Tarde e passa um filme que eu lembro que eu assistia... Como é que era o nome do filme? Do samurai, eu lembro que tinha o Daniel Sã[107], eu gosto, já assisti *n* vezes, passava bastante. Era quase sempre os mesmos filmes, era muito repetitiva a Sessão da Tarde. Hoje eu vejo que era muito repetitiva. Então era isso, eu gostava da Sessão da Tarde. E da Malhação[108], da Malhação sempre... Ritualmente às seis horas. Agora já está diferente. [...] Desenho acho que, não sei se era da época, mas eu gostava do... Minha memória é péssima, até esses dias a gente estava lembrando... Caverna do Dragão[109]! Era o desenho que a gente sempre ansiava pelo final do desenho: a volta das crianças pra cidade que eles saíram, mas acho que até hoje não chegou. As crianças que nasceram e que pegaram a Caverna do Dragão acho que marcou. [...] E a Xuxa[110]. Acho que toda criança. Toda criança acompanhou e acho que até hoje eles acompanham. Está muito diferente agora, mas eles acompanham. Com certeza, a gente pulava, e eu gostava, sempre tinha aquele desejo de conhecer, eu acho. Minha menina hoje de 2 anos pede pra assistir a Xuxa. Agora o DVD, porque não sei se tem programa, mas ela pede: *"quero ouvir a Xuxa, quero a Xuxa"*, então até hoje ela conquista as crianças.

Relata que quando pequena morava próximo a uma universidade pública e que aos finais de semana brincava neste local acompanhada de seus pais, e que este era o lugar de que mais gostava, pois *"como a gente morava muito perto [...] a gente ia andar de bicicleta e correr. [...] Meu pai, às vezes jogava e a gente ia com ele, ele deixava a gente correr enquanto estava jogando o futebol dele"*. Muitas rememorações suas envolvem as brincadeiras que tinha com sua irmã no quintal de casa, além destas memórias há também aquelas que envolvem seus amigos, oriundos do espaço escolar:

> Amizade com amigo pra brincar em casa a gente nunca teve. [...] A gente tinha contato com os amiguinhos na escola, mas como eles moravam longe a gente não tinha essa malícia de marcar de ir um na casa de outro e mesmo as condições, às vezes não dava, então a gente saía de lá [da escola] e ia pra casa. [...] A gente fazia muito... Não tinha essas casinhas *Barbie*[111]? A gente fazia de papelão, as roupinhas a gente cortava um paninho velho e minha mãe costurava e a gente fazia assim, com as bonecas, casinha, cama, guarda-roupa, então era bem divertido. [...] Até escada a gente fazia pra um quarto, era divertido.

A respeito da escola relata que:

---

[106] Cf. nota15 deste capítulo.
[107] O filme a que se refere é *Karatê Kid*, produzido por *Columbia Pictures Corporation / Delphi* de 1984 que conta com quatro sequências, de 1986, 1989, 1994 e 2010.
[108] Série voltada ao público adolescente da rede Globo. Estreou em 1995 e é exibida até hoje.
[109] Cf. nota 73 deste capítulo.
[110] Cf. nota 62 deste capítulo.
[111] Cf. nota 70 deste capítulo.

> Brincávamos bastante. Ali era nosso momento, eu estudava junto com ela [irmã] na creche, depois na escola e ali eu defendia muito ela também, porque ela é mais nova, era nosso momento de brincar realmente com outras crianças, era bem divertido. E brigar também, porque na escola sem briga não dá. Era um momento divertido, se eu pudesse voltar eu voltava. [Na escola as brincadeiras eram] corre-cotia, esconde-esconde, uma brincadeira que pulava as costas do outro, eu não lembro o nome. Eu não sei, a gente ficava agachada e a gente pulava nas costas, eu não lembro o nome[112]. Depois quando a gente foi crescendo tinha aquele, como é que chama... Stop. Depois passamos pro baralho, depois o vôlei, a gente brincava bastante de vôlei na rua. Acabava a aula a gente ficava ali, às vezes cabulava a aula pra ir jogar. Na frente da escola tinha [um lugar], era rua, mas a gente parava ali, fazíamos uma roda e brincava ali. [Tinha] uns doze, treze anos.

Sobre os amigos da escola comenta que *"tinha um grupo, não era o grupo mais famoso na escola, porque tem o grupo mais famoso, mas a gente tinha um grupinho sim"*, e continua:

> Era divertido, tinha confusão, uma inveja da outra, essas coisas de sempre, mas era legal o grupo. Era somente em quatro meninas, e tinha um rapaz que ficava com a gente. A gente brincava de stop... Eu não lembro mais. Quando eu era bem mais nova eu lembro que eu bati num menino. Não sei se ele me falou algum nome feio, me xingou, mas eu dei um murro nas costas dele. [...] Acho que a professora só deu uma bronca. Eu lembro que o nome da professora era Ana, professora Ana. É, dei um murro nas costas do menino, mas eu não lembro se teve outra complicação. [Os amigos eram] da classe mesmo, não tinha gente de fora. A gente via as pessoas das outras turmas diferentes. A gente não conseguia se enturmar. [...] Bem pequena tinha o pega-pega e o esconde-esconde, que a escola era grande dava pra brincar. E na escola tinha a época, não sei se você pegou, a Loira do Banheiro[113]? Eu tinha medo de ir no banheiro por causa da Loira do Banheiro. Eles diziam que a gente ia pro banheiro e ela aparecia no vaso, saía do vaso. E a gente só ia pro banheiro em grupo. [...] Agora lembrando é legal que a gente começa a recordar. A gente tinha um grupinho, esse grupinho, a gente foi acompanhando por vários anos, até o 3º colegial. A gente tinha vontade de invadir uma casa abandonada. A gente nunca fez, mas a gente sempre passou pela vontade de invadir uma casa abandonada, que tinham várias nas ruas, daí a gente sempre tinha vontade de invadir, de conhecer, mas nunca [fez].

Lembra-se de quando *"não queria ir pra creche, eu era pequenininha"*, sobre este episódio conta que:

> Estava chovendo e a professora estava com o tênis branquinho, branquinho, e eu era birrenta. Eu pisoteei todo. Ela ficou ruim. Acho que eu devia ter uns seis anos. Meu pai foi me deixar e eu não queria entrar. Ela ficou brava, ficou muito brava. Naquela época os professores, não é que eles castigavam, mas eles davam correção pras crianças. Eu acho

---

[112] Refere-se à brincadeira conhecida como pula-sela ou mana-mula, entre outros nomes.
[113] Cf. nota 97 deste capítulo.

> que eu fiquei fazendo alguma coisa. Porque ela ficou muito brava, o tênis dela estava branquinho.

Vanessa conta que o que menos gostava quando criança era acordar cedo, pois *"estudava de manhã, era difícil acordar"* e segue:

> Meu pai também não gostava de acordar. Porque ele que me levava, a gente saía de casa meio que correndo. Era de bicicleta, aí quando eu ia ele me colocava na garupa, depois a minha irmã passou a estudar de manhã, era uma na garupa e outra na frente na parte do cano e a gente ia pra escola de bicicleta.

Além do medo da Loira do Banheiro relatado acima, conta que *"tive um pouco de medo do escuro, mas não era nada assim que me deixava apavorada"* e segue o relato:

> Acho que era o medo de toda criança do escuro. Eu não sei se era medo do escuro, acho que era medo da noite, porque eu dormia toda enrolada, toda coberta. Quando apagava a luz eu me cobria, porque eu queira ficar ali, com medo não sei do quê. [...] A gente dormia todos no mesmo quarto, então eu me cobria toda, daí eu lembro que dava pra ver a fresta lá do quintal, não sei se eu tinha medo de ver alguém passando [...]. Eu lembro que teve uma invasão na empresa, durante o dia, e esse sujeito que invadiu fez pessoas reféns e ele fez mal pra uma menina, aí eu acho que comecei a crescer que e eu e a minha irmã... Ele fez pra uma outra pessoa, podia fazer mal pra gente também. Ele podia fazer mal pra mim e pra minha irmã, então não sei se foi receio disso. Eu lembro que eu e a minha irmã a gente se escondeu debaixo da cama, e ele tirou a gente debaixo da cama. [...] Eu tenho duas meninas, a gente fica receosa.

Relembra *"da época do Sarney*[114]*, foi um momento difícil pra família"*, sobre isso conta que

> o dinheiro você ganhava, mas não rendia, era muito curto. Um momento que a gente comia, não vamos dizer mal, porque você tem que agradecer o que tem, mas a gente comia feijão com farinha e alguma coisa amassada, nunca dava pra ter uma alimentação completa que hoje tem. A inflação era muito grande, você ia no mercado com um valor e voltava com quase nada. Então foi o que marcou pra gente.

Em diferentes momentos da entrevista Vanessa expõe seus pensamentos acerca dos mundos sociais das crianças hoje em dia e aponta que *"eles têm acesso ao computador, ao videogame e muito contato com a televisão, mas esse lado artesanal da criança que é bom existir não tem mais. Eles acham que é bobagem, eles acham que é coisa que não vale, que*

---

[114] José Sarney foi presidente do Brasil entre 1985 e 1990. Cf. também nota 66 deste capítulo.

não tem importância". E ao relatar suas memórias da infância também insere pontos significativos de seu presente:

> Do que eu mais gostava? Acho que das brincadeiras, o momento que a gente tinha em casa, porque era coisa muito simples. Eu fui conhecer a praia agora com dezoito, dezenove [anos], então a gente não tinha viagens, a gente não podia... No McDonald's[115] eu fui muito tarde também, então era coisa muito simples, então eu acho que essa simplicidade de montar as coisas, de fazer eu com a minha irmã era legal. Era um momento bom. Essas coisas diferentes que as crianças têm hoje a gente conheceu muito tarde. Então eu não posso falar que eu gostei na minha infância porque eu vivi depois, então eu acho que o que eu gostei, que ficou, é esse lado de montar, de fazer as coisas. De construir o brinquedo, que hoje as crianças têm brinquedo que elas nem sabem que tem. Eu tenho três [filhos] e a gente fala pra eles*: "não é assim. A sua mãe demorou muitos anos pra ter uma bicicleta, hoje vocês com quatro, cinco anos já ganharam a bicicleta, eu só fui ter depois dos doze. Vocês têm que valorizar esse lado"*. Eu acho que pra gente passar isso pra eles é muito bom, a simplicidade das coisas e como cuidar é importante. Então eu sempre tive inveja das crianças que moravam na vila, que ali você tinha espaço, e a gente morava próximo a posto de gasolina, empresas e tal, então a gente não tinha.

Sobre este sentimento para com as outras crianças, explica:

> É porque eles podiam ir pra casa... Ao invés de ou ficar brincando com as coisas que a gente tinha ali ou ficar assistindo televisão. Sessão da Tarde, eu assisti muita Sessão da Tarde. Então eles podiam sair pra brincar na rua com os amigos, e a gente não tinha, não podia sair na rua pra brincar. [...] A gente via que o pessoal depois da escola brincava, eles brincavam depois desse horário, e a gente já não podia. A gente ia pra casa e ficava em casa.

Indagada a respeito de ídolos responde que não os tinha e fala um pouco sobre o que pensa de sua infância:

> Eu gostava de dançar os Menudos[116], mas ídolo como uma coisa que marcou muito não tive não. Não era muito de ter ídolo. Nunca tive coleção de nada, acho que eu fui uma criança diferente. Porque eu vejo que as pessoas quando eram crianças tinham coleção de garrafinha, coleção de tampinha e eu nunca fui presa a isso. [...] Não sei se por conta da gente não ter o contato com as outras crianças a gente não adquiriu esse... Mesmo na escola eu via que o pessoal levava aqueles papel de carta, clips colorido e eu pensava: *"pra quê?"*, não conseguia entender.

Descreve:

---

[115] Franquia de uma rede de *fast food* americana.
[116] Cf. nota 75 deste capítulo.

> Ela [sua infância], em vista das outras crianças, foi uma infância pobre de coisas de conhecimento, mas eu acho que pra gente, no mundo de hoje trouxe muita... Não riqueza, mas a gente se fortaleceu muito pela infância. Eu e a minha irmã... A gente se tornou adultos diferentes por conta disso. Eu acho que minha mãe, sem querer, fez com que a gente fosse mais humano.

Ao final da entrevista, quando questionada sobre o que é ser criança explica:

> Acho que é você viver, conhecer as coisas sem medo... Porque as crianças estão tão com a cabeça, a mente vazia que tudo o que elas buscarem elas vão ter o contato novo. Sem que ninguém fala: *"não suba aí que você vai cair"*. Não, deixa a criança subir que ela vai ver que se ela subir ela vai poder cair, vai sofrer um risco maior. Então eu acho que a criança não tem que ter medo de buscar coisas novas, de conhecer, eu acho que ela tem que descobrir o perigo, o medo. Não o medo, mas o perigo por ela mesma, porque aquilo vai marcar e ela vai ver que não é bom, ela não tem que fazer aquilo. [...] Acho que a gente quer cuidar tanto delas que fala: *"não sobe aí que você vai cair"*. Deixa a criança subir que às vezes ela não cai. Claro que você tem que estar próxima pra controlar isso, dependendo do lugar, mas deixa ela subir, às vezes ela vai cair, e se ela cair, ela vai ver que ela não pode subir. Pra não ter o medo de fazer as coisas, de descobrir. Acho que criança tem que experimentar, tem que viver. Porque ela está nova ali, ela não tem nada que bloqueie o pensamento dela, então se a gente falar *"não faz isso, não faz aquilo"*, aquilo vai bloqueando.

A respeito da infância de hoje em dia conta:

> Eu acho que as crianças precisam mais, não passar por apertos, mas precisam mais conhecer o outro lado. Porque um dia você pode ter, e no outro dia você pode já não ter, e as crianças de hoje não entendem isso. Elas acham que a gente sempre tem que ter subsídio pra atender as exigências, porque elas já exigem hoje, então elas não sabem lidar com isso. Porque elas têm tudo, e quando falta alguma coisa eles acham um absurdo: *"como pode faltar!"*. É isso que a gente passa com as crianças, porque a gente quer dar pra eles o que a gente não teve na infância, então a gente acaba fazendo errado, porque quando não tem mesmo, eles têm que passar sem aquilo eles não sabem entender, eles não entendem. Eu acho que [as crianças] têm demais. E algumas não sabem dividir o que tem. [...] As crianças estão sem infância. Eu acho que a televisão está vindo com tanta notícia ruim, que elas já começam a viver naquilo. Eles já começam a viver dentro desse mundo ruim que acabam não vendo o que é bom pra eles que é viver a infância. [Que são] brincadeiras e descobrir o espaço deles. Depois quando eles crescem, eles param e pensam: *"cadê minha infância?"*, não teve. Aquele negócio de brincar, até os namoros da infância de hoje é diferente da infância... Não tem mais aquela magia, aquela coisa de descobrir mesmo. Acho que a coisa é muito superficial.

Sobre até quando se é criança acredita *"que sempre. Porque a gente sempre tem um lado criança dentro da gente. Eu acho que se a gente buscar isso, sempre vai ter algo de criança que a gente quer fazer"*. Sobre este lado criança explica:

Rolar na grama acho que é uma coisa que é o lado criança, que é gostoso de fazer. Eu rolava muito na grama, então se eu rolar na grama é uma coisa que vai me lembrar a infância. Eu acho que a gente é criança sempre, não pode deixar perder isso se não a gente fica sem graça. Eu acho. Tem que dar risada mesmo, tem que falar coisa que às vezes você fala: *"escapou, não era pra ter falado"*, é coisa de criança. Ela é bem espontânea. A espontaneidade acho que tem que continuar. Criança fala o que pensa. Se você falou uma coisa próxima das crianças, você toma cuidado, porque ela vai falar. E é engraçado o como eles são. Eles vão lembrar, eles têm uma mente bem fresca pras informações, aí eles vão lembrar que ouviu o pai e a mãe falar isso e em algum momento ele vai soltar. Então a gente evita de falar as coisas próximo das crianças porque a gente sabe que uma hora a gente vai passar vergonha por conta disso.

4 A INFÂNCIA NA MEMÓRIA DOS ADULTOS

> Although children's life conditions do differ considerably, they also share some common features, which makes childhood distinct as a collective, group or category in comparison with other collectives, groups or categories.[1]
> (Qvortrup)[2]

Para iniciar a análise dos dados algumas questões a respeito das entrevistas em si serão pontuadas. É oportuno retomar a alegação que o passado é reconstruído (e não revivido) no momento presente, portanto, o que importa é compreender as crianças que os entrevistados imaginam ter sido[3] e neste sentido aceitar a narrativa construída nas entrevistas como expressão do trabalho de reconstrução do passado. Nesta perspectiva é interessante

> observar as diferenças de estilo, gêneros, recursos de linguagem e conteúdo, formas de discurso que marcam o sentido dos textos; [...] identificar o "trabalho de memória", rememoração, esquecimento e seleção, e sentidos das escolhas feitas no processo de construção da trajetória de vida. (MORAES, 2010, p. 128).

É possível identificar que algumas das narrativas foram alicerçadas em temas de aspecto mais geral que, de certa forma perpassam as memórias de infância narradas. Gabriel foca a liberdade, Suzana, Felipe, Alice e Érica as brincadeiras e grupo de pares. Fernanda narra diversos acontecimentos de sua infância, não necessariamente selecionados a partir de um tema central, mas a partir de lembranças geradas por outras lembranças, como um fio da memória (HALBWACHS, 1935), assim como Vanessa, Débora e Renata narram o que mais gostavam quando crianças, independente de relacionarem-se a brincadeiras, à televisão, à escola, aos amigos ou à família.

---

[1] Embora as condições de vida das crianças se diferenciem consideravelmente, elas também compartilham algumas características comuns, o que torna a infância distinta como um coletivo, grupo ou categoria em comparação com outros coletivos, grupos ou categorias

[2] QVORTRUP, Jens. Children and childhood in social structure. In: ZEIHER, Helga. HENGST, Heinz. **Kindheit soziologisch.** Verlag für Sozialwissenchaften: Wiesbaden, 2005. Versão em inglês recebida por e-mail em 02/04/2009, título em alemão: Kinder und kindheit in der sozialstruktur. A primeira versão deste texto foi publicada em 2002 na Itália.

[3] Parafraseando Marita M. Redin, cf. sessão 1.3 do capítulo 1.

O enquadramento social das memórias coletadas pode ser pensado tendo em vista o aspecto estrutural da infância e da idade adulta, pois os entrevistados são hoje atores sociais de uma categoria distinta daquela que foi o tema de suas narrativas: a infância. Falar de suas infâncias pessoais é um trabalho da memória que busca reconstruir o passado e evocar o conjunto de lembranças de um espaço-tempo-relações sociais já conhecidos, do qual se tem o direito de propriedade. Em contrapartida, falar sobre a infância nos dias de hoje inclui, necessariamente, ocupar uma posição social distinta (na perspectiva geracional), o que revela, em última instância, o olhar adultocêntrico sobre a infância[4]. Considerando estes dois prismas (a infância vivida, rememorada e a infância nos dias de hoje, desconhecida) foi feita a análise da infância na memória dos adultos.

Tradicionalmente interpretada como hierarquicamente menor ou conduzida à ocupação de espaços predeterminados pelos adultos, como a escola, por exemplo, a infância na voz dos entrevistados revela particularidades que os afastam das imagens propostas por James, Jenks e Prout (1998), apresentadas no primeiro capítulo.

Nascidos durante um intervalo de vinte e cinco anos (entre 1960 e 1985), durante o período da ditadura militar como forma de governo, da mudança de valores e costumes (divórcio, pílula anticoncepcional, rock, etc), da ampliação da presença da televisão nos lares, da saída das mulheres para o mercado de trabalho, indicam direta ou indiretamente o papel desses eventos em sua memória individual. Os acontecimentos políticos estão nas falas de Suzana quando se recorda de sua professora indignada com as atitudes do então governador Paulo Maluf, de Érica que recorda a presença marcante do hino e bandeira nacional na escola, ou de Gabriel, quando aponta o movimento pelas Diretas Já ou a eleição de Fernando Collor de Mello como elementos marcantes. Érica tem pais divorciados, ela e Renata relatam que suas mães começaram a trabalhar quando ainda eram crianças. O movimento contrário também fica evidenciado pelas mães de Débora e Alice, que pararam de trabalhar quando os filhos nasceram, ou de Gabriel, Fernanda e Felipe que após o casamento não mais trabalharam. O cenário econômico é lembrado por Débora e Vanessa que relembram os efeitos da inflação em suas vidas quando crianças. A presença e o impacto da TV e dos programas veiculados por ela

[4] Vale ressaltar que muitas orientações teórico-metodológas na área da Sociologia da Infância preocupam-se em desconstruir nas pesquisas esta posição e olhar adultocêntrico para com as crianças e a infância, conforme exposto no capítulo 1.

atravessam as memórias com vigor, como se depreende dos relatos apresentados no capítulo 3, analisados neste capítulo. Esse parece ser o grande contexto sociocultural revelado pelas entrevistas.

Tomando o objetivo da pesquisa, compreender as imagens da infância, os depoimentos coletados foram organizados por aquilo que apresentam como semelhança ou como diferença, em quatro grandes grupos, a partir de (1) situações comuns, ainda que particulares, como os lugares da infância; (2) brinquedos, jogos, brincadeiras e atividades destacadas em suas falas; (3) relações inter e intrageracionais; (4) sentimentos em relação à infância vivida (rememorada).

4.1 Os lugares da infância

Onde estão as crianças? Quais os lugares ocupados por elas nas memórias dos adultos? Quais os espaços instituídos para a categoria infância? Espaços e relações sociais estão inter-relacionados e isto pode ser identificado a partir dos depoimentos, quando a relevância de determinados lugares e a constante presença deles em cada relato é permeada pelas relações sociais neles estabelecida.

Estudos acerca da infância indicam que as principais instituições onde as crianças estão inseridas são a família e a escola. Qvortrup (1994, p. 6) aponta que em pesquisa realizada em dezesseis países europeus "[...] as crianças são insuficientemente consideradas como estatísticas públicas. [...] estatísticas que tipicamente têm adultos ou famílias como unidades"[5] e Sarmento (2007) afirma que a pertença das crianças nestas duas instituições foi, por longo período, responsável pela invisibilidade da infância em pesquisas, pois nestes casos as crianças passam a ser filhos e/ou alunos e na medida que,

> [...] o afastamento do mundo da infância do mundo dos adultos, separação de áreas de actividade, reservadas para a acção exclusiva dos adultos e interditas, por consequência, à acção das crianças, e a colocação, sob forma direta (especialmente no espaço familiar) ou sob

[5] "[...] children are insufficiently accounted for public statistics. […] statistics which typically has adults or families as units".

> forma institucional (especialmente no caso da escola), das crianças sob proteção adulta. (SARMENTO, 2004, p. 36-37)

A família e a escola tornaram-se os *espaços instituídos para a infância* e entremeiam os depoimentos dos adultos como lugares significativos da infância e, além destes dois, a rua é percebida como um lugar das crianças. A família, a escola e a rua compõem os *espaços instituídos para a infância* nas memórias.

Família

Os depoimentos apresentam a família em diferentes dimensões, Sarmento (2004, p.17, grifos do autor) defende que "[...] a transformação familiar convida a que a família seja pensada como instituição social, sendo como tal construída e estruturada, e não como uma entidade natural, imune ao *pathos* da vida social", desta forma é possível compreender que as relações estabelecidas em seu interior são mais sociais que naturais. Todos os entrevistados referem relações familiares, mas ficam evidenciadas particularidades, como o <u>ajudar em casa</u> presente na fala de Renata "*na verdade, desde os nove [anos] eu cuidei das minhas irmãs. Então hora de ir pra escola, nós éramos do mesmo horário, levantar cedo, tomar café, cuidar da casa um pouquinho, depois nós íamos pra escola*" ou na de Érica "*Aí logo as pessoas da minha casa começaram a trabalhar [...]. Então eu acordava de manhã, minha mãe pedia pra eu limpar a casa, nem sempre eu fazia, eu ficava enrolando, brincando, aí logo dava a hora de eu ir pra escola, e na volta da escola eu já ia adiantando a janta pra quando minha mãe chegasse terminar*". As duas falas revelam que o fato de suas mães trabalharem fora as levava a cuidar da casa ou dos irmãos.

O relato de Vanessa "*a gente começou a ajudar minha mãe a arrumar a casa muito cedo, porque não tinha o que fazer*" e o de Fernanda *"Por que que eu tinha que lavar louça se meus irmãos não lavavam? Não são três filhos? Os três não dormem, não comem, não bebem na mesma casa? O pai não sustenta os três? Por que eu tenho que fazer? 'ah, porque você é mulher'. Não, desculpa. [Eu] não fazia"* retratam uma questão peculiar: eram convidadas a ajudar as mães, que não trabalhavam fora, porque eram meninas, ou seja, não somente por necessidade, mas por questões culturais e notadamente de gênero, sobre as quais será tratado mais à frente, foram solicitadas a

colaborar com a manutenção da casa. A influência do gênero está também presente no relato de Suzana quando conta que ela foi quem cuidou do jantar para a família mesmo estando seu pai e irmãos mais velhos em casa nesta ocasião, como se segue: *"Aí minha mãe ia ficar com a minha avó porque ela estava muito doente [...]. Eu pensei assim: "poxa vida, será que eu vou ter que preparar o jantar pro pessoal aqui?"*.

Uma segunda particularidade da infância no que tange à família são as possibilidades socioculturais das crianças, por exemplo, as viagens, presente na fala de Débora *"a gente sempre ia pra Fortaleza, que a família do meu pai é de lá e a gente ia bastante. A gente ia sempre pra praia também, mas era mais pra Sorocaba"*, Alice relata que *"quando viajava, ia pra casa da minha tia. Tinha os primos, aí já era uma outra turma, mas era interior e aí que a gente se esbaldava mais ainda"*, e Felipe revela em seu depoimento *"Eu gostava de ir na minha avó. [...] Quando a gente viajava era pra Aparecida do Norte, então eu gostava de ver aquele negócio da estrada, a paisagem, isso eu gostava"*. Apesar das particularidades em cada memória, viajar para a casa de parentes trazia novas possibilidades em suas relações sociais. Vale ressaltar que os destinos de viagem mantinham-se dentro das relações familiares.

Viagens também estão presentes nos relatos de Gabriel e Suzana com outros destinos, mas em ambos os casos estas viagens eram determinadas por seus familiares, no caso do primeiro feitas com sua avó e da segunda com seus pais e vizinhos.

Na família outra regularidade encontrada a partir dos dados refere-se às relações fraternais, conforme relatam Suzana, Felipe, Débora e Renata, cujos irmãos faziam parte do grupo de pares nas brincadeiras de rua e, conforme conta Vanessa *"somos eu e mais uma irmã, então a gente brincava ali naquele mundinho, nós tínhamos o quintal grande pra fazer as brincadeiras [...] era só eu e ela"*, esta com a particularidade de fora da escola somente ter sua irmã como parceira de brincadeiras.

Estes relatos indicam que "a diversidade das formas e modos de desenvolvimento das crianças, em função da sua pertença cultural" (SARMENTO, 2007, p. 28) se fazem presentes nas relações estabelecidas e proporcionadas no interior da família.

Escola

Nas memórias de escola configuram principalmente as relações entre pares estabelecidas neste espaço, como indica Felipe *"lembro na 4ª série, que a gente tinha três amigos-amigos que bagunçavam bastante também, mas eu estudava, então os dois iam mal e eu ia bem na escola [...] durante o recreio, a gente brincava muito de pega-pega [...]. Os campeonatos que a gente ia disputar. [...] A gente juntava todos os amigos, agora tudo da escola, os amigos da escola e as meninas, como torcida, e também iam jogar e a gente ia torcer pra elas e vice-versa"*. Na fala de Fernanda podem ser encontradas algumas lembranças sobre seus colegas *"tinha a escola, tinha uma praga na minha sala chamada Daniel [...]. Ele tinha uma verruga enorme na mão, um dia ele catou o estilete, ele já estava de saco cheio daquela verruga, ele cortou a sangue frio e chegou com o dedo todo...*", assim como nas falas de Débora e Érica estão presentes as amigas da escola e que essa amizade estava limitada a este espaço.

Da mesma forma Vanessa revela sua relação com o espaço escolar *"A gente tinha contato com os amiguinhos na escola [...]. Brincávamos bastante. Ali era nosso momento, eu estudava junto com ela [sua irmã] na creche, depois na escola e ali eu defendia muito ela também, porque ela é mais nova, era nosso momento de brincar realmente com outras crianças, era bem divertido"*, e era somente na escola que tinha contato com outras crianças.

Em outras entrevistas as amizades provenientes da escola ultrapassavam este espaço, como na fala de Alice *"tinha umas duas, três da escola que eram aquelas inseparáveis [...]. A gente ia pra casa uma da outra, mas ai já com nove, dez anos, a gente já era maiorzinha."*, ou de Gabriel *"tem sempre dois ou três que estavam sempre comigo. Que até cresceram junto, estudaram comigo, quando eu voltei de Santos.[...] Era mais o pessoal da escola, que eles moravam em volta [...]. E esses dois, três que estavam comigo desde essa época"*.

O caráter pedagógico da escola foi rememorado por Felipe de maneira intensa quando relata diversos acontecimentos em seu percurso escolar desde a 1ª série até o Ensino Médio *"eu fiquei de recuperação na 1ª série [...]. Na 2ª série, a professora era muito brava então não dava pra brincar muito não, mas na 3ª série, foi uma professora que não era muito brava [...]. Eu lembro que com esses amigos a gente fez um trabalho*

de história muito bom. Um trabalho de história que era no tempo das cavernas, [...] então fizemos uma caverna tudo com escritas dos povos antigos, então eu lembro que a gente ganhou a medalha de ouro com essa situação e foi o que mais incentivou a estudar". Felipe é quem apresenta questões pedagógicas mais vivas em suas rememorações, porém outras narrativas também apresentam este significado da escola, como quando Fernanda conta que sua *"professora deu castigo pra sala inteira escrever cinco vezes os coletivos. [...] Eu lembro que eu gastei um caderno de brochura de 100 folhas e não foi suficiente pra fazer o castigo. [...] Eu tinha dor na mão, de tanto escrever os coletivos"* e Suzana ao expor a obrigação de fazer a lição de casa antes de brincar com seus vizinhos.

As lembranças sobre a escola rememoradas nas entrevistas reforçam a ideia de como este espaço não só é um significativo espaço instituído para a infância nos dias de hoje, conforme afirma Ferreira (2004a), como também o foi no passado, quando os entrevistados eram crianças e como as lembranças das relações estabelecidas com seus pares permanecem duradouras em suas memórias.

Rua

Destaca-se nos dados obtidos a regularidade com que brincar na rua é referido, algo que invariavelmente todos os sujeitos ouvidos para esta pesquisa fizeram. Entretanto, a rua não era apenas o espaço físico onde moravam, aparece nas memórias de infância como um conjunto que compreende o lugar em si, as relações de pares, as brincadeiras e um espaço instituído para a infância.

Passar o dia na rua era rotina para as crianças como contam Alice *"eu ficava na rua o dia inteiro, brinquei de tudo o que é jogo, brincadeira de rua que você possa imaginar [...]. De vez em quando a gente dava um sumiço lá e descia quarteirão, subia quarteirão, a gente andava livremente, não tinha essa não"*, Felipe *"período ápice mesmo eu desprendi de casa com sete anos, quando comecei a ir pra escola e aí eu comecei ir sozinho pra rua mesmo"* e Érica *"a gente tinha muitos amigos na rua, então a gente podia brincar na porta de casa, de vez em quando minha mãe chamava pra ver se estava tudo bem, mas era muita brincadeira mesmo"*.

O que fica explícito nestes relatos é o quão significativos se mostram nas rememorações os períodos passados fora de casa e da escola, o que aparece também na fala Gabriel *"minha mãe mesmo falava, meu lugar preferido era fora de casa"* ou de Suzana *"A gente brincava e brigava então pra mim era uma alegria, depois que a gente chegava da escola, eu tinha aquela obrigação de fazer a lição de casa e já encontrar com os amigos pra gente inventar uma brincadeira nova ou continuar uma brincadeira que a gente já estava mais acostumado e foi uma fase muito legal"*.

Algumas particularidades sobre brincar na rua estão evidenciadas na fala de Renata *"na minha casa, como os meus pais trabalhavam, a gente tinha a responsabilidade de ficar dentro de casa. Então tinha que esperar minha mãe chegar, pra poder deixar, poder sair pra poder brincar"*, ou nas de Débora e Fernanda que só podiam brincar na rua com a supervisão da mãe, no caso da última, as brincadeiras aconteciam nas áreas comuns do prédio onde morou em Santos.

O reconhecimento da rua como esse espaço instituído (e legitimado) para a infância nessa época está presente no depoimento de Vanessa que, mesmo não tendo a oportunidade de brincar na rua como os outros entrevistados, enaltece as brincadeiras de rua como importante para ser criança *"sempre tive inveja das crianças que moravam na vila, que ali você tinha espaço, e aqui a gente morava próximo a posto de gasolina, empresas e tal, então a gente não tinha [...] acho que eu fui uma criança diferente [...]. Porque eu vejo que as pessoas quando eram crianças tinham coleção de garrafinha, coleção de tampinha e eu nunca fui presa a isso. [...] Não sei se por conta da gente não ter o contato com as outras crianças a gente não adquiriu esse..."*. Seu relato indica a importância da rua e do grupo de pares para não só falar sobre sua infância como sobre a infância de sua época.

O que pode ser constatado a partir dos relatos coletados é que a rua se configurava como um espaço destinado e pertencente à infância e que, apesar de todos eles frequentarem escolas (como seus filhos hoje o fazem), também dispunham de tempo e liberdade para brincar com seus amigos, familiares e vizinhos fora dos limites institucionais da casa e da escola, e que estes espaços são fundamentais para a caracterização da infância tanto na dimensão individual como coletiva.

4.2 Os brinquedos, jogos, brincadeiras e atividades

Huizinga (2001) defende que por mais que a ideia de brincar esteja atrelada à infância, em contraposição à ideia de trabalho atrelada aos adultos, brincar faz parte da humanidade. Não se pretende aqui discutir a brincadeira na humanidade, ou sua pertença (exclusiva) à infância, mas analisar a presença destas ações nas memórias de infância coletadas e sua ligação com imagens socialmente construídas de infância.

Brincadeiras, brinquedos e jogos tradicionais[6]

Diversos foram os brinquedos e brincadeiras citados, com maior ou menor ênfase e detalhamento dependendo de cada entrevistado. Dentre eles, destacam-se aqueles mais tradicionais, ou de acordo com Alice *"as brincadeiras de rua passadas de gerações"*.

Brincadeiras como cabana, casinha, esconde-esconde, espada, mãe da rua, pega-pega, pipa, queimada, subir em árvores e taco foram citadas por todos (e cada uma delas por mais de um entrevistado), mana-mula ou pula-sela é um exemplo de brincadeira que tem mais de um nome, conforme as explicações de Felipe *"que o pessoal ficava de cócoras e a gente pulava, e aí a gente falava uma situação: 'muralha num sei do que' aí tinha que pular a pessoa assim"* ou de Vanessa *"uma brincadeira que pulava as costas do outro [...] a gente ficava agachada e a gente pulava nas costas, eu não lembro o nome"*.

Esta última brincadeira é apresentada por Fernandes (2004) que a identifica por outros nomes e a apresenta como um jogo popular na Península Ibérica. A respeito de outras brincadeiras, o autor comenta que "outros jogos que observamos – como 'pegador', 'esconde-esconde', 'polícia' etc. – são tão conhecidos e tão simples que nem precisam ser descritos" (Ibid., p. 297). Este é também o caso de algumas das brincadeiras encontradas nas memórias de infância e o fato de muitas delas serem lembradas por mais de um entrevistado demonstra seu caráter tradicional.

---

[6] Uma lista completa das brincadeiras, brinquedos e jogos tradicionais encontradas na pesquisa de campo consta nos anexos.

Outras brincadeiras tradicionais foram lembradas por pelo menos um dos entrevistados, tais como amarelinha, corre-cotia, polícia e ladrão e seu mestre mandou. Uma brincadeira menos tradicional, porém não menos difundida na cultura infantil, foi rememorada por Suzana *"outra brincadeira que eu não lembrei naquela hora, mas eu acho que eu brinquei bastante disso também, que foi de ser professora [...] A gente combinava de catar um pedacinho de giz da sobra da escola, cada um das suas salas e cada um catava de uma cor, e chegava em casa, eu fechava a porta do meu quarto e a gente escrevia"* e por Érica: *"agora a gente vai ser professora. Aí ia pra uma outra sala, ela tinha uma lousinha, brincava de professora"*. Esta brincadeira se relaciona com a escola e, em uma forma de apropriação infantil, torna-se parte da cultura das crianças.

Brinquedos também fazem parte do conjunto de brincadeiras da infância destes adultos: bola e as brincadeiras com ela, bolinha gude, carrinho de rolimã, estilingue, espada e boneca são objetos que abrem novas possibilidades nas brincadeiras e não podem ser dissociados da brincadeira em si.

Presença da TV

A presença da televisão nas memórias de infância coletadas é significativa e se apresenta de duas principais formas: (1) programas veiculados pelas emissoras e (2) brincadeiras. Dentre os programas, figuram tanto aqueles destinados ao público infantil como desenhos animados, séries e programas infantis como outros destinados a um público mais velho (filmes e séries).

Na fala de Alice a televisão está muito presente *"eu era um pouco televina também. [...] Eu brincava muito na rua, mas se eu grudava na TV, já era, me esquece. Podia acontecer o que for que eu não estava nem aí"*. Assim como na fala de Vanessa *"eu gostava da Sessão da Tarde, que passava aqueles filmes de adolescente que sempre tinha um namoro e era uma coisa que nunca acontecia [...]. A Sessão da Tarde me marcou demais. [...] Era quase sempre os mesmos filmes, era muito repetitiva a Sessão da Tarde. [...] E da Malhação, da Malhação sempre... Ritualmente às seis horas"*.

Outros citaram seus programas e desenhos favoritos, como Débora *"eu gostava de Punk, Thunder Cats [...] amava os Ursinhos Carinhos, que hoje nem tem mais. O*

Chaves também tinha. Ai, tinha uma... a Blosson, era tipo um seriadozinho que era uma menina, também tinha dois irmãos, eu me identificava muito com ela, eu gostava muito também. Hoje em dia sumiu. Passava no SBT, gostava daquela novela Carrossel, gostava muito" ou Érica *"tinha um desenho que acho que as pessoas nem conhecem mais que era um carneirinho que fugia de um lobo. E a frase principal do carneirinho era: 'é o lobo, é o lobo' e até hoje minha madrinha liga e fala: 'é o lobo, é o lobo', então eu gostava muito desse desenho"*.

Gabriel conta que apesar de ficar muito na rua *"na hora da Sessão Aventura, que passava depois da Sessão da Tarde, eu tinha que estar em casa. Então eu via a rua deserta, todo mundo corria pra casa pra assistir. [...] E aquela coisa de todo mundo ir pra casa naquele horário, então já tinha um horário, até porque na escola, no outro dia tinha o comentário da coisa: 'ah, você assistiu? Nossa, aquele dia, semana passada, e isso, e aquilo'"*.

O relato de Gabriel demonstra que as crianças não apenas assistiam à televisão, mas o que assistiam passava a ser parte da vida delas e de seus grupos de pares, muitas vezes o que se assistia na televisão tornava-se inspiração para as brincadeiras, como relata Felipe *"Todo mundo saía na rua era Jaspion, [...] então é uma coisa que também marcou as brincadeiras, modificou um pouquinho, influenciou um pouco nas brincadeiras"*.

Assim como ele, Alice relata que muito do que assistia era transformado em brincadeira na rua, como o caso do filme do jogo de *bats* ou em chamar-se de *"Alice Jones"* por influência dos filmes do *Indiana Jones*.

Suzana conta que com seus vizinhos existiam *"brincadeiras que a gente via em desenhos e a gente tentava incorporar em nós mesmos, que seriam os personagens de super-heróis. [...] Um colega falava assim: 'você vai ser o Super Homem, você Mulher Maravilha, você Homem Aranha'. Então a gente improvisava até as roupas, era muito legal"*, nos depoimentos de Renata e Felipe as brincadeiras eram com as espadas, baseadas em desenhos como *He-Man, She-Ra*, Liga da Justiça e seus personagens.

A presença da apresentadora Xuxa nos relatos de Débora, Alice, Renata e Vanessa é semelhante, pois relatam que gostavam muito dela e que além de assistir ao

programa matinal desta apresentadora[7] reproduziam as brincadeiras com seus amigos ou a imitavam.

Outra questão importante acerca da presença da televisão na vida das crianças é que ela não adquire aspectos negativos em suas memórias de infância, mas revelam indícios que o que era veiculado e por eles assistido acrescentava em suas brincadeiras, conversas e relações entre pares novas possibilidades.

De acordo com Mouritsen (1998) é possível distinguir três maneiras pelas quais a cultura e a infância se inter-relacionam: "1. A cultura produzida *para* crianças por adultos [...] 2. Cultura *com* crianças, onde adultos e crianças juntos fazem uso de variadas tecnologias e mídias culturais [...] 3. Cultura das crianças"[8] (Ibid., p. 5-6, grifos do autor), ou cultura infantil. O que os depoimentos indicam é que as crianças eram capazes de transformar a cultura produzida *para* a infância em cultura *da* infância.

Atividades frequentes

Outras atividades frequentes que apesar de suas particularidades apresentam semelhanças diz respeito aos esportes. Fernanda conta *"Eu gostava era de andar de bicicleta, muito, eu andava de patins, gostava muito de ginástica, de educação física [...] eu jogava também basquete no Vasco da Gama, treinava duas vezes por semana"* e Gabriel revela *"eu participava de um grupo de cross, que era a BMX da Caloi então tinha o patrocínio da Caloi e eu treinava com eles. [...] Comecei a participar de um grupo de triátlon [...] Participei de teatros lá e aqui também, então você acaba tendo outras atividades, desde cedo eu já tinha outros tipos de atividade"*.

Estas atividades esportivas também aconteciam na escola, o que está presente na fala de Renata *"Handebol sempre gostei. Era minha brincadeira, meu esporte favorito na época. Comecei a jogar handebol com nove anos, 3ª série"* e Felipe *"outra coisa que acontecia nas manhãs eram os campeonatos que a gente ia disputar no SESI [...] basquete, vôlei e futebol"*.

---

[7] Por muito tempo intitulado "Xou da Xuxa", cf. nota 62 do capítulo 3.

[8] "distinguish three mains types of child culture: 1. The culture produced for children by adults [...]. 2. Culture with children, where adults and children together make use of various cultural technologies and media [...]. 3. Children's culture".

Estes relatos demonstram que há tempos as crianças têm e se interessam por outras atividades além daquelas exigidas no interior da família e da escola, bem como não são caracterizadas por serem brincadeiras, mas atividades que exigem certos níveis de dedicação e responsabilidade e que não só brincadeiras compunham seus modos de vida na infância.

4.3 Relações intra e intergeracionais

Conforme apresentado no capítulo teórico a geração é uma importante categoria proposta pela sociologia da infância para as pesquisas a respeito da infância e das crianças. Neste subitem serão tratados os dados que remetem a diferentes características geracionais, enquanto categoria social, sejam elas relações intra ou intergeracionais.

Relações intrageracionais: grupos de pares

As memórias coletadas apresentam algumas regularidades sobre as relações intrageracionais, em especial nos grupos de pares. Alguns fatores determinantes para sua formação, composição etária e de gênero ao mesmo tempo aproximam as narrativas e as diferenciam.

Um dos fatores para a formação dos grupos de pares é a vizinhança, o que fica explícito no relato de Suzana *"nós éramos acho que em doze crianças, entre meus irmãos e os irmãos de mais dois outros vizinhos"*, assim como no de Alice *"Sempre com os vizinhos, ou os irmãos, mas é mais as vizinhas [...] Era mais ou menos umas cinco meninas, aí tinha meu irmão, que era menino e mais dois meninos que eram irmãos das vizinhas"*, ou de Débora *"A gente é amiga até hoje. A gente tem nossos filhos tudo da mesma idade, então a gente está sempre junto. [São] do lado da casa da minha mãe. [...] Era a Mari do lado, a Luciana do outro lado e a Sandra na frente"*.

A vizinhança também foi fator determinante na formação dos grupos de pares de Renata, que brincava com suas irmãs, primos, tios e outros vizinhos, bem como Felipe e Érica, cujos grupos eram formados pelas crianças da rua onde moravam. Fernanda relata

que seus amigos eram seus vizinhos em São Paulo e aqueles que moravam em seu prédio e nas redondezas em Santos.

Outro fator de composição dos grupos de pares é a amizade proveniente da escola, conforme relatam Vanessa *"Tinha um grupo, não era o grupo mais famoso na escola, porque tem o grupo mais famoso, mas a gente tinha um grupinho sim. Era divertido, tinha confusão, uma inveja da outra, essas coisas de sempre, mas era legal o grupo. Era somente em quatro meninas, e tinha um rapaz que ficava com a gente"* e Gabriel *"Meus amigos eram tudo longe, tudo em volta [...]. Era mais o pessoal da escola, que eles moravam em volta, mas na rua de casa mesmo eu não conheço muita gente. Era mais uma coisa mais longe"*. Para Vanessa e Gabriel, o grupo era basicamente de colegas da escola, mas mesmo para aqueles que tinham um grupo de pares composto por crianças da rua, na escola igualmente tinham um grupo de amigos mais constante, como relatam Alice, Felipe e Débora. Os dois primeiros muitas vezes encontravam com eles fora deste ambiente, Débora, por sua vez afirma que não.

Uma segunda regularidade dos grupos é sua <u>composição etária</u> que pode apresentar faixa etária mais ampla ou mais próxima, fazendo com que se diferenciem. Gabriel e Vanessa relatam a proximidade com seus amigos de classe, um grupo com idades parecidas. Sobre seus amigos, Renata comenta que *"eram da minha idade. Eram um ou dois anos mais velhos ou mais novos, ou da mesma idade"*, da mesma forma o fazem Débora, Alice e Érica.

No depoimento de Érica, apesar de ter um grupo com faixa etária mais próxima existiam *"algumas crianças menores, eu fazia mais parte da turma das menores, inclusive às vezes alguém falava: 'ah, ela é café com leite', eu ficava brava porque café com leite é quando você não pode participar muito da brincadeira porque você é muito pequeno ainda, mas era dois, três anos mais velhas que eu as crianças"*.

Suzana e Felipe destacam a grande amplitude de idades em seus grupos. De acordo com Suzana *"nós tínhamos uma faixa etária bastante ampla. Eu era a segunda mais nova, o mais velho tinha pelo menos dez anos a mais, mas nós sempre brincávamos, meninos e meninas, era brincadeira tanto de meninos quanto de meninas. [...] A gente fazia essas competições [de pipa] entre nós não importando a idade, então pra gente era uma competição, não importava a idade, nem se era sexo feminino ou masculino"*.

Felipe comenta que as crianças com quem brincava eram *"de várias idades. Se eu tinha uns sete, nove anos, alguns já tinham doze, treze anos. Eram mais velhos mesmo. Olhe lá se não tinha um com quinze [anos] lá. [...] Aliás, quem decidia invadir, brincar, as brincadeiras eram esses mais velhos. Quando os mais velhos não estavam, às vezes eu comecei a liderar, quando eu fiquei o mais velho"*.

Em alguns destes depoimentos a idade é fator de diferenciação, no caso Felipe os mais velhos é que decidiam pelo grupo e no caso de Érica, em um movimento inverso, os mais novos eram tratados como menos competentes em algumas brincadeiras, em ambos os casos revelando particularidades de seus grupos de pares.

Em algumas das entrevistas destacam-se as diferenciações entre os pares a partir do gênero, na fala de Felipe *"as meninas a gente sempre brincava pouco. [...] Era difícil, mas a gente brincava também de queimada com as meninas"* ou Alice *"porque tinha uma época que a gente não se misturava com os meninos. Então eram só as meninas"*. Da mesma forma Érica e Débora contam que em algumas brincadeiras (principalmente as de boneca e casinha) o grupo se separava brincando somente as meninas nestas ocasiões.

Outro dado a respeito das diferenciações a partir do gênero é encontrado nas falas de Débora *"eu gostava de soltar pipa com os meus irmãos, eu era mais moleque do que eles. Fiz carrinho de rolimã. [...] Tudo o que moleque faz"* ou de Alice *"eu era moleca, eu era um moleque, literalmente, então não tinha essas coisas de estar me produzindo, imagina! Eu era a sujeira em pessoa"*. Renata, por sua vez, afirma *"eu gostava de brincar na rua, com meninos, de bola, não gostava de boneca. Porque meninas, mulheres agora, lembra mais de casinha, essas coisas, e eu não era de brincar muito. Eu brincava mais na rua*".

Estas diferenciações podem indicar que estão intimamente ligadas à construção de uma determinada imagem de gênero, principalmente na diferenciação entre meninos e meninas e suas respectivas brincadeiras.

O conjunto dos dados indica que foi conferido maior peso às relações intrageracionais, rememoradas a partir das brincadeiras, das relações de amizade, das atividades frequentes que faziam e dos espaços a que tinham acesso.

Relações intergeracionais

Alguns trechos das memórias de infância trazem informações bastante individuais, principalmente se consideradas dentro do contexto familiar, entretanto, tais singularidades podem indicar particularidades das relações intergeracionais que são comuns à categoria infância. Um exemplo está presente na fala de Felipe *"às vezes lembro um pouco do meu pai também, sempre bravo [...] e as surras, às vezes, que tomava devido às brincadeiras com os irmãos. Tenho mais dois irmãos, eu sou o mais novo, tenho uma irmã mais velha e um irmão mais velho ainda; esse apanhava muito. Então já ficava com medo"*. Apesar de ser uma situação singular que não surge em outros relatos, as surras são uma demonstração do poder "natural" de adultos sobre crianças, o que indica que as crianças fazerem parte de um grupo minoritário em relação à idade adulta.

A perspectiva da infância enquanto grupo minoritário está também presente em outros aspectos das vidas rememoradas nas relações adultos-crianças, como quando Fernanda fala de sua mãe *"minha mãe foi muito castradora [...]. Ela é ditadora, ela manda, ela não pede"*.

Pode-se incluir nas relações intergeracionais os relatos referentes às mudanças de cidade de Fernanda e Gabriel que em ambos os casos tal mudança é decorrente do trabalho do pai, pois a infância está sujeita aos mesmos eventos (sociais, econômicos, etc) que a idade adulta (QVORTRUP, 1993) e uma mudança na vida dos pais acarreta em mudanças nas vidas das crianças.

Com relação à autoridade adulta o relato de Felipe sobre as brincadeiras que faziam nas casas das duas senhoras, quando mesmo elas não sendo munidas do controle e poder parental, o papel das crianças era o de obedecer. De acordo com Rose (1989 apud JENKS, 2005, p. 60) "a infância é o setor da existência pessoal mais intensificamente governado"[9], e a principal razão disso é posição desigual nas relações de poder, ou seja, a infância enquanto um grupo minoritário (JENKS, 2005). Apesar de episódios específicos e bastante individuais, são nestas narrativas desveladas relações

[9] "childhood is the most intensively governed sector of personal existence". ROSE, N. **Governing the soul**. London: Routledge, 1989.

intergeracionais permeadas por relações de poder e diferenciação entre as categorias infância e idade adulta, a respeito desta diferença aponta Qvortrup (1994, p. 3):

> Há por trás da difundida argumentação que crianças são e devem ser tratadas diferentemente dos adultos uma ideia que pode ser confirmada, que crianças e adultos são ontologicamente diferentes? [...] Questionar o princípio das diferenças ontológicas entre adultos e crianças é um desafio ao alicerce ideológico do direito "natural" dos adultos exercerem poder sobre as crianças.[10]

Isto é, os relatos aqui apresentados são exemplos da naturalização tanto das diferenças entre adultos e crianças como do poder destes sobre os primeiros, e, fazem parte da construção social da infância e das relações estabelecidas por seus atores com os atores das outras categorias geracionais[11].

4.4. Sentimentos em relação à infância vivida (rememorada): as imagens-chave

Até agora os dados referentes às memórias de infância foram explorados e, apesar de referirem-se à memória pessoal de cada entrevistado, apresentam regularidades coletivas de um grupo social, o que possibilitou identificar características da infância de uma época. À semelhança de James, Jenks e Prout (1998), é possível inventariar algumas imagens-chave identificadas ao longo dos relatos sobre o que, para estes sujeitos, significa ser criança tanto a partir de suas memórias como a partir de falas que buscaram conceituar o que pensam a respeito da infância nos dias de hoje.

Imagens-chave

Uma das principais imagens da infância está relacionada à brincadeira: a criança que brinca. Diferentes brincadeiras fizeram parte da história pessoal destes adultos,

---

[10] "Is there behind the widespread contention that children are and must be treated differently from adults an idea that can be confirmed, that children and adults are ontologically different? […] Questioning the principle of ontological differences between adults and children is a challenge to the ideological foundation for adults' "natural" right to exert power over children".

[11] Cf. sessão 1.2.2 do capítulo 1 sobre a perspectiva das imagens sociológicas da criança e infância.

distintas possibilidades e espaços para brincar estão evidentes em seus relatos, porém a brincadeira se mostra como uma característica que é comum às crianças. Felipe deixa esta ideia clara ao afirmar que *"falou infância lembro de brincadeiras"* e Suzana complementa tal ideia ao afirmar que *"ser criança pra mim é poder desfrutar de todas as brincadeiras, amizade com os amigos que é muito importante, que você carrega isso na memória pra toda sua vida"*. A criança social e seus amigos é também muito marcante nas memórias coletadas e está intimamente ligada às brincadeiras, Suzana, por exemplo, diz que foi criança *"até meados de 4ª, 5ª série. Que foi quando meus amigos foram indo embora e eu me vi meio sem amigos e, por mais que tivesse os amigos da escola, e, como eu te falei, eu morava longe, eu não tinha muito acesso de como encontrar com eles. Então meus vizinhos estavam ali [...] e a partir desse momento eu comecei a brincar menos, talvez. Acho que o brincar é o ser criança. E depois dessa fase, quando eles foram embora, eu deixei de brincar com eles e passei a brincar mais com meus irmãos, mas não era a mesma coisa, porque a gente achava que a brincadeira só se tornava mais animada quando tinha aquele grupo e aí eu acho que eu passei a deixar de ser criança"*. Apesar de ser esta uma situação de cunho pessoal, os outros relatos corroboram a importância das amizades para as crianças ao relatarem suas memórias com seus grupos de pares.

Uma terceira imagem-chave da infância vivida é a criança livre, ou nas palavras de Gabriel *"O que mais descrevia a minha infância é que eu fui uma criança livre. Eu vivi intensamente a minha infância. [...] [Ser criança é] é ser livre, é o ser livre, é o viver, é deixar viver"*. Alice complementa esta ideia *"eu acho que a gente tinha mais liberdade de brincar e aquela coisa e criar [...] era essa coisa de liberdade, não tinha medos: 'ai, será que vai aparecer um bandido', não tinha essas coisas, então era a liberdade mesmo, acho que foi essencial nessa época"*, assim como Érica em um primeiro momento ao falar do contexto em que foi criança e em outro momento ao definir o que é ser criança *"a gente tinha muita liberdade, a gente não tinha medo [...] eu acho que* [ser criança] *é se sentir à vontade, é ter liberdade de você fazer o que você tem vontade"*.

É interessante que nestas falas a liberdade assume dois significados, o primeiro relacionado à liberdade que tiveram de brincar na rua, passear pela cidade, andar livremente sem medo da violência. O segundo diz respeito à imagem da criança ser, de

certa forma, mais livre que os adultos e esta liberdade assemelha-se ao que Vanessa define como espontaneidade: *"mas é coisa de criança, ela é bem espontânea, talvez é isso. A espontaneidade também tem que continuar. [...] Criança fala o que pensa"*.

Outras imagens-chave mais pontuais apareceram nos relatos de Débora *"ser criança é o que eu tento passar pra minha filha, eu quero que ela se divirta muito, que ela aproveite muito, muito porque é uma coisa única. Ser criança é maravilho, você pode fazer tudo sem ter responsabilidade nenhuma, não precisa se preocupar com nada, então eu tento passar isso pra ela. Se divertir ao máximo"*. Neste depoimento a imagem-chave é a criança livre de responsabilidade, também expressado por Renata *"quando é criança não pensa em nada, só pensa em se divertir, comer, dormir"*, ou Felipe que afirma *"a responsabilidade é o momento que deixa de ser criança, que criança não tem responsabilidade. Você tem que obedecer, mas responsabilidade, noção real, não"*.

Este último depoimento além de definir a infância pela negativa, em alteridade à idade adulta responsável, Felipe indica outra imagem da infância: a criança obediente. Obedecer, não exclusivamente aos pais, mas aos adultos em geral, se relaciona com as posições ocupadas na estrutura social pelas categorias geracionais.

Por último, a imagem-chave da infância como "estado de espírito" ou a criança interior, quando ser criança não é determinado pela idade ou pelo pertencimento a uma categoria geracional, mas pelo fato de nunca deixar de ser criança, ou nas palavras de Alice *"essa coisa de resgatar a criança interior, de pôr pra fora [...] eu acho que a gente tem que ser um pouquinho, se não a gente fica muito chato. [...] Eu acho que é essencial, até pras crianças de hoje em dia, fica aquela coisa muito séria, muito marruda, mas eu acho que criança a gente tem que ser até... Eternamente"*.

Nesta mesma direção, Gabriel afirma quando questionado até quando foi criança *"até agora. Até agora. Não deixei de ser, ou passei, porque é o que eu falo, é o que vivi, é o que eu passo pras meninas, e eu continuo vivendo isso. Então assim, a gente vai, a gente sai pra ir pra parques, a gente sai pra ir pro Pico do Jaraguá. [...] E eu rolo na terra com elas, eu corro, eu brinco. Ainda está em mim isso, eu não deixei isso, eu não perdi isso, e espero não perder. É estar sempre nessa atividade, pra não deixar essa coisa morrer"*, assim como Vanessa *"eu acho que sempre [se é criança]. Porque a*

gente sempre tem um lado criança dentro da gente. Eu acho que se a gente buscar isso, sempre vai ter algo de criança que a gente quer fazer”.

Renata assinala que é possível ser criança *“até quando quiser. Porque a criança está dentro de você”* e para Fernanda se é criança *“a vida inteira. A vida inteira. Você consegue sobreviver se você for uma criança. Você administra qualquer situação como criança melhor do que como adulto. [...] Então eu acho que eu administro melhor as coisas quando eu levo as coisas na alegria do que na dor. Então eu sempre fui criança. Se você conviver comigo, você vai perceber. Tem horas que você tem vontade de jogar um tijolo na minha cabeça e eu estou me divertindo, mas não é que eu não sou adulta, eu sou adulta, mas eu deixo a minha criança falar primeiro. [...] É mais fácil”*.

Esta última imagem-chave parece indicar que a infância é definida por características vinculadas às imagens anteriormente expostas e não por ser uma categoria social distinta da idade adulta e que ser criança é partilhar destas características mais do que ser um ator alocado em uma determinada categoria da estrutura social. Não se pretende afirmar que ao dizer que “ser criança a vida inteira” cometa-se um ato de desrespeito às crianças e à infância, mas que se esta imagem existe é por que a infância enquanto uma categoria social e as crianças como atores e agentes sociais são ainda imagens pouco reconhecidas no senso comum e que representações coletivas acerca da infância numa perspectiva pré-sociológica são bastante significativas em nossa sociedade, ou, nas palavras de Sarmento (2007, p. 30)

> [As imagens pré-sociológicas] correspondem a tipos ideais de simbolizações históricas da criança, a partir do início da modernidade ocidental, com expressão conceptual na obra de filósofos ou outros homens do pensamento e da ciência, mas que se disseminaram no quotidiano, foram apropriados pelo senso comum e impregnam as relações entre adultos e crianças nos mundos de vida comuns. As imagens da “criança sociológica” correspondem, de facto, a diferentes teorias sociológicas e não têm nem a mesma espessura histórica nem a influência social que as imagens da “criança pré-sociológica” possuem, como constructos interpretativos que são diferentes modos modernos de “perceber” as crianças e de, em consequência dessa percepção, administrar a sua existência no quotidiano.

Infância de hoje em dia

A infância e as possibilidades de vida das crianças foram percebidas pela maioria dos entrevistados em condições desiguais às suas próprias. Para Fernanda *"ser criança hoje é mais sacrificado que em relação à minha época. Mais sacrificado porque elas são bombadas da hora que elas acordam até a hora que elas deitam com informações novas"*, Suzana afirma *"eu vivi uma infância melhor do que elas. Pelo fato de eu ter vivido no sítio e ter esse contato com a terra, o ambiente externo, mais externo do que interno"* e Felipe acredita que *"a infância hoje não é uma infância tão legal quanto a nossa"*.

Estes depoimentos indicam que os adultos acreditam que no intervalo de tempo em que eles foram crianças e hoje, quando seus filhos o são, uma mudança ocorreu nas possibilidades de vida das crianças e que tal mudança foi para pior. Atribuem a isto diversos motivos, entre eles a desocupação das ruas por parte das crianças.

Os entrevistados que comentam esta desocupação a relacionam ao contexto que se vive hoje, à violência das grandes cidades, ao perigo das drogas e à falta de relações entre as famílias vizinhas. É possível perceber, por seus depoimentos, que responsabilizam de certa maneira as crianças que não gostam de brincar na rua como eles gostavam, segundo Felipe *"hoje se não tiver nada é que vai [brincar na rua ou fora de casa]"* ou Alice *"eu lido com uma faixa etária de crianças [...] então elas vão lá pra brincar [...] e eu vejo a dificuldade delas de brincar, mas quando eu proponho uma atividade, uma dinâmica, uma brincadeira, por mais que elas sejam mais velhas, quinze, dezesseis anos, elas se divertem aos extremos"*, mas principalmente ao mundo, perigoso e violento, em que vivem e a eles mesmos exercendo papéis de pais.

Felipe e Alice afirmam que existem muitos medos por parte dos pais em deixar as crianças brincar na rua, da mesma forma Renata revela que *"não tem aquela coisa, com certeza não vai ter mais, não sei no interior ainda tem, de ficar na rua não tem mais. Se você tem medo de quem é seu vizinho [...]. A infância agora é você pegar seus filhos e sair com eles, levar pra um shopping, levar pra um parque, uma área livre"*. Suzana complementa essa ideia *"hoje minhas filhas brincam mais dentro de casa, aliás, só dentro de casa, e não têm aquele contato com o ambiente externo, onde você pode explorar brincadeira mais diversas possíveis. Então enquanto você está no ambiente*

interno, você está limitada a brincar no computador, ou brincar de boneca, naquele espaço limitado que é o espaço dentro da sua casa", assim como Gabriel que reconhece que as crianças não brincam mais rua, porém *"eu pessoalmente acho que ainda é possível viver dessa forma [livre]. A coisa está mais, o mundo está mais escancarado, porque foi o que disse, o perigo, sempre existiu. Sempre teve pessoas usando drogas, sempre teve assalto, sempre teve tudo. O problema é que hoje a coisa está mais banalizada"*.

O consumo também foi posto em questão por Érica, Vanessa e Renata e com ele vem a perda *do "lado artesanal da criança que é bom existir não tem mais. Eles acham que é bobagem, eles acham que é coisa que não vale, que não tem importância"* (Vanessa). Érica levanta ainda outra questão *"Hoje em dia eu vejo diferente. Eu tenho dó, mas eu acho que a criançada está terminando a infância antes. Então lá pelos doze anos você já vê as meninas como moças, já arrumando o cabelo, pintando a unha, não que eu não acho que tenha que ter vaidade, mas eu acho muito cedo."*, o que condiz com a ideia de Alice de que *"a partir dos onze anos eu vejo que elas estão tudo madura: 'não, nós somos crianças maduras, a gente não brinca mais, imagina, brincar na rua, brincar de boneca, nem pensar', elas nem sabem mais brincar de boneca hoje em dia. Então eu acho que elas estão se podando mais, estão sendo maduras antes do tempo, então é bem complicado. Essa coisa da sexualidade, eu estou achando que está muito cedo"*.

Um quinto ponto sobre a infância contemporânea é a televisão, o computador, a internet, enfim, os meios de comunicação em geral. Para Felipe *"a infância hoje está muito também na questão da televisão. Muito presa, fixa à televisão"*, ponto levantado por Érica *"Hoje em dia a mídia pressiona, tem uma propaganda você vê uma menina toda glamorosa, coisa e tal, daí as crianças, as meninas pequenas se sentem envergonhadas de não seguir aquilo"*, Gabriel *"hoje em dia a criançada, o pessoal é muito videogame, internet e televisão"*, Vanessa *"Eles têm acesso ao computador, ao videogame e muito contato com a televisão [...]. Que a televisão está vindo com tanta notícia ruim que elas já começam a viver naquilo, a viver dentro desse mundo ruim que não enxergam o que é bom pra eles que é viver a infância"* e Alice *"as crianças estão muito informatizadas"*.

Destacam-se nestas falas a crítica ao excesso da televisão e outros meios de comunicação nas vidas das crianças hoje em dia, curiosamente eles mesmos relatam a presença dos programas televisivos em suas vidas e muitas vezes os objetos da brincadeira eram os personagens de desenhos animados, ou o assunto a ser tratado entre os pares. Isto demonstra que eles também assistiam à televisão e incorporavam os personagens em suas brincadeiras. Por que motivo parece ser tão difícil reconhecer isso e ao mesmo tempo perceber que a televisão pode ser para as crianças hoje em dia fonte de inspiração de brincadeiras e conversas entre seus pares como foi para estes adultos?

A Sociologia da Infância defende cada vez mais que as pesquisas com crianças "busquem re-estabelecer as crianças como atores por seus próprios méritos"[12] (QVORTRUP, 2000, p. 106) e que as crianças sejam compreendidas como informantes competentes em pesquisas, "aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito" (DELGADO, MÜLLER, 2005, p. 172). Ao que parece, esta área do conhecimento vem desde o último quarto do século passado e ainda hoje salientando a importância de pesquisadores deslocarem-se de sua posição adultocêntrica para reconhecer a infância a partir do ponto de vista de seus atores, estabelecer o reconhecimento de outra categoria geracional a partir de si mesma. Se para a pesquisa tanto se ponderou a este respeito, uma resposta possível à indagação anterior está na dificuldade de uma categoria se colocar no lugar da outra, ou seja, atores sociais de uma categoria geracional ponderar sobre as vidas dos atores de outra categoria a partir de seus pontos de vista.

Em contrapartida há o reconhecimento de que as crianças são mais espertas do que eles foram quando crianças, nesta linha de pensamento Fernanda comenta que sua filha *"tem umas iniciativas privadas, umas atitudes dela que me deixam de cabelo em pé. Que eu não tinha nessa época quando criança. Sabe, eu acreditava mesmo em Papai Noel, em fada, em pirilampo, em borboleta azul. [...] É da água para o vinho a diferença. Eu acho que ela não vai ter esse problema, não tem essa de Papai Noel"*, assim como Alice afirma que as crianças hoje não são mais tão ingênuas como ela era.

O tempo que as crianças permanecem nas instituições de educação (na creche que os filhos dos entrevistados frequentam as crianças normalmente permanecem em período integral) e em outras atividades foi tratado em algumas entrevistas, como no relato de Renata *"eu trabalho o dia inteiro, meu marido também, a Estela fica aqui* [na

[12] "seeking to re-establish children as actors in their own right".

creche] *integral, o Edu fica na escola, e vai pra casa, e vai pro inglês, vai pra informática, vai pra natação, quando vai ver já é noite e está cansado, aí pronto"*.

Débora, ao contrário, percebe melhora qualitativa entre a infância que teve e as possibilidades de sua filha, afirmando que *"hoje ela passeia muito mais, ela tem muito mais brinquedos do que tinha antes. [...]. Hoje em dia as coisas deles são mais eletrônicas [...]. A [infância] dela é mais divertida do que a minha"*. Sua fala parece indicar que apesar da diferença de categoria geracional é capaz de reconhecer as possibilidades de vida de sua filha a partir do ponto de vista das crianças hoje, valorizando o que hoje está disponível às crianças e que, em certa medida, caracteriza esta geração de crianças.

De maneira geral falar a respeito da infância nos dias de hoje não se mostrou uma tarefa trivial nas entrevistas. As crianças hoje são, ao mesmo tempo, filhos, sobrinhos, alunos, filhos de amigos, crianças que encontram pelas ruas, etc. Em contrapartida, em suas memórias estes adultos reencontraram uma criança bastante conhecida e específica: eles mesmos.

Ao término desta pesquisa parece claro que duas forças principais influenciam a maneira de se imaginar a infância e as crianças: as experiências vividas e as imagens socialmente construídas. Deste modo encerra-se a análise dos dados obtidos durante a pesquisa que aqui se apresenta. Não se pretende com tal análise esgotar as possibilidades ou afirmar que somente estes dois aspectos são relevantes à imaginação da infância, mas revelar os achados de uma pesquisa que se constituiu em uma ação ao mesmo tempo social, cultural e localizada geográfica e historicamente, assim como são as imagens da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância como um conceito abstrato é passível de diferentes interpretações e concepções, conforme esclarecido no início desta dissertação e, em sendo uma construção social e histórica está sujeita a reconfigurações, mudanças e continuidade de valores a ela atribuídos. Buscou-se ao longo do texto explorar estas diferentes concepções e imagens da infância para responder ao problema central desta pesquisa: quais as imagens da infância de adultos.

O uso de narrativas de memórias de infância mostrou-se frutífero para analisar as diferentes forças responsáveis pela construção destas imagens. Ao mesmo tempo, a partir do aporte da Memória Coletiva foi possível compreender que embora tivessem sido relatadas memórias de cunho individual estas estão ao mesmo tempo inseridas e impregnadas da Memória Coletiva de nossa sociedade.

Com o propósito de tornar os sujeitos de pesquisa conhecidos foram organizados retratos dos mesmos, nos quais se privilegiou as informações fornecidas que estavam relacionadas com suas formas de compreender a infância.

A Sociologia da Infância, ainda que seja um campo em construção, foi fundamental para fomentar a concepção de infância norteadora da pesquisa. Além disso, as teorias provenientes deste campo abrangem grande parte do referencial teórico utilizado na análise dos dados.

Este estudo procurou fazer uso tanto da Sociologia da Infância quanto da Memória Coletiva para compreender o que um grupo de nove adultos pensa a respeito da infância, de um tempo passado e de um tempo presente e foi possível perceber que tanto as experiências vividas como as representações sociais de infância estão presentes nas imagens da infância do grupo pesquisado.

Se por um lado os achados com este grupo não podem ser generalizados, afirmando que em todo e qualquer caso, em toda e qualquer circunstância a infância será concebida a partir do entrecruzamento de memórias e representações, é possível identificar características da infância passíveis de generalização no coletivo de entrevistas, conforme foi categorizado na análise dos dados.

Uma questão relevante encontrada nesta pesquisa diz respeito às diferenças de posição social ocupada na perspectiva geracional e o que isso acarreta para a compreensão da infância. No caso desta pesquisa tal diferença determinou os modos pelos quais os adultos enxergam a infância nos dias de hoje, em especial em comparação com os modos de vida das crianças hoje em dia, qualificando suas infâncias pessoais[1] como melhores que a de seus filhos.

Pergunta-se neste momento: será? Será que se pode qualificar as infâncias pessoais dentro desta lógica dual melhor-pior? Será que é possível categoricamente afirmar que apenas alguns determinados parâmetros podem definir o que caracteriza a infância? Será que as possibilidades que as crianças hoje têm fazem de suas infâncias pessoais melhores do que a de seus pais? Débora, uma das entrevistadas, acredita que sim.

O objetivo da pesquisa aqui apresentada não foi o de responder a estas perguntas, surgidas ao seu final, porém, tais indagações parecem indicar que a ideia muito difundida que, pelo fato de já termos todos sido crianças, sabemos o que é infância e o que é melhor para as crianças se faz presente.

Para finalizar, gostaria de retomar a inspiração desta pesquisa “meu filho não tem infância”. Por tudo aqui apresentado, em especial, considerando o caráter estrutural da infância parece que este tipo de aflição, afirmação ou conclusão a partir do olhar adulto sobre os modos de vida das crianças não pode se sustentar. É verdade que os mundos sociais das crianças e suas possibilidades são hoje muito diferentes daquelas que outrora existiram. A violência, o perigo, a institucionalização das crianças desde muito cedo, a desocupação das ruas, o difundido acesso aos meios de comunicação e ao mundo digital e virtual são realidade em grandes centros urbanos, realidade esta que modifica não só os mundos sociais de crianças, mas também de adultos.

Sabendo que esta pesquisa não esgota a busca pela compreensão da infância e de suas imagens, espera-se que seja possível, através do olhar adulto numa perspectiva alteritária, fornecer alguns esclarecimentos e pistas que possam, ao menos contribuir para o questionamento e, quem sabe, alguma mudança nas relações entre adultos e crianças que são, invariavelmente, determinadas por interesses e poder (QVORTRUP, 1994).

---

[1] Qvortrup (2009) utiliza o termo *infância pessoal* para designar o período ao longo da vida de cada um no qual se era um ator social da categoria infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANEN, Leena. Estudos feministas / Estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: CASTRO, Lucia Rabello de (Ed.). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2001, pp. 69-92 (Coleção Infância e adolescência no contemporâneo)

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia da pesquisa. In**: Educação e Sociedade**. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. V.26, nº 91. Campinas: CEDES, 2005, pp. 419-442

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BECKER, Howard S. A História de Vida e o Mosaico Científico. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1994, pp. 101-115

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990

_____. **A energia espiritual.** Trad. Rosemary C. Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

BOURDIEU, Pierre; Compreender. In: _____ (Ed.). **A miséria do Mundo**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005. (Coleção Passo-a-passo; 57)

CORSARO, William. **The sociology of childhood**. Thousand Oaks. Pine Forge Press, 1997.

_____. Entrada no campo, aceitação, e a natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: **Educação e Sociedade**. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. V. 26, nº 91. Campinas: CEDES, 2005

CRUZ, Silvia H. V. (Ed.). **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DAHLBERG, Gunilla. MOSS, Peter. PENCE, Alan. Constituindo a primeira infância: o que achamos que isto seja? In: _____. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003

DELGADO, Ana C. C. MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. In: **Cadernos de Pesquisa**, V.35, nº 125, 2005

DOZOL, Marlene de Souza. **Rousseau**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIA, Ana Lúcia G. De; DEMARTINI, Zeila B. F.; PRADO, Patrícia D. (Ed.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças.Campinas, SP: Autores Associados, 2002 (Coleção educação contemporânea).

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

FERREIRA, Manuela. **A gente gosta é de brincar com os outros meninos**: Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto: Edições Afrontamento, 2004a

_____. Do avesso do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituinte(s) das crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, Manuel J. CERISARA, Ana B. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004b

FIORI, Wagner R. Modelo psicanalítico. In: RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais. Vol.1. São Paulo: EPU, 1981

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Memórias de vida, memórias de guerra**: uma investigação psicológica sobre o desenraizamento social. 2002. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1935

_____. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBES DE MALMESBURY, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1974.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5ª Ed.São Paulo: Perspectiva, 2001.

JAMES, Allison. JAMES, Adrian L. **Constructing childhood**: theory, policy and social practice. Hampshire / New York: Palgrave Macmillan, 2004

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. **Theorizing childhood**. Cambridge: Polity Press, 1998.

JENKS, Chris. Constituindo a criança. In: **Educação, Sociedade e Culturas**. Crescer e aparecer ou... para uma sociologia da infância. N. 17. Porto: Afrontamento, 1994, pp. 185-216.

_____. **Chilhood**. 2nd. edition. London/New York: Routledge. 2005

LIMONGI, MARIA Isabel. **Hobbes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. In: **Cadernos de Pesquisa**. Trad. Neide Luzia Resende. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 112 (mar/2001), 2001, pp. 33-60

MORAES, Dislane Z. Fontes (auto)biográficas na pesquisa em educação: "um relógio solar histórico-sociológico". In: BARBOSA, R. L. L. PINAZZA, M. A. **Modos de narrar a vida:** cinema, fotografia, literatura e educação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

MOURITSEN, Flemming. Child culture – play culture. Working paper #2. In: GULDBERG, J. MOURITSEN, F. MARKER, T.K. **Child and youth Culture**. Odense: Odense University, Department of Comtemporary Cultural Studies, 1998. Disponível em: <http://www.sdu.dk/~/media/Files/Information_til/Studerende_ved_SDU/Din_uddannelse/Kultur_og_formidling/WorkingPapers/02_ChildCulture_PlayCulture%20pdf.ashx>, acesso em 03 de novembro de 2009.

NASCIMENTO. Maria Letícia B. P. A criança como objeto de estudo sociológico: a emergência da sociologia da infância. In: São Paulo: FEUSP/SEE/Fundação Vanzolini, 2003.

_____. Panorama das concepções e representações da infância: "invenção", "naturalização" e complexidade. In: SAETA, B.R.P.; SOUZA NETO, J.C. de; NASCIMENTO, M.L.B.P. **Infância**: violência, instituições e políticas públicas. Vol.2. São Paulo: Expressão e Arte, 2007

NUNES, Maria F. R. CORSINO, Patrícia. A institucionalização da infância: antigas questões e novos desafios. IN: CORSINO, P. (org.). **Educação infantil:** cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009

OLIVEIRA, Marta K. REGO, Teresa C. AQUINO, Julio G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. In: Pro-Posições. V. 17, nº2 (50) – maio/ago. 2006

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro, 1989, PP. 3-15

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre "infância como um fenômeno social". In: **Eurosocial Report**, n. 47. 1993. Tradução de Maria Letícia Nascimento, para utilização em disciplina do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

_____. Childhood Matters: an introduction. In: _____. *Et al.* (Eds.). **Childhood Matters:** Social Theory, Practice an Politics. Aldershot: Avebury. 1994.

_____. A infância na Europa: novo campo de pesquisa social. In: CHISHOLM, Lynne et al. (eds.). Growing up in Europe. Berlin/New York: De Gruyter, 1995. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/jensqvortrup.pdf>, acesso em 11/07/2008.

_____. Childhood and Societal Macrostructures. In: GULDBERG, J. MOURITSEN, F. MARKER, T.K. **Child and Children's Culture**. Odense: Odense University, Department of Comtemporary Cultural Studies, 1999

_____. Generation – an important category in sociological childhood research. In: **ACTAS** do Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância. Vol.*2*. Braga: Instituto de Esrudos da Criança – Universidade do Minho, 2000

_____. Sociology of Childhood: Conceptual Liberation of Children. In MOURITSEN, Flemming.; _____. (eds.) **Childhood and Children's Culture**. Odense: Odense University Press, 2002. (Recebido por e-mail em 01/07/2008)

_____. Varieties of Childhood. In: _____ (ed.). **Studies in modern childhood:** society, agency, culture. Basingstoke, Hampshire / New York, N.Y.: Palgrave Macmillan, 2005, pp. 1-20

_____. Bem-estar infantil numa era de globalização. In: SAETA, B.R.P.; SOUZA NETO, J.C. de; NASCIMENTO, M.L.B.P. **Infância**: violência, instituições e políticas públicas. Vol.2. São Paulo: Expressão e Arte, 2007.

_____. Childhood as a structural form. In: _____. CORSARO, W. HONIG, M.S. (Eds.) **The Palgrave handbook of childhood studies**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

REDIN, Marita M. **Experiência estética e memórias de escola:** "porque é de infância... que o mundo tem precisão"! 2008. Tese (Doutorado em Educação) – UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, livros I e II, pp. 7-210

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social.** São Paulo: Annablume, 2003

SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: In: _____. CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e Miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. V.26, nº 91. Campinas: CEDES, 2005, pp. 361-378

_____. Visibilidade social e estudo da infância. In: SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, Vera M. R. de (orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin editores, 2007.

_____. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: _____. GOUVEA, Maria Cristina S. de. **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, pp. 17-39 (Coleção Ciências Sociais da Educação).

SILVA, Helenice R. da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 22, n. 44. São Paulo, 2002, PP. 425-438. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=en&nrm=iso>, acesso em 20/03/2010.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 112 (mar/01), 2001,pp. 07-31.

_____. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. In: **Educação e Sociedade**. Sociologia da infância: pesquisas com crianças. Vol. 26, n. 91. Campinas: CEDES, 2005, pp. 535-62.

SOARES, Natália F. SARMENTO, Manuel J. TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. 2004. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/InvestigacaoDaInfancia.pdf>, acesso em: 11/10/2008

SOARES, Natália F. A investigação participativa no grupo social da infância. In: **Currículo sem fronteiras**, v.6, nº1, pp.25-40, 2006

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entr História Oral e as memórias. In: **Projeto História.** Vol. 15, São Paulo: PUC-SP, 1997, PP. 51-84.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N. et. al. (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp.287-309

ANEXO A – Brincadeiras e brinquedos presentes nas entrevistas

Brincadeiras e brinquedos citados (em ordem alfabética)									
	Gabriel	Suzana	Fernanda	Felipe	Débora	Alice	Renata	Érica	Vanessa
Amarelinha						X			
Atari				X					
Baralho									X
Barbie						X			X
Basquete	X		X						
Bicicleta	X		X			X		X	
Bola				X			X	X	
Bolinha de gude		X			X				
Bomba			X						
Boneca					X	X		X	X
Cabana		X		X		X			
Carrinho de Rolimã					X			X	
Casinha						X		X	X
Come-come				X					
Copinha								X	
Corda							X		
Corre-cotia									X
Correr					X		X		
Dançar			X						
Enduro				X					
Esconde-esconde			X	X		X	X		X
Espada				X			X		

	Gabriel	Suzana	Fernanda	Felipe	Débora	Alice	Renata	Érica	Vanessa
Estilingue	X								
Família		X		X					
Faz de conta								X	
Fofão					X				
Fogão								X	
Futebol				X					
Ginástica			X						
Handebol							X		
Imitar filme/ desenho/ personagens de TV				X	X	X	X	X	
Mãe da rua				X		X			
O que é o que é								X	
Panelinha								X	
Patins			X		X				
Pega-pega						X		X	
Pipa		X		X	X				
Polícia e ladrão				X					
Professora								X	
Pula-sela (mana-mula)				X			X		X
Queimada			X	X	X		X	X	
River Ride				X					
Roupa de lençol						X			
Seu mestre mandou								X	
Stop									X

	Gabriel	Suzana	Fernanda	Felipe	Débora	Alice	Renata	Érica	Vanessa
Subir em árvore		X	X		X	X			
Suzi								X	
Taco	X					X			
Teatro	X					X			
Vídeogame				X					
Vôlei									X

ANEXO B – Quadro de consulta rápida

Entrevistado	Ano de nascimento	Formação do entrevistado	Profissão do entrevistado	Com quem mora	Estilo de narrativa
Gabriel	1978	Ensino Técnico (Eletrotécnica)	Técnico de laboratório	Esposa, duas filhas e uma enteada	A narrativa foi construída em torno do tema liberdade
Suzana	1967	Ensino Superior (Processamento de Dados)	Autônoma automação comercial	Marido e duas filhas	Narrativa centrada nas brincadeiras e grupo de pare
Fernanda	1960	Ensino Superior (Comunicação Social)	Analista de comunicação	Marido e filha	Narrativa construída a partir de lembranças que geraram outras, como um fio da memória
Felipe	1976	Ensino Superior (Tecnólogo em Mecânica)	Técnico de laboratório e professor em curso técnico	Esposa e dois filhos	Sua narrativa foi construída centrada nas lembrança que envolvem os amigos e brincadeiras
Débora	1985	Ensino Superior (Cursando Estética)	Área administrativa em hospital	Com uma filha	Narrativa composta por diversos temas, principalmente sobre que mais gostava
Alice	1974	Ensino Superior (Educação Física)	Professora de Educação Física	Com uma filha	A narrativa tem como foco brincadeiras e grupo de pares
Renata	1978	Ensino Superior (Ciências Biológicas)	Técnica de laboratório	Marido e dois filhos	Narrativa construída a partir de lembranças do que mais gostava
Érica	1968	Ensino Superior (Pedagogia)	Trabalha em biblioteca	Marido e filho	Sua narrativa foi construída a partir de lembranças d brincadeiras e amigos
Vanessa	1981	Ensino Técnico (Secretariado)	Secretaria do setor acadêmico de Faculdade	Marido e três filhos	Narrativa construída por lembranças de brincadeira e do que mais gostava

ANEXO C

Roteiro de Entrevista

O que ***caracterizava*** a infância "de ontem" (*contextos, espaços, relações sociais, cultura de pares, cultura infantil, eventos*)
Me conte como foi a sua infância.
Como foi 'ser criança' na sua época?
E isso foi em que década?
o que é mais marcante, que lembranças de infância vêem à mente
Do que **mais** gostava?
Do que **não** gostava?

contextos
Local onde morava (casa, apartamento, bairro)
Como era a vida no contexto familiar (com quem morava, quem cuidava, convivência)

relações sociais
Pertencia a algum grupo "fixo" de amigos?
Quem eram os amigos mais próximos?
Tinha algum líder?
Relações na escola (se surgir – não vou perguntar)
Quem eram os companheiros / amigos?

cultura de pares
Brincadeiras favoritas?
Brinquedos
Comidas
Medos

Cultura infantil
Ídolos de infância
Filme, música, programa favorito
Você acha que tinha alguma coisa comum que caracterizava não só a sua infância, mas de todas as crianças que cresceram nos anos 19--?

Espaços
Viagens – se ia, pra onde, qual a diferença de casa

Complete a frase: ser criança é...
Até quando se é criança?
Se você pudesse descrever em poucas palavras, como era ser criança na sua época?
Razões que o levaram a aceitar participar
Saber se tem ainda alguma dúvida